



James Gerald Coutinho Marko

Juan Bautista Alberdi na imprensa fluminense
As diferentes faces do letrado-estadista nas décadas de 1840-1860

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura, do Departamento de História da PUC-Rio.

Orientação: Prof^a. Maria Elisa Noronha de Sá

Rio de Janeiro
Fevereiro de 2022



James Gerald Coutinho Marko

Juan Bautista Alberdi na imprensa fluminense
As diferentes faces do letrado-estadista nas décadas de 1840-1860

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura, do Departamento de História da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo:

Prof^a. Maria Elisa Noronha de Sá

Orientadora

Departamento de História - PUC-Rio

Prof. Diego Galeano

Departamento de História - PUC-Rio

Prof^a. Maria Victória Barata

Universidad de Buenos Aires/CONICET

Rio de Janeiro, 23 de fevereiro de 2022

Todos os direitos reservados. A reprodução, total ou parcial, do trabalho é proibida sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

James Gerald Coutinho Marko

Possui graduação em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2017). Experiência em pesquisa na área de História intelectual e História Transnacional, com ênfase em: história intelectual, histórias cruzadas, histórias conectadas e história transnacional. Pesquisando principalmente sobre os seguintes temas: letrados argentinos do século XIX, Juan Baustista Alberdi, Domingo Faustino Sarmiento, pensamento político da Geração Romântica de 37 no século XIX, nação, identidade nacional, Guerra do Paraguai, Império do Brasil, imprensa.

Ficha Catalográfica

Marko, James Gerald Coutinho

Juan Bautista Alberdi na imprensa fluminense : as diferentes faces do letrado-estadista nas décadas de 1840-1860 / James Gerald Coutinho Marko ; orientadora: Maria Elisa Noronha de Sá. – 2022.
163 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)—Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de História, 2022.
Inclui bibliografia

1. História – Teses. 2. História Social da Cultura – Teses. 3. Juan Bautista Alberdi. 4. Imprensa. 5. Império do Brasil. 6. Confederação Argentina. 7. Século XIX. I. Sá, Maria Elisa Noronha de. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de História. III. Título.

CDD: 900

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Aos professores que tiveram muita paciência em lidar com a minha pessoa durante a graduação e o mestrado, Ilmar de Mattos, Marco Antonio Pamplona, Diego Galeano, Marcelo Jasmin, Maurício Parada, Flávia Eyler, Diego Galeano, Regiane de Mattos, Henrique Estrada, Marcos Veneu e Eduardo Wright Cardoso. Obrigado a todos vocês por fortalecerem minha paixão pela História.

Agradeço a professora Maria Victória Baratta que deu dicas e encorajou meu trabalho para além das fronteiras brasileiras e por acreditar na minha pesquisa contribuindo com detalhes e observações que serviram de guia para o rumo desta dissertação. Por mais breve que tenha sido nosso encontro no Zoom, gracias por todo!

À minha mestra/orientadora/guru Maísa, por ter me aceitado em sua pesquisa no PIBIC, por ter escutado meus devaneios com interesse genuíno, por ter ouvido minhas reclamações com humor e, principalmente, por ter me ensinado e incentivado a percorrer esse caminho. Concluo esta etapa em minha eternamente grato a você. Obrigado!

À equipe do Departamento de História, ao Claudio que sempre está sorrindo, à Cleusa que sempre errou meu nome para me provocar com carinho, à Anair que sempre tem as informações de última hora, ao Igor e a Débora que sempre foram muito solícitos. Obrigado pelos sorrisos, cafés, papos descontraídos e por sempre ajudarem quando precisamos. Este departamento não é nada sem vocês. Faz tanto tempo que não vou ao departamento que nem eu mesmo sei se ainda estão todos por lá, mas agradeço mesmo assim, pois fizeram parte da minha formação na PUC, Obrigado!

À toda a minha família, à minha granny Audrey que me ensinou a gostar de história quando era moleque, aos meus tios que sempre estiveram presente em minha vida, aos meus primos que são os irmãos que nunca tive. A Regininha que sempre cuidou de mim. Ao meu pai, que mesmo longe sempre apoiou minhas escolhas. Thanks for the support, you weirdo. Luv ya man!

Aos meus “brothers from another mothers”, Moraes, Helder, Júlio, Colin, Gustavo, Matheus, Chico. Muito obrigado pela amizade e pela constante troca de insultos carinhosos. Aos amigos/irmãos que tive a sorte de conhecer ao longo de toda minha trajetória na PUC: Sergio Villela, André Guilherme, Kamal Bretas, João Rodrigo, Bernardo Cezimbra.

A Juliana Sabatinelli, minha colega de pesquisa e hermana desde da graduação que me aturou, me guiou e serviu de exemplo quando estava perdido no mestrado. Um grandíssimo Obrigado! A Liliam Lopes, que esteve em contato comigo durante esse tempo todo me incentivando e ouvindo meus desabafos sobre o desafio de produzir uma dissertação em um cenário de incertezas como este que enfrentamos agora.

E agradeço em especial minha mãe, que no meio dessa pandemia sempre me acalmou e me ensinou a lidar com pressão. Que sempre apoiou e incentivou todas as minhas escolhas, por servir de exemplo, por estar sempre junto e por ter me moldado no ser humano que sou. Te amo mãe! Sei quem sou hoje por causa de você.

Resumo

MARKO, James Gerald Coutinho. **Juan Bautista Alberdi na imprensa fluminense. As diferentes faces do letrado-estadista nas décadas de 1840-1860.** Rio de Janeiro, 2022. 163p. Dissertação de Mestrado - Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Durante as décadas de 1840 e 1860, Juan Bautista Alberdi consolidou o seu legado como uma personalidade de importância na história do que hoje compreendemos como Argentina. Em sua trajetória como exilado do regime de Rosas, autor intelectual da Constituição de 1853, servidor do corpo diplomático e ferrenho opositor da Guerra do Paraguai, o Império brasileiro esteve presente de alguma maneira em sua vida ao longo desses anos. Suas opiniões registradas, públicas ou não, em relação a “monarquia dos trópicos” oscilando durante as diferentes etapas de sua vida e tais opiniões não passariam despercebidas pela imprensa da capital do Império. O presente trabalho procura, então, abordar a trajetória de vida do letrado e a maneira pela qual alguns de seus escritos foram apresentados para os leitores dos jornais no Rio de Janeiro nos recortes temporais propostos. O objetivo é mostrar que no período no qual houve uma intencionalidade no estabelecimento de projetos nacionais, a imprensa foi instrumental para letrados, que como Alberdi, usufruíram de uma linguagem impressa que contribuiu para a construção de narrativas e identidades nacionais.

Palavras-chave

Juan Bautista Alberdi, Imprensa, Império do Brasil, Confederação Argentina, Século XIX

Abstract

MARKO, James Gerald Coutinho. **Juan Bautista Alberdi in the press of Rio de Janeiro The different faces of the writer-statesman during the decades of 1840-1860.** Rio de Janeiro, 2022. 163p. Dissertação de Mestrado - Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

During the 1840s and 1860s, Juan Bautista Alberdi consolidated his legacy as an important personality in the history of what we now understand as Argentina. In his trajectory as an exile from the Rosas regime, intellectual author of the Constitution of 1853, servant of the diplomatic “corps” and staunch opponent of the Paraguayan War, the Brazilian Empire was somehow present in his life throughout these years. His registered opinions, public or not, in relation to the “monarchy of the tropics” fluctuated during the different stages of his life, and such opinions would not go unnoticed by the press in the capital of the Empire. The present work seeks, therefore, to approach the life and trajectory of the intellectual and the way through which some of his writings were presented to the reading public in Rio de Janeiro in the proposed timelines. The objective is to show that in the period in which there was an intention to establish national projects, the press was instrumental for the literate people, who, like Alberdi, benefited from a printed culture that contributed to the construction of national narratives and identities.

Key-words

Juan Bautista Alberdi, Press, Empire of Brazil, Argentine Confederation, 19th century

Sumário

1- Introdução.....	09
2- Capítulo 1: Nascimento, formação, oposição e exílio	17
3- Capítulo 2: Parteiro da Constituição de 1853, conselheiro e diplomata	53
4- Capítulo 3: Inimigo do Império, traidor da República e defensor da causa paraguaia.....	99
5- Conclusão.....	155
6- Referências Bibliográficas.....	157
7- Fontes.....	162

Introdução

O século XIX para as jovens nações do continente sul americano, em específico Brasil e Argentina, pode ser estudado, por exemplo, na relação interestatal entre os dois países em um período muito específico, de projetos políticos e nacionais que estavam em um processo de consolidação de novas identidades. O desafio de se construir uma história que busque analisar eventos que trespassam fronteiras, é focar em uma determinada fonte de estudo mas sem desconsiderar as variáveis de um contexto mais amplo. Ao longo do processo de formação desses dois países, se produziu uma ampla coleção de documentos, principalmente sobre suas relações políticas. Cabe ao historiador, portanto, escolher um olhar - ou olhares - mecanismos que ajudem a entender melhor as relações entre nações em estágios embrionários na América do Sul e de como em um contexto de afirmações nacionais, fatores internos e externos oriundos de suas próprias especificidades influenciaram nesse processo de construção de identidade tanto de um como de outro.

Dentre essas fontes, a imprensa se revela extremamente útil, sendo ela um dos principais veículos de informação do século XIX e difusora de ideias dos vários intelectuais que atuaram na formação nacional e na política brasileira e argentina. Foi através do usufruto da imprensa que os letrados puderam debater e atuar nos problemas de seus países, estando no território, em situação de exílio ou em missão no exterior.

Na Argentina, intelectuais da *Generación de 37* foram responsáveis pela produção de inúmeros documentos que são considerados a essência da nação argentina em um contexto de busca da ordem política, de organização nacional e de embates internos e externos na Argentina. Domingo Faustino Sarmiento, Juan Maria Gutierrez, Esteban Echeverría e Juan Bautista Alberdi são alguns dos nomes em destaque neste contexto.

Tendo em vista os caminhos como intelectual e representante internacional que Juan Bautista Alberdi trilhou, o letrado deixou vasta produção de escritos, públicos, cartas, documentos políticos diplomáticos e panfletos entre as décadas de 1840 e 1860, período no qual produziu durante boa parte de sua vida fora da Argentina. Sua produção intelectual é tema de inúmeros trabalhos na historiografia brasileira e argentina que abordam, além do legado intelectual que

produziu referente a sua nação, suas opiniões e reflexões sobre o Império do Brasil.

O presente trabalho, portanto, pretende analisar a trajetória de Alberdi entre o período destacado através de escritos que foram publicados na imprensa brasileira e atribuídos a sua pessoa, citando-o diretamente ou não. As variações da sua escrita na formulação de sua opinião, feita pública ou não, de acordo com o contexto e sua trajetória como intelectual e a reação na imprensa da capital imperial. A ideia é destacar sua atuação na construção de um projeto nacional e de como suas ideias foram recebidas pelos diferentes líderes argentinos de sua época e pelos órgãos de imprensa do Rio de Janeiro.

A imprensa, com sua materialidade no papel impresso e a efetiva força das palavras e significados que fazia circular, atua como um fator importante na perspectiva de uma análise transfronteiriça que foi adotada nesta empreitada, promovendo olhares cruzados¹ sobre os contextos em questão, tanto no Império do Brasil quanto na Argentina de Alberdi. O usufruto dessa tecnologia no século XIX no continente sul americano foi eficaz na disseminação de ideias, locais ou internacionais, foi considerada uma invenção que tiraria o ser humano de uma espécie de letargia psicológica, transmitindo novas ideias e despertando a curiosidade pelos assuntos dos espaços onde eram publicados. Aumentando o apelo para a questão nacional, em um mundo onde a transformação e o dinamismo tornavam-se gradativamente a norma. Ampliando a velocidade e diminuindo o tempo de circulação de informações em um mundo cada vez mais interconectado.²

No primeiro capítulo, aborda-se o contexto político e histórico no qual Alberdi se formou como intelectual. Nessa trajetória, seu exílio, a viagem para Europa, a passagem dele no Brasil, suas reflexões sobre o país e sua chegada no Chile fazem com que possa canalizar sua energia através da imprensa contra o governo de Juan Manuel de Rosas na Confederação Argentina, talvez o primeiro

¹ Esse “olhar cruzado” procura utilizar uma abordagem que vai além de uma comparação dos objetos de análise, o foco principal procura entender as percepções recíprocas ou os processos entrelaçados que exercem influências mútuas um ao outro. Ver: SÁ, Maria Elisa Noronha de. *Juan Bautista Alberdi e o Império do Brasil*. Olhares cruzados sobre a construção das nações no século XIX. Almanack, Guarulhos, n. 25, 2020.

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-46332020000200505&lng=en&nr_m=iso>. Acesso em 04 de dezembro de 2021, p.5-6.

² GOLDGEL, Víctor. *Cuando lo Nuevo Conquistó América*. Prensa, Moda y Literatura en el siglo XIX. Buenos Aires: Editorial Siglo XXI, 2013. p. 80-81.

alvo notório de sua pena e tinta. Nessa conjuntura, nota-se uma maior simpatia, na esfera pública em relação ao Império do Brasil no intuito de arrumar aliados contra Rosas, considerado um tirano pelo letrado. Salienta-se também o breve contexto em que Alberdi esteve no Rio de Janeiro e seus registros pessoais sobre o modelo imperial. As características e observações que o letrado destacou em seus escritos servem como ponto de contraste interessante entre o que realmente pensava sobre a sociedade imperial e a maneira pela qual a imprensa da capital imperial o “recebeu” em um primeiro momento.

A partir da década de 1850, com a derrubada de Rosas, o capítulo dois aborda os escritos de Alberdi em um momento inicial no Chile. A produção da obra “*Bases y puntos de partida para la organización política de la República Argentina*” (1852), sua difusão e o uso do documento como base para a Constituição de 1853 são centrais já que o mesmo fora o suficiente para destacar o letrado entre seus compatriotas nesse período delicado de organização nacional. Como consequência de sua atuação fecunda no Chile e a produção desta obra, a década de 1850 também contou com a atuação de Alberdi como servidor do corpo diplomático da Confederação Argentina sob a liderança de Justo José de Urquiza e a análise de cartas oficiais, registros pessoais em que o letrado-estadista³ fala sobre o Império do Brasil. Esses são documentos importantes neste capítulo em conjunto com as repercussões dos mesmos na imprensa fluminense. Conectando as temáticas deste capítulo em diante, observa-se também a atuação do letrado-estadista como representante de um projeto nacional de um Estado que se encontrava em uma delicada dinâmica de disputa com a província de Buenos Aires e de como essa situação interferia nas relações do Império com essas “duas Argentinas”.

A década de 1860 com o fim da Confederação Argentina e a ascensão de Bartolomé Mitre na liderança de um novo projeto nacional, a vida do letrado como *persona non grata* na Argentina mitrista foi um dos pontos de partida do capítulo três. A chegada da Guerra do Paraguai e a repercussão dos escritos do

³ Termo utilizado por Ori Preuss em sua obra, “Bridging the Island: Brazilians' Views of Spanish America and Themselves, 1865–1912. Do original “writer-statesman”. Preuss usa o termo para designar os indivíduos que combinaram uma mentalidade/pensamento nacional e a ação política na tradição do “writer-statesman” latino americano do século XIX. Em outras palavras, foram letrados que em determinado ponto exerceram funções em seus respectivos Estados-nação. Tradução livre. Como recurso narrativo, o termo será somente utilizado enquanto Alberdi ocupa sua cadeira de Encarregado de Negócios da Confederação Argentina.

letrado sobre a guerra, seu posicionamento e sua atuação através da imprensa fazem com que o leitor tenha contato com um Alberdi mais experiente, ressentido e descrente do futuro argentino. A imprensa do Rio de Janeiro demonstra sua importância neste capítulo como principal espaço de denúncia dos escritos do letrado produzidos durante o conflito. Alberdi é chamado de “inimigo”, acusado de ser o principal expoente da propaganda paraguaia e anti-brasileira na Europa, é tratado como um antagonista pela narrativa de alguns jornais fluminenses para marcar e justificar o posicionamento do Império diante do confronto que crescia em impopularidade devido a imprevista durabilidade.

O que é possível notar, em um primeiro momento nesse vasto recorte temporal, é a variação de opinião de acordo com fatores externos e políticos. Se em um contexto Alberdi defende o Brasil, em outro mostra-se suspeito aos interesses geopolíticos do Império no Prata, ao passo que em outros escritos ataca veementemente o regime monárquico e a prática da escravidão do Brasil de modo a desqualificar o Império. Sem dúvidas, o contexto avança ao longo dos escritos do letrado e as muitas faces de um mesmo Alberdi fazem com que o presente trabalho seja complexo e analítico em relação às fontes aqui selecionadas. Outro ponto a ser levado em consideração em suas menções na imprensa fluminense, é a percepção em relação à reputação e ao legado intelectual do letrado também encontra variações de tom, independente do contexto, em mais de uma ocasião o nome de Alberdi aparece sendo atribuído a algumas de suas obras para firmar determinados argumentos nos respectivos periódicos brasileiros

Em termos gerais, o conjunto de ideias aqui desenvolvido está inserido no campo da História Intelectual, sobretudo aquelas voltadas à dimensão da construção, consolidação e circulação de saberes no contexto latino-americano. Também abordaremos a natureza dos escritos do letrado, a partir de um referencial que pretende ir além de uma tradição crítica consolidada no cenário europeu, pensando na aplicação de uma escrita especificamente nas características que adquire no contexto da América Latina no século XIX. Significa pensá-la, aqui, como uma área que se preocupa com artefatos intelectuais diversos, situados para além dos saberes institucionalizados e normativos construídos em ambientes acadêmicos e universitários.

Dentro deste campo, o trabalho se utiliza dos métodos e estudos presente na História intelectual latino-americana que tem se preocupado em revisitar

determinadas questões por meio de outras perspectivas, procurando observar com cuidado as formas de pensar, agir, imaginar e lidar com as sociedades. De acordo com Jorge Myers, sendo um “campo flutuante e de fronteiras difusas”, a história intelectual conversa com a história das ideias – bem como os historiadores alemães de final do século XIX e importantes trabalhos contemporâneos entendem e desenvolvem – e a história dos intelectuais, seguindo algumas perspectivas defendidas por Pierre Bourdieu e Michel de Certeau.⁴

A história intelectual latino-americana vem se destacando no cenário historiográfico nas últimas décadas com a proposta de perceber a mutação dos objetos ao longo do acontecimento histórico, o que possibilitaria múltiplas interpretações de acordo com os fatos. Para isso, tem procurado usar não somente a produção intelectual ou oficial em si, mas todas as formas de expressão que deem aos historiadores diferentes maneiras de pensar os acontecimentos históricos. A proposta dessa história intelectual é observar os acontecimentos históricos através da ideia de sujeito coletivo que se expressa por meio de linguagens, vocabulários, expressões artísticas, colunas de opinião, cartas pessoais e colunas jornalísticas.

Acrescidos a essa perspectiva, vamos atentar para o contexto no qual está inserida a trajetória de Alberdi, uma história intelectual que passa inevitavelmente por áreas das histórias política, social, cultural e global⁵. Este diálogo com outras ferramentas de análises históricas é de suma importância para uma melhor compreensão deste estudo, principalmente com em relação a circulação de ideias e informações através da imprensa, já que o trabalho foca sobre a relação entre as obras produzidas em vida de Alberdi e as suas repercussões na imprensa da capital do Império do Brasil.

⁴ MYERS, Jorge. *Músicas distantes. Algumas notas sobre a história intelectual hoje*: horizontes velhos e novos, perspectivas que se abrem. In: SÁ, Maria Elisa Noronha (org.) **História intelectual latino-americana**: itinerários, debates e perspectivas. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2016, p. 24.

⁵ O termo “global” aqui utilizado, não significa uma análise da trajetória de Alberdi com a ausência de limites e fronteiras ou que aborde uma totalidade planetária dos processos históricos, afinal o letrado participou ativamente na construção de uma nação em um recorte temporal e espaços específicos. Auxiliado por essa perspectiva, objetivo é reforçar como a circulação de ideias e materiais, principalmente informação, através das fronteiras se interconectavam através das jovens nações do continente sul americano. Ver: CONRAD, Sebastian. *What is Global History?* Princeton: Princeton University Press, 2016. p. 95.

Ainda que seja um trabalho que perpassa pela História Intelectual, há um esforço de buscar maneiras de se construir uma narrativa histórica sem as limitações de um cânone nacional e como projetar uma pesquisa que evite uma perspectiva eurocêntrica, tanto ao levantar suas questões investigativas quanto ao chegar suas interpretações conclusivas. Para se encaixar na narrativa do letrado, além do contexto de maneira geral, o espaço e tempo histórico precisam ser reconsiderados a partir do uso dessas ferramentas de análise “globais” com o objetivo de encontrar maneiras de escrever a história em igualdade de circunstâncias, de modo que atores, como Alberdi, em qualquer lugar do mundo são considerados válidos dentro dessas narrativas. Esta história transnacional e multilíngue encontra seus locais em muitos espaços e diferentes temporalidades que inevitavelmente exercem influência para além de seu local de origem. A narrativa, apesar de um contexto específico de afirmação de identidades nacionais, não deve ser limitada pelo espaço e mentalidade nacional, nem expressada e narrada em apenas uma só língua.⁶

Então ao ampliarmos o foco de análise para interconexões, cruzamentos e contatos existentes entre intelectuais, letrados, suas redes, ideias e como estas circulavam, nos possibilita mostrar que, contrariamente a uma visão mais tradicional, que insiste em negar a existência de importantes contatos e intercâmbios culturais e seus vizinhos hispano-americanos durante o século XIX, intelectuais, periodistas e políticos, como Alberdi sempre olharam para a situação dos vizinhos no continente, com quase tanto interesse e afínco quanto o faziam com relação às experiências européias ou norte-americana, EUA em específico.⁷ Esse olhar para outro se evidencia pelos escritos do letrado sobre o Brasil e as diferentes maneiras que o letrado foi representado pela imprensa fluminense, positivas ou não.

As interconexões e vínculos entre os povos, nações e Estados serão aqui expostos sem necessariamente abandonar as particularidades contidas em cada uma dessas entidades. Percorrendo um território cultivado por mais de um século através da história das relações diplomáticas - e por estudos internacionais. A

⁶ SCHULZ-FORBERG, H. (2013). *The spatial and temporal layers of global history: a reflection on global conceptual history through expanding Reinhart Koselleck's Zeitschichten into global spaces*. Historical Social Research, 38 (3), p. 41. <<https://doi.org/10.12759/hsr.38.2013.3.40-58>> Acesso em 15 de janeiro de 2022.

⁷ SÁ, Maria Elisa Noronha de. *Op. Cit*, p.6.

perspectiva que aqui utilizamos busca expandir o registro das atividades abordadas inseridas em seu campo de estudo. Ao longo dos seguintes capítulos, vamos utilizar como ferramenta os caminhos de análise que tentam exemplificar, em conjunto com o contexto no qual está inserido Alberdi, as interseções e conexões, escritos de natureza epistolar, privada ou pública entre os atores e agentes históricos, atentando para a circulação de impressos e ideias impulsionadas por estados-nação como parte de um esforço diplomático deliberado ou produzido espontaneamente, além das interferências de associações profissionais e cívicas, levando em consideração os suportes tecnológicos e a logística para comunicação tendendo a reduzir distâncias entre as regiões e continentes do século XIX.⁸

Esses atores históricos buscam interesses ou concretizar desejos e ideias moldando sua própria experiência, se encaixando em diferentes contextos. Eles moldam espaços e tempos que se tornam parte da história que se constrói através deles. Trabalhar com uma história voltada para o aspecto intelectual inserida em uma perspectiva global deve, portanto, assumir como a sua principal lente, a malha de interesses e de conflitos, tensões e contradições que, vem à tona como o agenciamento heterogêneo de espaços e tempos em uma história que não se limita somente a uma narrativa limitada para uma análise mais tradicional.⁹

A dissertação, em outras palavras, é um esforço de se construir uma narrativa sobre Juan Bautista Alberdi a partir de uma diversidade de perspectivas, abordagens e questões nos recortes temporais propostos, tendo a imprensa da capital do Império do Brasil, como um dos principais motores dessa narrativa. Inserindo-a nos debates caros à História Intelectual mas que se utilizam de ferramentas analíticas de outros campos da história, que possibilitam um maior entendimento no contexto geral. A ideia é operar com conceitos e mecanismos

⁸ A natureza deste tipo de documento que foi utilizado ao longo deste trabalho compartilha com a autobiografia e as memórias uma relação entre as circunstâncias pessoais e as do ambiente histórico, político, social e cultural em que essa prática é exercida. Através da análise destes documentos, é possível estudar a dinâmica desses aspectos contextuais é essencial para reconstruir os códigos que sustentam o processo de produção de sentido. A complexidade desta aproximação às tensões pessoais e épocas que a escrita contém se acentua quando se trata de notórios correspondentes, como Alberdi, com escritos públicos produzidos em paralelo, unidos pela paixão política e pela necessidade de definir posições em momentos de apreensão. Ver: PAGLIAI, L. *Alberdi y la Guerra del Paraguay: las cartas del “ilustre finado” en la operación cultural de la Filología*, n. 44, vol. 11, p.166.

⁹ CHIGNOLA, Sandro. *Global Spaces/Global Times: Reconsidering the History of Political Concepts*. *Conceptos Históricos*: Ano 6, n. 9, 2020. p.216.

discursivos que possibilitam pensar a especificidade da área em relação a outros campos, além de colocar-se em contato com reflexões e apontamentos sobre o tema, levando em consideração a produção intelectual do letrado, seu contexto e os diferentes tratamentos que o mesmo recebeu na imprensa do Rio de Janeiro ao longo das décadas aqui analisadas.

1

Nascimento, formação, oposição e exílio.

O Velho Mundo no início do século XIX, principalmente seus grandes impérios, enfrentava momentos críticos que de alguma maneira estavam desestabilizando a ordem política que ali havia se estabelecido. Na Espanha por exemplo, que havia participado anteriormente das guerras revolucionárias a partir de 1792¹, o esforço de guerra resultou no enfraquecimento de seu efetivo bélico e eventualmente a sua capacidade de gerenciar suas fronteiras coloniais. Com as Guerras Napoleônicas chegando em seu território, o império espanhol atravessaria um momento extremamente delicado de crise política que transbordaria para o outro lado do Atlântico. A invasão francesa ao território espanhol, resultou na derrocada da Junta de Sevilha em 1810, esta havia sido formada para representar o que restava do governo espanhol em 1808 durante a ocupação napoleônica². A notícia da queda da Junta, que havia sido reconhecida como legítima por boa parte dos territórios ultramarinos espanhóis, alcançou o continente sul americano. Em busca de uma maior autonomia, as elites criollas³ das colônias hispano-americanas criaram juntas de governo como maneira de preservar a ordem em meio a uma situação de crise, entre elas se encontrava a cidade de Buenos Aires.⁴

Em maio de 1810, a elite criolla de Buenos Aires se mobilizou para depor o vice-rei Baltasar Hidalgo de Cisneros e tomar de fato o poder político do Vice-Reino do Rio da Prata. Através dessas mobilizações e objetivos, os habitantes da cidade iniciaram o que ficou marcado como Revolução de Maio. Ainda neste mesmo mês, a revolução foi consumada, o representante da Espanha fora deposto e assumia o criollo Cornélio de Saavedra. Este acontecimento marca

¹ Foram conflitos militares que se estenderam de 1792 até 1802, logo após a Revolução Francesa. Pode ser considerado o conflito antecedente às Guerras Napoleônicas. Essa série de conflitos influenciaram nos rumos das colônias hispânicas e lusitanas no Novo Mundo.

² Uma forma de governo provisório em decorrência da vacância do trono causada pela invasão de Napoleão.

³ Na América espanhola, criollo, em geral, designa uma pessoa descendente de europeus que tenha nascido na América. Os filhos dos grandes aristocratas europeus - em especial espanhóis - que tinham filhos nascidos em terras americanas, chamavam a seus filhos de criollo.

⁴ MYERS, Jorge. *A Revolução de independência no Rio da Prata e as origens da nacionalidade argentina (1806-1825)*. IN: PAMPLONA, Marco Antonio, SÁ, Maria Elisa Noronha de (orgs). **Revoluções de independências e nacionalismos nas Américas**. Região do Prata e Chile. SP: Paz e Terra, Coleção Margens, vol. 1, 2007, p. 68-69.

o câmbio dos poderes políticos, onde os líderes espanhóis foram substituídos pela elite local que buscava de fato estabelecer uma experiência política autônoma, rompendo laços com a metrópole. De maneira resumida, é o início do processo de independência no vice-reino do Rio da Prata.⁵

Apesar do ano de 1810 marcar o início do processo de independência, a história da formação da Argentina durante o século XIX foi o palco de constantes disputas políticas que estavam longe de serem resolvidas com a queda do vice-reinado. O início desta década foi caracterizado por diversos processos e tentativas de constituir uma nova ordem estabilizada e legítima após a antiga nos moldes coloniais ter sido rompida.

A tomada de Buenos Aires por parte do grupo favorável à independência do Rio da Prata serviu de alavanca para que a independência política fosse de fato consumada, em nove de julho de 1816. Ao assumir o poder, o objetivo dessa nova elite dirigente era constituir uma nova organização e experiência política voltada para os interesses sociais, de maneira que o projeto daqueles que participaram da Revolução de 1810, renovaria os aspectos sociais e econômicos da região resultando na criação de um novo país. Mesmo com um pequeno atraso para a independência ser formalmente declarada, aqueles que se propuseram a dirigir essa nova experiência política, instituíram uma ordem política que rompia com os aparatos de dominação do formato absolutista e ao longo deste período, diversos decretos foram promulgados que aboliram títulos de nobreza e o regime de castas, exercendo a liberdade de imprensa e por fim, estabelecendo o princípio de que a soberania residia no povo.⁶

Foi exatamente neste período de incertezas, esperanças e tensão política, que vinha ao mundo, Juan Bautista Alberdi. Nascido em 29 de agosto de 1810, na província de Tucumán, filho de Salvador de Alberdi, um respeitado comerciante que havia lutado contra os ingleses em 1806 – 1807 e de Josefa Paz de Figueroa e Ibáñez del Castrillo uma poetisa de “sensibilidade especial” e membro de uma das famílias mais proeminentes de sua província. Podemos deduzir que o tucumano

⁵ *Op cit*, pp.73-74.

⁶ *Idem*, pp. 74-75.

deve ter herdado a energia e interesse pelo engajamento político do pai e o gosto pelas letras da mãe, que infelizmente pereceu em seu parto.⁷

Seu pai participou ativamente das questões políticas de seu tempo e, em 1816, quando a independência foi formalmente declarada⁸, participou do Congresso de Tucumán em 24 de março, onde lhe foi concedido a “cidadania da nova nação”, assumiu diversos cargos, de alcaide a juiz de primeira instância e em 1821 foi designado pela Corte de Justiça Provincial, para mediar um tratado com o coronel Alejandro Heredia da província de Salta que avançava em direção a Tucumán. O tratado foi rejeitado pelo governador Bernabé Aráoz⁹, parente e amigo próximo de Salvador, o que provocou outra escaramuça e em 1822 juntou-se à assembleia que foi reunida para conceder poderes extraordinários para Aráoz. Fato que resultou em uma grande depressão devido à decepção que teve com Aráoz, a quem era próximo. Sua tristeza foi registrada nas palavras de seu filho; “*no era enemigo del dictador, sino de la dictadura*”. Salvador viria a óbito naquela mesma noite.¹⁰

Enquanto a nação embrionária na qual nascera Alberdi passava por esse processo de lutas e experiências políticas dentro de seu território durante e após o processo de rompimento com a metrópole espanhola, Portugal, que em 1808 havia transmigrado a sua corte para o continente sul americano, percebeu a instabilidade no vizinho como uma oportunidade para avançar em direção a Região do Prata. Movimento que resultou na incorporação da Banda Oriental, atual Uruguai, e na criação do Reino Unido de Portugal, Algarves e Brasil. Após a independência do Império do Brasil em 1822, ainda pertenceria ao conjunto de províncias brasileiras até 1825, culminando com a formação do Estado Oriental do Uruguai.¹¹ Essa dinâmica regional entre as jovens nações que ali estavam se consolidando se tornaria cada vez mais complexa conforme os Estados tomavam corpo e desenvolviam interesses próprios nos campos da economia e da geopolítica.

⁷ MAYER, J. M. *Alberdi y su tiempo*. Buenos Aires: Eudeba, 1963. p.19-20.

⁸ Nominalmente, aquela primeira experiência política se chamaria de Províncias Unidas do Prata.

⁹ Governador e caudilho da província de Tucumán durante as décadas de 1810 e 1820.

¹⁰ MAYER, J. M. *Op. cit.*, pp.31-32.

¹¹ DORATIOTO, Francisco. *O Brasil no Rio do Prata (1822-1994)*. Brasília: FUNAG, 2014. p.18-19.

Alberdi, que tinha apenas 11 anos quando nasceu o Império do Brasil, ficou sob os cuidados de seu irmão mais velho e de sua irmã. Sua educação primária se deu em uma das escolas fundadas por Manuel Belgrano¹², figura que havia sido crucial durante as guerras de independência e principal incentivador de um sistema educacional nacional unificado. Em 1824, a sua vida toma um rumo inesperado, foi sorteado com uma bolsa de estudos criada por Bernardino Rivadavia¹³. A bolsa, tinha o objetivo de “recrutar” seis jovens das Províncias Unidas e custear os estudos dos mesmos em Buenos Aires, dois iriam para os estudos eclesiásticos e quatro para o *Colegio de Ciencias Morales*.¹⁴

Quando chegou na cidade de Buenos Aires, começou a definir os primeiros marcos de uma biografia intelectual. Entre o descontentamento descarado que o *Colegio* lhe provocava com a monotonia das lições, Miguel Cané Sênior o apresentou a um autor do outro lado do continente, Rousseau e sua filosofia se tornaram as favoritas do jovem Alberdi por muitos anos.¹⁵

No ano seguinte, em 1825, Alberdi abandonaria os estudos mas permaneceria em Buenos Aires. Neste ano, se iniciava uma das primeiras guerras interestatais entre as jovens nações da região do Prata, A Guerra da Cisplatina. Esta, ainda era um resquício das lógicas geopolíticas coloniais portuguesa e espanhola que tiveram continuidade mesmo após os processos de independência.¹⁶ Em consequência deste conflito, o rapaz presenciou um combate entre as Províncias Unidas do Rio da Prata com o jovem Império do Brasil, que de acordo com o mesmo era possível escutar os estrondos dos canhões. Em 11 de junho de 1826 testemunhou o evento que ficou conhecido pela historiografia argentina como o Combate naval de los Pozos, travado muito próximo da cidade de Buenos Aires. Durante esse período Alberdi passou a se dedicar à leitura e lembra com

¹² Participou da Revolução de Maio de 1810 e atuou no primeiro momento de organização nacional da Argentina. Em mais de um escrito é lembrado por Alberdi com afeto. Entre suas políticas foi o que mais deu mais ênfase à promoção da educação para o povo que se constituía naquele início de século.

¹³ Outra figura central no processo inicial de organização nacional daquele território. Rivadavia também é lembrado com carinho por Alberdi, sendo mencionado como um dos principais fundadores daquela nação pelo letrado.

¹⁴ MAYER, J. M. *Op. Cit*, p. 36-37.

¹⁵ TERÁN, Oscar. *Las palabras ausentes*: para leer los Escritos póstumos de Alberdi. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2004. p.12

¹⁶ DORATIOTO, Francisco. *Op. Cit*, p.21.

carinho de uma obra intitulada “*Las Ruinas de Palmira*”¹⁷. Segundo o letrado, conforme escutava e ouvia relatos da guerra, escapava para a leitura do livro que abordava com uma certa crueza e realismo a passagem do tempo e a insensatez da destruição humana.¹⁸

Esse conflito em específico envolvendo o Império e o fato de Alberdi ter visto os horrores de uma guerra relativamente de perto, podem ter contribuído para a formulação de seu pensamento relacionados ao Brasil e a natureza guerra de maneira geral. Em 1827, decide retomar os estudos no *Colegio de Ciencias Morales*, no mesmo ano em que Rivadavia renunciou à sua posição no governo. A partir deste período a jovem nação entraria em um momento conturbado de disputas bipartidárias que resultariam em mais de uma guerra civil ao longo dos anos de organização interna. E no ano de 1829, assume o cargo de governador da província de Buenos-Aires, o primeiro inimigo e alvo da pena e tinta do letrado, o caudilho Juan Manuel de Rosas.¹⁹

Durante esse período de disputas internas, Alberdi concluía o *Colegio de Ciencias Morales* em 1831, aos 21 anos e, no início do ano seguinte, ingressava na Universidade de Buenos Aires no curso de Jurisprudência. Neste período entrou em contato com teorias de direito natural e civil oriundas da Europa e da “Grande República do Norte”. Lia autores como, Adam Smith, Bastiat, Benjamin Constant, Bentham, John Stuart Mill, Montesquieu, Foustel de Coulanges, panfletos da França revolucionária, a Constituição espanhola liberal de 1812 (Cádiz), os escritos de Jefferson, os papéis dos federalistas, Madison, Hamilton, Jay e uma miríade de autores iluministas e contemporâneos.²⁰

Esses autores internacionais proporcionaram para os letrados da geração de Alberdi uma maior amplitude na compreensão da sua realidade algumas décadas após a sua independência, inseridos dentro de um processo complexo de autorreflexão e debates sobre a problemática nacional. Afinal qual era o seu lugar

¹⁷ Obra produzida pelo francês, conde de Valney. O título da obra condiz com o seu título, trata-se da contemplação das ruínas da cidade de Palmira quando visitou a Síria no século XVIII. As reflexões do conde sobre a destruição causada pela violência e barbárie relacionados ao discurso moralista utilizado para justificar as atrocidades do colonialismo pela lente iluminista parecem ter agradado a Alberdi durante essa experiência.

¹⁸ MAYER, J. M. *Idem*, p.47.

¹⁹ *Op Cit*, p.60-61.

²⁰ *Idem*, p.88-89.

neste mundo gradativamente interconectado e para onde iriam? As lentes das experiências europeias e norte-americanas eram interpretadas e reinterpretadas por indivíduos como Alberdi que as adaptavam para o seu contexto sul americano na primeira metade do século XIX, revelando um olhar transfronteiriço na busca por arcabouços teóricos e práticos em sua jornada de construção da identidade nacional.

Durante este período onde o letrado olhava “para fora” para poder pensar no olhar “para dentro”, Juan Manuel de Rosas se confirmava como governante da agora extinta Províncias Unidas do Prata Naquele mesmo ano, Juan Manuel de Rosas reassumiria o cargo de governador da província de Buenos Aires e em 1835 através da *Suma do poder público*, tomaria o controle de fato da então batizada de Confederação Argentina. Inicialmente, as províncias que aceitaram a liderança rosista foram Buenos Aires, Santa Fé e Entre Rios. Com o passar do tempo, Corrientes e as demais províncias interioranas aceitariam a figura do Rosas, desde que este governasse mediante a tratados que preservasse as autonomias de cada uma. Buenos Aires seria considerada a província principal da Confederação, devido a sua localização no litoral e seu porto que possibilitava acesso logístico aos demais países. Rosas assumiu a responsabilidade de se projetar nas questões envolvendo política externa e no âmbito doméstico, governaria sem uma constituição nacional e sem instituições reguladoras. Foi instaurada uma forma de governo que resultou no término aparente das guerras civis entre federais e unitários, tudo isso devido à mão de ferro de Rosas.²¹

Durante os anos iniciais da Confederação de Rosas, Alberdi iria fazer parte um movimento na história da Argentina considerado como o primeiro de natureza intelectual que tinha como objetivo a transformação cultural do país e focado primordialmente na construção de uma identidade nacional. Esse movimento contou com a participação de escritores, periodistas, profissionais liberais e homens que exerciam, e vieram a exercer, funções de Estado.²² O nascimento deste movimento ocorreu em um domingo em meados de junho de 1837 na inauguração do Salão Literário de Marcos Sastre. Entre os presentes na

²¹ MYERS, Jorge. *Op. Cit.*, p. 82-83.

²² *Idem*, p. 383.

inauguração se encontravam Alberdi, Sastre, seus pares e amigos do *Colegio de Ciencias Morales* e da Universidade de Buenos Aires, tais como Juan Maria Gutierrez, Vicente F. López, entre outros.²³ Os indivíduos que passaram a integrar esse movimento eram originários de províncias diferentes daquele território, com ideias e percepções, divergentes ou convergentes, todos participantes adotaram para si o debate e a compreensão de uma questão nacional.

A produção intelectual desta geração envolvia diversas áreas do conhecimento, filosofia, história, economia, artes, periodismo político e etc. O conceito de Nação foi adotado como temática principal em um país em fase embrionária como a Argentina e com um futuro de possibilidades e incertezas. Foi estabelecido que toda discussão, produção e publicação deveria estar sujeita às exigências e os desafios impostos por um novo país. A principal tarefa era conseguir reunir um conhecimento adequado e adaptado a sua realidade dentro daquela conjuntura política a fim de definir a sua identidade nacional. “O estudo do nacional”, como foi proclamado como objetivo principal por Alberdi em seu discurso no Salão Literário de 1837, iria se tornar o fio condutor de toda essa geração literária.²⁴

A *Generación de 37* se constituiria de maneira consciente para imaginar, debater e construir projetos nacionais que condiziam com a sua realidade local, suas inspirações vinham de outras regiões, outras línguas e outros contextos que eram filtrados pelo olhar de indivíduos como Alberdi²⁵. As doutrinas absorvidas por essa geração variavam do sansimonismo ao ecletismo, das posturas liberais mais radicais às posturas conservadoras mais reacionárias. Cada vertente

²³ MAYER, J. M. *Op. Cit*, p. 138.

²⁴ Esse movimento intelectual inspirado pelo romantismo vindo de fora do continente, também fora conhecido como *Salón Literário*, *Asociación de la Joven Generación Argentina* e *Asociación de Mayo*. MYERS, Jorge. *La revolución en las ideas: la generación romántica de 1837 en la cultura y en la política argentinas*. In: GOLDMAN, Noemí. **Nueva Historia Argentina**. Tomo 3. Buenos Aires: Sudamericana, 1998. p. 384.

²⁵ Aqui me apoio nas ideias elaboradas por Benedict Anderson devido a própria natureza e intenção deste movimento intelectual naquele contexto. Ainda que exista um debate amplo sobre a definição e origem de Nação, este trabalho não tem a pretensão de dissecar o complexo conceito e sim partir do pressuposto de que uma nação é uma comunidade política construída, soberana e limitada por fronteiras na qual os habitantes que ali vivem possuem um senso de camaradagem horizontal e compartilham de fatores em comum, por exemplo; língua, costume, história e etc. Esse contexto e essa definição, me parecem se encaixar na conjuntura na qual Alberdi estava inserido. Ver: ANDERSON, Benedict. *Imagined communities: reflections on the origin and spread of nationalism*. London: Verso, 2006. pp. 6-7.

ideológica seguida por aqueles indivíduos foram tão originais e diversas quanto as suas personalidades e locais de origem. Neste período, os românticos deram extrema importância a “novidade”, de estar a par dos últimos acontecimentos, invenções e modas que apareciam nos países europeus ou nos EUA.²⁶ Um olhar comparativo em relação ao externo, o “outro”, podemos afirmar que foi adotado como uma ferramenta reflexiva por esses letrados, este mecanismo de análise pode ser percebido em diferentes produções do letrado ao longo de sua trajetória.

Os integrantes dessa geração, eventualmente, se sentiriam na tarefa de ampliar o alcance de suas ideias e debates e como principal veículo de disseminação, se utilizaram da linguagem impressa. Alberdi encabeçou esse movimento fundado pelo periódico *La Moda*. Seu primeiro número veio a público em 18 de novembro de 1837, contava entre os colaboradores seus amigos Juan María Gutiérrez, Vicente Fidel López e entre outros membros do movimento de 37.²⁷ Em termos de formato, o periódico era uma leitura mais curta, mais dinâmica e menos custosa que um livro e incorporava bastante a “fome de novidade” experimentada em um mundo cada vez mais interconectado. Era um meio de acessar e disponibilizar com maior facilidade, os novos conhecimentos científicos, literários, técnicos e políticos desenvolvidos na Europa e no experimento republicano dos Estados Unidos da América.²⁸

A criação deste órgão de imprensa inaugurou para o letrado um ciclo de produção que praticamente não abandonaria ao longo de sua trajetória, Alberdi daria início a sua paixão de produzir na pena e papel, seus pensamentos, e principalmente, opiniões e projetos nacionais disseminá-las com a ajuda do alcance da linguagem impressa. Nesse contexto, o letrado era abertamente crítico a maneira pela qual Juan Manuel de Rosas conduzia aquela jovem Argentina e em 1837 publica uma obra intitulada “*Fragmento preliminar al estudio del derecho*”.

²⁶ MYERS, Jorge. *Idem*, p. 385.

²⁷ MAYER, J. M. *Op. Cit.*, 1963. p.146.

²⁸ Membros da Geração de 37, como Alberdi e Domingo F. Sarmiento, tinham uma admiração pela “Grande República do Norte”, e em mais de uma de suas produções buscaram inspiração na experiência republicana norte-americana para pensar a construção de seu próprio país. GOLDGEL, Víctor. *Cuando el Nuevo Conquistó América*. Prensa, Moda y Literatura en el siglo XIX. Buenos Aires: Siglo, 2014. p.59.

Uma breve análise do direito na Argentina Rosista, o letrado concede a Rosas o título de “*persona grande y poderosa que preside nuestros destinos públicos.*”²⁹

A discordância entre Alberdi e outros membros de sua geração em relação a gestão de Rosas passa a ganhar mais notoriedade e por fim acaba atraindo a atenção do caudilho que passou a interpretar que os debates sobre a situação política da nação poderiam ameaçar seu governo. As reuniões dos integrantes da Geração de 37 passaram a ser visadas pela organização para-policial rosista, *La Mazorca*, esta respondia diretamente ao governador de Buenos Aires e sua atuação envolvia atividades de inteligência e intimidação, repressão e violência. Todos os envolvidos com o movimento romântico de 37 passaram a ser suspeitos de conspiração, independente do bipartidarismo vigente naquele contexto argentino.³⁰

Em 1838, Rosas passa a lidar com problemas internos e externos, guerra civil com outras províncias e um bloqueio naval francês que fechou o Rio da Prata e o acesso comercial ao porto de Buenos Aires. No norte da Confederação Argentina rosista, se iniciava um conflito internacional com a Confederação Peruano-Boliviana e o Chile, na Banda Oriental o general Colorado Fructuoso Rivera, contrário a política externa do caudilho argentino, assumiria a liderança em Montevideú.³¹ Esse cenário ampliou a tensão sofrida pelo caudilho, se na esfera internacional a situação era complexa, não podia se dar ao luxo de ter dentro de seu próprio território, uma possibilidade de desestabilização política. Inevitavelmente a violência desse período resultou no exílio dos membros da *Generación de 37*.

Em decorrência ao receio pela sua integridade física, em novembro de 1838, Alberdi parte para o exílio em Montevideú sob o governo Colorado de Rivera. De lá, começou sua colaboração como jornalista no *El Nacional*, continuando depois em *La Gaceta Mercantil* e no ano seguinte, com Miguel Cané, fundou a *Revista del Plata*. Durante a relativa segurança no exílio, continua combatendo Rosas através de seus escritos que ganhavam voz na imprensa uruguaia, publicava propostas, com a sua base de conhecimento jurídico, de

²⁹ TERÁN, Oscar. *Op. Cit*, p. 13.

³⁰ MAYER, J. M. *Op. Cit*, p. 169.

³¹ *Idem*, p.171-172.

projetos nacionais que se sujeitassem a pactos realizados entre os indivíduos, regulados por uma instituição de autoridade que garantisse todos os direitos naturais daquela população.³² O discurso contrário ao governo rosista que ali se desenvolveu passa gradativamente a ganhar uma forma de discurso de ação, em que o letrado não só denunciava ou criticava seu opositor, mas oferecia propostas e caminhos para uma nova organização da sua Argentina.

Apesar de longe da *La Mazorca*, principal grupo armado do rosismo em Buenos Aires, o local escolhido pelo letrado para o desterro em um primeiro momento se provou instável. A dinâmica bipartidária entre Colorados e Blancos no Uruguai iria se degenerar em uma guerra civil durante seu período de exílio.

A guerra, conhecida como Guerra Grande (1839-1851), teve início com uma sublevação do colorado Fructuoso Rivera apoiado por opositores do governo rosista contra o blanco Manoel de Oribe, apoiado pelo caudilho argentino. Essa situação interna no Uruguai se tornou extremamente delicada, transbordando para além de suas fronteiras. A situação regional neste final da década de 1830 e início de 1840 foi marcada pela maneira como situações no âmbito doméstico das jovens nações, iriam se transbordar para além de suas fronteiras. No Uruguai a guerra civil, na Confederação de Rosas, disputa entre unitários e federais e no Império, início de seu ciclo de revoltas e movimentos como, por exemplo, a Farroupilha no sul do país. Somados a isso, as potências europeias como Grã-Bretanha e França apoiaram a causa do livre-comércio defendida por Colorado Rivera.³³

O letrado se encontrava dentro de um contexto de guerra civil, com Rosas tendo vencido os conflitos internos na Confederação da Argentina podendo focar na Banda Oriental. Em 1843, Montevideu foi o centro de uma disputa que envolveu não apenas os exilados como Alberdi e o governo daquele país, mas, mais uma vez, forças estrangeiras. A capital oriental seria o palco de um cerco militar³⁴ realizado pelas tropas de Oribe e devidamente sustentado pela intervenção de Rosas. Tal intervenção desencadeou a reação da França e da

³² *Idem*, p.188.

³³ DORATIOTO, Francisco. *Op. Cit*, p. 23-24.

³⁴ Cerco ficou conhecido como o Cerco de Montevideu, durou de 1843 a 1851.

Inglaterra que, nesta ocasião, decidiram realizar um bloqueio em conjunto para defender os interesses dos países com os quais realizavam comércio.³⁵

Alberdi, em meio a um cenário de alta imprevisibilidade e incerteza, temia pela sua segurança, um sentimento que era compartilhado com os outros exilados políticos. Esse temor o levou a fugir para Europa, onde passaria viajaria pelo continente até retornar para a América do Sul no final daquele mesmo ano.³⁶

Em seu trajeto de retorno para o novo mundo, o letrado faz uma passagem pela capital do Império do Brasil, local que, apesar das diferenças culturais e linguísticas, também recebeu exilados da *Generación de 37* que fugiram do agravo da situação em Montevideu.

Neste recorte em específico de sua vida, a narrativa aqui elaborada tem o objetivo de reforçar a noção de uma relativa notoriedade do argentino para os consumidores letrados da capital imperial, ainda que não haja nenhum indício da interação direta do letrado com políticos e pensadores do Império nesta década, seja através das trocas de cartas privadas, abertas, polêmicas em periódicos ou de referências do próprio Alberdi de outros correspondentes sobre eventuais fontes de informação de seus pares letrados do Segundo Reinado.³⁷ Se fossemos buscar uma certa cronologia nas respectivas menções ou citações, a década de 1840 é onde o letrado aparece com uma recepção mais positiva na imprensa.³⁸ Podemos destacar o início dessas referências em 15 de dezembro de 1843, quando o letrado é citado apenas como um registro de passageiros estrangeiros que chegaram da Europa.³⁹

Em paralelo à pouca importância da sua menção na imprensa nesse primeiro momento, o letrado produziu um registro durante sua estadia no Rio de

³⁵ TERNAVASIO, Marcela. *Historia de la Argentina*. 1806-1852. Siglo XXI, Buenos Aires, 2009., p.234.

³⁶ MAYER, J. M. *Op. Cit*, p. 293-294.

³⁷ PAGLIAI, Lucila. *Alberdi y el Brasil en los escritos del Ciclo de la Guerra del Paraguay: las funciones de una visión en bloque*. Nuevo Mundo Mundos Nuevos [Online], Colóquios, 2009, p.5. Acesso em 07 de Dezembro de 2020. < <http://nuevomundo.revues.org/55609> >

³⁸ Uma breve busca no banco de dados da Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional na década 1830-1839 no Rio de Janeiro, revela a aparição de Alberdi em uma seção do *Jornal do Commercio*, Ano 1839, nº 271 p.4, 11/11/1839 intitulada “*Postum-Scriptum*”, referente a correspondência do periódico com a cidade de Montevideu, local onde o letrado se exilou durante o governo de Rosas e continuou o seu combate ao mesmo na imprensa.

³⁹ *Diário do Rio de Janeiro*, Ano 22, nº 281 p.4, 15/12/1843. RJ: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Janeiro. Estes seus escritos não se tratam de um diário no sentido estrito da forma. Durante sua viagem para seu primeiro exílio na Europa tinha o hábito de registrar fragmentos em diversos escritos, onde colocava pensamentos e observações pessoais, de Alberdi para Alberdi. Dentro desta narrativa bastante íntima, o letrado apresenta os atributos de um escritor romântico de sua geração, sua sinceridade e a maneira pela qual demonstra desinibição em suas emoções, contrasta com suas produções de natureza pública e nos fornece um olhar mais próximo de sua experiência e de sua percepção crítica em relação ao Império e de sua sociedade.⁴⁰

Em sua primeira anotação de registro pessoal, no dia 4 de janeiro de 1844, fica em evidência o estado psicológico do letrado ainda no desterro, tomado por sentimentos de incerteza, ansiedade e solidão que certamente influenciaram em seu registro. No decorrer de sua primeira noite, dormiu em um salão por não conseguir um quarto no Hotel Europa, na Rua Ouvidor, onde seu antigo companheiro José Mármol estava hospedado, e relata que no meio da noite foi despertado abruptamente por um alarme de incêndio.⁴¹ Pela magnitude da comoção se levantou e passou o resto da noite em claro. No dia seguinte pela manhã disse ter encontrado o amigo e expressou a vontade de encontrar-se com Bernardino Rivadavia, um dos parteiros da Argentina, que residia no Campo de Santana, mas que devido à enfermidade deste não pôde encontrá-lo, tornando a sua estadia na capital um pouco mais frustrante.⁴²

Conforme os dias se passam, o letrado registra de maneira bastante crua aquilo que podemos atribuir à sua reflexão pessoal em relação à cidade, ao povo e à sociedade. Não economizando em adjetivos pejorativos:

“El clima hace aquí á los hombres y á las mugeres, pequeños, mal formados, pálidos, flacos. Este país jamás será guerrero. Cuando le he visto, no me há cabido duda que el nuestro se lo comerá en sopas en la

⁴⁰ PAGLIAI, Lucila, *Op. Cit.*, p.2.

⁴¹ Mármol, assim como Alberdi, fez parte da geração romântica de 37 e se engajou na oposição contra Rosas, consequentemente resultando em seu desterro. No ano de 1844 publicaria uma romance histórico baseado nas experiências dos exilados durante os horrores do cerco de Montevidéu que seria publicado na década de 1850 na imprensa fluminense, como veremos mais adiante.

⁴² ALBERDI, Juan Bautista. *En Rio de Janeiro*. Escritos Póstumos de Juan Bautista Alberdi, Memorias y Documentos: Tomo XVI. Buenos Aires: Imprenta Juan Bautista Alberdi, 1901. pp. 9-12.

primera guerra. - Los soldados se asemejan á títeres, más bien que á otra cosa: sin continencia, sin porte, se andan cayendo de lánguidos.”⁴³

A prática escravidão não passa despercebida pelo olhar do argentino. Ao registrar seu testemunho sobre a prática, afirma que os negros são a força motriz para as áreas da “*mecánica y material, en industria y agricultura*.”. Em mais de uma ocasião atribui os alvos de suas críticas ao clima. O fator climático para o letrado é de suma importância para o funcionamento de uma civilização próspera e aparece mais de uma vez em suas obras principalmente nas críticas ao Império. Segundo Alberdi o crime da prática escravista é resultado de o Brasil ser habitado por um povo débil e incapaz de ser auto suficiente sem a exploração forçada da mão-de-obra de seres humanos oriundos do continente africano.

“Es la de este país, una raza impotente y flaca, que no pudiendo bastarse á sí misma, ha encontrado en un crimen la solución del problema de su vida: ha buscado en el ardiente clima de África, una raza salvaje, la ha esclavizado y hecho su instrumento, hasta moverlo por sus piés y hacerlo todo por sus manos.”⁴⁴

Apesar do exílio e da situação política da Argentina, o letrado realiza comparações entre as formas de governos republicano e monárquico. Esse tipo de exercício comparativo aparece bastante em suas obras, pessoais ou públicas, e podemos atribuir a uma espécie de ferramenta intelectual a qual o letrado utiliza para refletir sobre as possibilidades para o seu local de origem. Sua opinião sobre um regime monárquico no continente é oscilante em boa parte de sua produção intelectual, durante o seu ciclo de críticas ao Império a monarquia aparece como uma anomalia, uma antítese ao progresso de acordo com a sua concepção. Mais adiante vai escrever um livro elogiando a monarquia e dizendo ser esta a melhor forma de governo para as Américas, mostrando como sua interpretação sobre o antigo regime se modificou ao longo de sua vida.⁴⁵

⁴³ *Idem*, p 12.

⁴⁴ ALBERDI, Juan Bautista. *Idem*, p. 13.

⁴⁵ ALBERDI, Juan Bautista. *Del gobierno en Sud-América según las miras de su revolución fundamental*. Escritos póstumos, Buenos Aires, “Imprenta Europea” de M. A. Rosas, 1896, t. IV.

Alberdi deixou registrado que apesar das dificuldades enfrentadas pelo regime republicano na Argentina, ele é muito mais válido que qualquer antigo regime no continente sul americano.

O yo recuerdo mal Buenos Aires, ó no hay duda que la severidad y simplicidad de nuestras costumbres republicanas en casos como estos, valen mucho más que todo este aparato sin grandeza, ni gusto. La monarquía en América! Qué mejor desmentido contra la posibilidad de su existencia, que lo que se vé aquí?⁴⁶

Suas últimas anotações em relação ao Rio de Janeiro e ao brasileiro como um povo em geral são extremamente negativas, nos fornecendo um olhar cru e honesto sobre aquilo que realmente pensava. Esse olhar pejorativo o acompanharia pelo resto de sua vida e essa experiência desagradável pode ter influenciado seus duros ataques durante sua posterior produção intelectual no ciclo da Guerra com o Paraguai.

[...]Por qué no tomé pasage [sic], desde Europa hasta Chile?[...] La Rumena, barca chilena, sale de aquí á 15 días; es probable que ella me lleve.[...]El calor voráz de este clima de infierno me ha extenuado. Los 30 días más tontos de mi vida, los he pasado en Rio! Para qué? Qué he hecho? Que he visto?⁴⁷

Esta seria a única experiência *in loco* do letrado com o Império. Em seu registro utiliza como mecanismo para reforçar e ampliar a imagem negativa do Brasil um discurso no qual ele relaciona o Rio de Janeiro e o que ali testemunhou com todo o Império. Sua estadia permite que ele faça suas observações colocando todo o território brasileiro dentro de sua experiência e crítica, em outras palavras, generalizando-o sem ter um conhecimento profundo sobre os costumes e sua organização sócio demográfica, etc. Alberdi, ao longo de sua trajetória não demonstrou ter o interesse em conhecer com maior amplitude e profundidade o

⁴⁶ ALBERDI, Juan Bautista. *En Rio de Janeiro*. Escritos Postumos de Juan Bautista Alberdi, Memorias y Documentos: Tomo XVI. Buenos-Aires: Imprenta Juan Bautista Alberdi, 1901. p. 16.

⁴⁷ ALBERDI, Juan Bautista. *Idem*, pp. 22-23.

Brasil⁴⁸, esse desinteresse contrasta com a sua futura dedicação em combater o Império através da escrita e a propriedade na qual se utilizava para realizar suas afirmações e críticas. Seus escritos de natureza privada revelam as muitas faces e fases do letrado, suas opiniões em seus escritos sendo muitas vezes reflexos de suas experiências em vida.

Ao deixar a capital, relata seus primeiros dias a bordo do navio *Benjamin Hort*, tomado por pressentimentos ruins que o deprimiam e ficam explícitos em seu registro. Toda sua experiência retornando para o seu continente parecia ter cobrado um preço no estado de espírito do letrado a ponto de registrar, com um certo humor o momento onde: “Comencé a reírme del deseo que había tenido de suicidarme[...]”. A maneira de seguir em frente navegando em pensamentos macabros foi de visualizar seu próximo destino e etapa na sua vida. “[...] pensaré en Chile con fe, con esperanza, en los bellos días venideros, en que paso a países estables y felices.”⁴⁹

No dia 15 de Abril de 1844, aportava em Valparaíso, seu ânimo restaurado ao encontrar com outros argentinos que formavam uma comunidade flutuante de exilados das mais diversas profissões, jornalistas, médicos, advogados, professores e comerciantes.⁵⁰ Uma vez instalado no Chile continuou sua atividade como jornalista combativo em relação ao Rosas na imprensa de Valparaíso. Poucos dias após sua chegada faria sua estreia na imprensa chilena no periódico *El Mercurio*, com o artigo intitulado, *El Imperio del Brasil y las Repúblicas Hispanoamericanas*, publicado nos dias 21, 23 e 24 de Abril, de 1844, no qual direciona elogios ao Império que tanto desprezou em seu registro pessoal.⁵¹

⁴⁸ PAGLIAI, Lucilla. *Op. Cit.*, p. 3.

⁴⁹ ALBERDI, Juan Bautista. *En Rio de Janeiro*. Escritos Postumos de Juan Bautista Alberdi, Memorias y Documentos: Tomo XVI. Buenos-Aires: Imprenta Juan Bautista Alberdi, 1901. pp. 34-35.

⁵⁰ MAYER, J. M. *Op. Cit.*, p.298-307.

⁵¹ Periódico de elevada importância e circulação do Chile. “Fundado em 1827, pertencia desde 1842 a Santos Tornero, mas era, como a maioria das publicações da época, sustentado pela subscrição anual e oficial do Governo. Por sua redação e direção editorial passaram vários argentinos. Este foi, sem dúvida, o veículo de imprensa que acompanhou o tucumano nos momentos mais importantes de sua vida no Chile,” In: SÁ, Maria Elisa Noronha de. *Juan Bautista Alberdi e o Império do Brasil*. Olhares cruzados sobre a construção das nações no século XIX. Almanack, Guarulhos, n. 25, 2020.

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-46332020000200505&lng=en&nr=m=iso>. Acesso em 04 Janeiro de 2021.

Obviamente a natureza pública da produção requer uma linguagem mais formalizada, mas não somente isso, o letrado deu continuidade na disseminação de suas ideias e de seu projeto nacional e para alcançar seus objetivos, a queda de Rosas seria o primeiro passo. O seu aparente interesse nesta publicação é alertar os países com fronteiras próximas da Argentina rosista, para os perigos das ambições expansionistas do caudilho no continente sul-americano e de maneira indireta incentivá-los a tomarem medidas drásticas contra o, até então, principal alvo de sua “belicosidade” no mundo impresso e das ideias. Além do caráter público, há um viés político, quase militante por trás da sua escrita.

Essa produção aborda a importância geográfica da localização do Império no continente sul americano e da necessidade da criação de um congresso continental, que abarcaria todas aquelas jovens nações. Atenta, para uma espécie de consciência pan-americana apostando na ideia de que uma relação diplomática entre as repúblicas e o Império seria benéfico para todos os Estados com proximidade territorial. Evocando de exemplo uma espécie de “lei” envolvendo as relações internacionais dos Estados europeus, tão diversos e próximos ao mesmo tempo, e de como a mesma poderia servir de modelo para o exercício da política internacional nas jovens nações da América do Sul.⁵²

O letrado aparece tecendo elogios para o Império, enaltece o regime monárquico publicamente e realiza comparações com monarquias de nações europeias já consolidadas e que com frequência eram adotadas como modelos e exemplos para as jovens nações em construção na conjuntura sul americana. Talvez com o interesse de que estas doces palavras chegassem aos leitores brasileiros.

[...] La monarquía en sí no es un régimen vergonzoso y la prueba es que los gobiernos más altamente colocados en la consideración del mundo actual son las monarquías inglesa, francesa, austríaca, etc.[...] ⁵³

⁵² ALBERDI, Juan Bautista. *El Imperio del Brasil y las Repúblicas Hispanoamericanas*. In: BARROS, Carolina (comp.). *Alberdi Periodista en Chile*. Buenos Aires: Imprenta Verlap, 1997 p. 53.

⁵³ *Idem*, p.54.

Ao longo dos dias de publicação de seu artigo, parece se distanciar de seus veredictos pessoais em relação ao Brasil como visto no documento citado anteriormente. O Império é percebido neste momento de sua vida como um instrumento para alcançar seus objetivos, entre eles a busca de aliados para combater Rosas. Curioso notar que Alberdi, ao longo de sua vida nunca foi apologético a guerras de maneira geral, mas apresenta para o seu leitor em potencial - brasileiro talvez -, as possíveis vantagens que teria o Brasil em um conflito que seria capaz de minar ou até mesmo derrubar a Argentina de Rosas. O letrado argumenta que um conflito armado ajuda a fortalecer a nacionalidade de um país e o Brasil tem a necessidade de se provar militarmente quando se encontra perante povos que fizeram a revolução através da paixão e pelas armas, característica ainda ausente no Império.⁵⁴ O Alberdi destas publicações parece pensar que o fortalecimento do sentimento nacional é alcançado através de uma guerra e “*Los soldados que se asemejan á títeres*” - poderiam se tornar adversários formidáveis para Rosas e aliados para sua causa.

Esse artigo é um exemplo da escrita utilizada por Alberdi para expor suas ideias e porventura concretizar seus objetivos políticos, seu campo de batalha é a imprensa. Sua tentativa de chamar a atenção para as ações de Rosas e de como as mesmas poderiam afetar os Estados vizinhos e o Brasil está bastante aparente no tom o qual se utiliza.

Para o letrado neste ciclo de sua vida, não havia outra ferramenta, outro veículo senão o da imprensa, aquela nova plataforma de formação de opinião que, desde a independência do império espanhol, ia ganhando corpo e se consolidando em um novo fator de poder, uma nova instituição das demais repúblicas sul-americanas. A utilização da imprensa como instrumento de propagação de ideias e de opiniões foi um dos primeiros estágios na sua vida. Os artigos que apareciam em jornais e revistas, como este aqui exemplificado, na maioria das vezes inspiravam-se, como uma série de argumentos que necessariamente tinham que se encerrar com um resumo de sua exposição e por fim, conclusão.⁵⁵

⁵⁴ ALBERDI, Juan Bautista. *Op. Cit.*, p. 60.

⁵⁵ BARROS, Carolina (comp.). *Alberdi Periodista en Chile*. Buenos Aires: Imprenta Verlap, 1997. pp.7-8.

A postura do tucumano nos dois documentos tratados até aqui é completamente divergente, pois sua percepção do Brasil na esfera privada estava longe de ser favorável, enquanto sua atitude na esfera pública, neste momento, é completamente oposta. Talvez este seja um dos raros momentos na vida do letrado onde percebe e registra o Império sob uma luz positiva e menos hostil.

Se suas palavras no *El Mercurio* chegaram a algum leitor brasileiro na época, ainda é uma incógnita. Até agora não se encontrou registro de que foi lido tal artigo ou se o mesmo chegou a circular pelo império brasileiro.

Em novembro daquele mesmo ano, ainda no exílio, Alberdi concluía os seus estudos como advogado e a sua tese publicada também em 1844, a *Memoria sobre la conveniencia y objetos de un Congreso General Americano*.⁵⁶ Com ela Alberdi obteve o título de advogado que permitiria o exercício do ofício no Chile.

Na tese expõe as vantagens de uma relação positiva com o Brasil e volta a elogiar seu sistema de governo monárquico e o nível cultural de suas elites e aborda de maneira mais pragmática as vantagens de exercer uma política externa harmoniosa com o Império sugerindo a adoção de uma postura de cooperação internacional entre as jovens nações do continente sul americano.⁵⁷

Alberdi propõe uma série de medidas com o objetivo de resolver disputas territoriais, estabelecer fronteiras, integrar o comércio, estabelecer redes e caminhos, incentivar a economia regional, instalar a paz e defender o direito de intervenção interna no continente, caso necessária, em regiões integrantes do acordo sugerido. A tese é uma síntese do pensamento alberdiano em pleno desenvolvimento, e quando disseminada no Chile, foi recebida com elogios por periódicos como *El Siglo*, *El Mercurio* e teve uma ampla difusão sendo recordada e debatida por muitos anos após sua publicação.⁵⁸

Aproximadamente um ano depois, em 1845, podemos afirmar que Alberdi fez a sua “estreia” na imprensa do Rio de Janeiro exatamente com essa tese. Suas palavras foram traduzidas e publicadas em mais de um dia pelo periódico chamado *Ostensor Brasileiro*. Este periódico não teve uma existência muito

⁵⁶ ALBERDI, Juan B., *Memoria sobre la conveniencia y objeto de un Congreso General Americano*, in *Obras Completas*. Tomo II. Buenos Aires: La Tribuna Nacional, 1886, p. 389-414

⁵⁷ PAGLIAI, Lucilla. *Op. Cit*, p. 4.

⁵⁸ MAYER, J. M. *Op. Cit*, p. 317.

longeva, circulou entre 1845 e 1846, com periodicidade irregular, publicando cinquenta e dois números, com oito páginas, sem indicação de dia e mês, num total de quatrocentos e dezesseis páginas. Seu formato é bastante curioso e contrasta com os demais periódicos do Segundo Reinado, pois não há referência de anúncios ou de assinantes, apenas páginas escritas separadas apenas por títulos e não secções, como se suas publicações fizessem parte de uma grande narrativa.

Nos anos que se seguiram à ascensão ao trono do jovem imperador de apenas 14 anos, o incentivo à imprensa foi ampliado, com a intenção de criar uma representação positiva da Monarquia tropical rodeada de repúblicas. A imprensa, durante esse delicado período político na história brasileira, ganhou força e expressão com publicações produzidas por diversos agentes sociais que atuaram em prol de um projeto de unificação, civilização e progresso no Império.⁵⁹

Inserido neste contexto, o *Ostensor Brasileiro* foi uma das primeiras e mais significativas publicações literárias da imprensa periódica brasileira. Abordou temas e questões como o espaço urbano carioca, educação e leitura, a necessidade de cooperação entre as nações sul-americanas, problemas políticos e burocráticos enfrentados pelo Império, geografia brasileira, história do Brasil, particularidades de vilas e cidades, instituições cariocas, guerras e revoltas, literatura clássica, conceitos morais, e principalmente, liberalismo e pan-americanismo.⁶⁰

Em sua edição inaugural, o periódico se apresenta como um agente da civilização para os leitores brasileiros, afirmando que em suas páginas serão apenas tratadas questões referentes ao Brasil e reconhecendo o papel do jornal e da cultura impressa como uma ferramenta civilizatória.

[...]huma destas empresas atrevidas, que os indiferentes julgam loucas, e os amigos impossíveis; o plano circumscripito, que nos impuzemos de tratar exclusivamente de objectos relativos, ou pertencentes ao Brasil[...]reduz-se a fallar aos olhos e ouvidos juntamente, segunda e mui grave difficuldade, por que não havendo em

⁵⁹ MARTINS, Ana Luiza. *Imprensa em tempos de Império*. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina (Orgs.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 46.

⁶⁰ BRASIL, Bruno. *Ostensor Brasileiro: Jornal Litterario e Pictoreal*. RJ: Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, 2015.

<<https://bndigital.bn.gov.br/artigos/ostensor-brasileiro-jornal-litterario-e-pictoreal/>> Acesso em: 03 de Dezembro 2020.

nosso jornal lugar para traducções de artigos, que não tenham immediata relação com o Brasil, não podemos utilizar gravuras feitas em França ou Inglaterra, e grandioso dispendio, e trabalho insano nos custará o empenho.[...]He preciso civilisar o povo, dizem todos, e o jornal litterario he uma poderosa alavanca da civilisação.⁶¹

No trecho acima, o periódico afirma não ter espaço para traduções de artigos originados em outros países que não abordassem o Brasil, o que nos chama a atenção para a tradução da tese de Alberdi, sua publicação com mais de um dia no jornal atraiu atenção dos editores que acharam relevante para o Brasil em um momento de efervescência política as palavras do letrado argentino. Isso torna evidente a profícua circulação de ideias nesse período de construção de identidades nacionais entre as comunidades letradas dos jovens países vizinhos e revela uma rede de comunicação e circulação de ideias bastante ampla entre a imprensa e os letrados.

Na edição de número 37, do *Ostensor Brasileiro*, localizado de imediato na primeira página encontra-se:

“MEMORIA SOBRE A CONVENIENCIA E OBJECTOS DE HUM CONGRESSO GERAL AMERICANO, Lida ante a Faculdade de Leis da Universidade de Chile, para obter o grão de Licenciado, por J.B. ALBERDI.”⁶²

O periódico inicia a reprodução da tese/discurso com o letrado comparando a reunião de congressos gerais como semelhantes a reuniões de juntas de médicos ao discutirem os procedimento de cura de enfermidades, “suas deliberações podem carecer de eficácia e acerto; porém a sua reunião supõe sempre a presença de hum mal” expressando-se com um vocabulário político, o letrado entende que as ex-colônias na América do Sul são acometidas por uma “moléstia” social e política e a solução que propõe em sua tese é a reunião das nações “enfermas” em um congresso de proporções continentais onde as questões poderiam ser debatidas e resolvidas dentro dos interesses de cada Estado nação de

⁶¹ *Ostensor Brasileiro*, Ano 1845, nº 01 p. 1.

⁶² O periódico em questão conta suas páginas de maneira seriada desde o primeiro dia de suas publicações, neste caso a página numerada que aparece de fato no documento é a 289. *Ostensor Brasileiro*, Ano 1845, nº 37. p.289.

maneira harmônica e essa harmonia poderia ser alcançada através de fatores em comum. Podemos supor que ao publicarem essas palavras, os editores do periódico concordam de maneira geral com a visão do argentino.

[...]a America do Sul oferece tal homogeneidade em seus elementos organicos, e taes meios para a execução de hum plano de politica geral; de tal modo he para ella adequada a ideia de huma organização politica continental, que, se não receiassemos violar a chronologia dos grandes homens, melhor diríamos que Bolivar foi copiado por Napoleon, Richilieu, e Henrique IV. Eis aqui, senhores, os homens que, como Bolivar, pensaram e propenderam para a centralização continental do movimento politico: todos elles são homens de acção, espiritos positivos, e grandes consumidores de factos.”[...]Assim, pois, o povo americano, grande empirista, senão grande pensador, acceita o pensamento de sua associação continental, e convoca hum congresso,[...] para que ao menos dê hum passo para a execução d’este grande trabalho[...]⁶³

No trecho acima, o letrado enaltece o seu antecessor na noção de um pensamento pan-americano, Simon Bolívar. É curioso a comparação anacrônica que Alberdi faz ao afirmar que homens como Napoleão, Cardeal Richelieu e Henrique IV copiaram Bolívar e não o contrário. Ironicamente as personalidades citadas por ele vivenciaram períodos de extrema tensão bélica, interna e externa, que resultaram no fortalecimento do Estado, no pragmatismo desta instituição no âmbito das relações internacionais e eventualmente no Império Napoleônico. O porque Alberdi tenta aproximar esses indivíduos e seus respectivos contextos ao contexto sul americano podem ser reflexo de experiências pessoais conturbadas, ficando a dúvida se apenas foi um recurso de formalidade acadêmica e recurso literário ou se realmente enxergava crítica a situação das jovens nações.

Segundo o letrado, este novo congresso seria a continuidade da obra de Bolívar e realiza um esforço para alertar aos leitores para as armadilhas e erros de se tentar emular o Congresso de Panamá,⁶⁴ de 1826. Bolívar, quase duas décadas

⁶³ *Ostensor Brasileiro*, Ano 1845, nº 37. p.290

⁶⁴ O evento teve uma cobertura considerável na imprensa carioca. Periódicos como; *Diário Fluminense*, *O Verdadeiro Liberal*, *A Aurora Fluminense: Jornal Político e Literário*, entre outros já haviam apresentado as ideias de Bolívar para o leitor da capital do Império.

antes, incorporou a integração ao seu ideário político, sendo o responsável direto pela realização do congresso. Essa reunião foi precedida por vários pactos e assinaturas de acordos que envolveram as elites políticas de todas as repúblicas surgidas com a ruína do Império Espanhol na América, ainda que para manifestar sua oposição.⁶⁵ Como demonstrado por Alberdi, se tratou de um projeto amplamente debatido pelos letrados-estadistas daquele período de construção de identidade nacional somado a uma ambição de unificação e cooperação continental.

Outros combatem o congresso continental, supondo que não poderá ser senão huma reprodução litteral do de Panamá. He certo, senhores, que se não enganam, se com efeito tiver de reunir-se esse congresso para pactuar no meios de resistir a huma agressão externa, que não vem nem virá para a America; porem he possível assegurar que o futuro congresso terá fins mui diversos do de Panamá.⁶⁶

No segundo dia de publicação, novamente na primeira página do periódico, o discurso de Alberdi tem continuidade em um tom mais pragmático e estratégico no quesito de posição territorial das nações, ao abordar os limites e os atributos geográficos, analisando as vantagens e desvantagens dos Estados envolvidos. O letrado nos fornece um esboço de como este congresso deveria operar em situações concretas, quando territórios em disputa eram um desses cenários, e as jovens nações ainda passavam por momentos de tensão devido a até então incerteza das suas demarcações fronteiriças. Este congresso serviria como um mediador regional para tais questões, com a presença de representantes dos Estados fazendo parte do processo decisório visando, porém, um interesse geral e americano.

O letrado sugere uma desmilitarização da região como um meio de alcançar a estabilidade e pacificação no continente. Uma vez que a situação dos limites e a ponderação militar estivesse estabilizada, Alberdi sugere um segundo

⁶⁵FIGUEIREDO, A. G. DE B.; BRAGA, M. B. *Simón Bolívar e o Congresso do Panamá: o primeiro integracionismo latino-americano*. Passagens: Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica, v. 9, n. 2, p. 308-329, 31 maio 2017. p.19.

⁶⁶ *Ostensor Brasileiro*, Ano 1845, nº 37. p.290.

ponto que, acredita, fortaleceria o continente como um todo perante as demais potências, voltados para o desenvolvimento do comércio entre os países sul americanos e Europa. Sempre colocando em primeiro lugar os interesses americanos. Esse aparente anseio em evitar conflitos armados é uma característica que o letrado carregou praticamente em toda sua trajetória.

O terceiro ponto, e este aparece continuamente nos escritos do letrado, envolve a magnitude territorial do continente e a sua dificuldade de povoamento. Alberdi em mais de uma produção ao longo de sua vida apoiou uma política de povoamento no continente como forma de desenvolvimento e progresso das nações, mas percebia as dificuldades devido à sua vastidão territorial. O deserto “vazio” no continente era um ambiente favorável para o caos e desordem, ambas resultantes da ausência de instituições e civilização. Para o letrado o valor de um território não deveria ser avaliado por sua extensão e sim pelas vantagens de sua geografia natural.

Na America, a vastidão do território causa desordem e atraso; he ele que torna impossível a centralização do governo, e não há estado ou nação que tenha mais hum governo. O terreno he o flagelo da America, bem como he na Europa a falta d’elle.⁶⁷

Em meio a este caos em que se encontra o continente, o letrado admira a situação do país onde está exilado nesse momento, o Chile, e utiliza a centralidade e estabilidade do governo chileno como exemplo. Aqui é a primeira vez que menciona alguns Estados e analisa as respectivas situações de cada um.

O Chile, o mais pequeno dos estados da America, he mais rico, mais forte e mais bem governado que todos os outros. Ainda mais pequeno he o Estado Oriental do Uruguay, e resiste á grande anarchisada Republica Argentina.⁶⁸

Em seguida ele aborda a situação delicada do reconhecimento da independência do Paraguai naquele contexto e de como os demais países

⁶⁷ *Op. Cit*, p. 297.

⁶⁸ *Idem*, p. 297.

poderiam proceder sob a égide do congresso. A menção do acesso aos rios é de sumo interesse estratégico e é o próximo ponto analisado pelo letrado. A situação abordada por Alberdi era um assunto sensível, pois envolvia a Argentina rosista e a sua política externa com os demais Estados, incluindo o Império. Sua intervenção na Banda Oriental, a recusa em reconhecer o Paraguai como um Estado independente e a incorporação de territórios de ambos à sua Confederação, foram percebidos por muitos e inclusive pelo Estado imperial, como um ato declarado de hostilidade. O objetivo de Rosas era tornar os rios Paraná, Paraguai e Uruguai sob seu controle, atitude que prejudicaria a navegação para Mato Grosso, dificultando um fator estratégico para o Império.⁶⁹

Essa tensão regional foi explanada pelo letrado em seu discurso em conjunto com um dos pontos que permeou bastante sua produção intelectual, a importância do direito de navegação, tanto marítimo e fluvial. Naquele momento, o controle dos portenhos ao acesso às águas e as grandes distâncias percorridas por terra na Argentina de sua época ajudaram a moldar seus argumentos referentes à liberdade desta modalidade de transporte para as nações da região do Prata.

No século XIX, as rotas navegáveis eram de extrema importância, principalmente para as localidades que não tinham um fácil acesso aos oceanos. Todo apoio logístico e estratégico propiciado pelos portos fluviais, cursos d'água e canais servia não só para o comércio material até as grandes cidades⁷⁰, mas servia de contato com o resto do mundo, pois através de suas águas circularam pessoas, hábitos, informações e tradições culturais. As redes e o ritmo estabelecidos com o acesso facilitado às águas eram sinônimo de progresso e desenvolvimento. Alberdi sabia disso e segue apontando os rios do continente e suas respectivas conexões com mais de um Estado e é aqui que o Brasil aparece como:

[...]possuidor por seu turno das alturas do *Paraná* e do *Paraguay*, tributários do Prata, tem para *Montevideo* e *Buenos-Ayres* sobre tudo, a mesma subordinação em que se acham a respeito d'elle os

⁶⁹ DORATIOTO, Francisco. *O Brasil no Rio do Prata (1822-1994)*. Brasília: FUNAG, 2014. p. 27.

⁷⁰ BRAUDEL, Fernando. *Civilização Material, Economia e Capitalismo-séculos XV-XVIII-O Tempo do Mundo*. São Paulo: Martins Fontes, 3º volume, 1996. p. 384.

Dentro de seu campo de formação, dá o seu parecer em leis referente ao direito internacional do período e de como as mesmas deveriam ser exercidas no contexto sul americano. Alberdi ao longo de sua carreira como advogado, deu muito valor ao conjunto de leis formuladas no século XIX envolvendo o direito internacional e usa de exemplo legislações que já estavam em vigor na Europa. Os exemplos concretos dados pelo letrado são usados como argumentos para reforçar a noção de que a América do Sul poderia se basear nestas mesmas leis e readapta-las às especificidades regionais.

“A sciencia internacional ensina que a nação proprietaria da parte superior de hum rio navegavel, tem direito que a nação que possui a parte inferior lhe não embarace a sua comunicação com o mar, nem o incomode com regulamentos e gravames que não necessários para a sua propria segurança[...]”⁷²

Essa sensibilidade do letrado perante o direito marítimo fica mais em evidência ao tratar do conflito com o Paraguai e o controle da navegação dos rios em territórios de disputa.

O periódico encerra esta edição com trecho onde Alberdi procura se afastar do caráter mais belicoso que envolveu o Congresso de Panamá, trazendo para o seu ouvinte no Chile e seus potenciais leitores no Império, um tom mais otimista voltado para empreendimentos comerciais e cooperação. Para o letrado o passado guerreiro que foi construído durante as revoluções de independência deve ser deixado para trás em prol do desenvolvimento do seu ideal de América, voltado para o desenvolvimento econômico e cultural.

Não he o programma de Panamá o que deve occupar ao novo congresso; não he a liga militar do nosso continente, nem a centralização de suas armas, que d'esta vez he chamado a organizar. Os interesses da America tem mudado, e seus inimigos desaparecido. Não se trata

⁷¹ *Ostensor Brasileiro*, Ano 1845, nº 38. p. 298.

⁷² *Idem*, p. 298.

de renovar puerilmente os votos de nossa primeira epocha guerreira. As epochas politica e militar já passaram; succederam-lhes os tempos das empresas materiaes, do commercio, da indústria e das riquezas. [...] concluir pela completa realização das sublimes promessas de ordem politica contidas nos programmas da revolução.⁷³

Na edição seguinte, a tese/discurso prossegue informando ao leitor carioca as ideias de Alberdi sobre uma maior cooperação comercial entre os Estados que supostamente participariam do congresso. Tais palavras abarcariam os interesses gerais do continente como um todo e analisa fatores em comum que as jovens nações possuem. Para o letrado, o grande inimigo da América do Sul não é uma ameaça de natureza externa, é o atraso, o vazio territorial e civilizatório do continente. O argentino sempre espelhava suas sugestões para o continente sul americano olhando para “fora”, tentando trazer práticas que já eram funcionais no Velho mundo e adaptando-as para a sua realidade.

[...]Os actuaes inimigos da America acham-se abrigados na mesma America; são elles, seus desertos sem estradas, seus rios escravizados e não explorados, suas costas despovoadas pelo veneno de mesquinhas restricções, a anarchia de suas alfandegas e tarifas e a ausência do credito, isto he, da riqueza artificial e especulativa, como meio de produzir a riqueza positiva e real. São estes os grandes inimigos da America, contra os quaes o novo congresso tem a adoptar medidas de combate e de mortífera perseguição.⁷⁴

Dentro dessa idealização de uma América harmônica, sugere a criação de uma moeda americana e um banco com um crédito público de natureza continental. Essa sugestão está um pouco à frente de seu tempo, mas nos fornece um olhar de relance dentro daquilo que o letrado enxergava como o progresso, relacionando o crescimento do comércio no continente com desenvolvimento.

Regidos todos os nossos Estados pelo mesmo direito comercial, acham-se na posição única e soberanamente feliz de manter, e fazer inteiramente ostensivas ao

⁷³ *Op. Cit*, p. 299.

⁷⁴ *Idem*, p. 305.

continente as formalidades de validade e execução das letras e vales do commercio.[...]chegariam estas letras e vales a ter a importância de hum papel-moeda americano e geral, e por esse meio se lançariam os fundamentos para a criação de hum credito publico continental.⁷⁵

Alberdi, para além de uma proposta de cooperação econômica, sugere um sistema educacional “unificado”, pautado em uma língua em comum. O letrado demonstra a facilidade da realização deste projeto devido ao fato das jovens nações possuírem um idioma em comum, em contraste com a Europa composta por vários idiomas distintos. O letrado demonstra estar ciente de um atributo unificador, possuir uma língua em comum, somado a isso a pontos de origem, leis e conjuntos de virtudes similares entre as jovens nações.

Favorável à liberdade de livre expressão política, propõe a abolição da extradição daqueles que são acusados pelo sofisma de partido civil político e considerado culpados de crimes de lesa-pátria, a inviolabilidade do direito de asilo político onde cada Estado deve possuir um tribunal de oposição e censura onde os casos dessa natureza serão debatidos e julgados pelas partes envolvidas. Essa sugestão do letrado condiz com a sua condição de perseguido e exilado político naquele momento de sua vida.

Simultaneamente no Brasil, o debate político ganhava uma maior amplitude na imprensa, uma realidade diferente vivenciada pelo letrado na Argentina de Rosas. Reflexo disso são periódicos como o *Ostensor Brasileiro* divulgando opiniões e ideias que defendam uma maior liberdade de expressão naquele contexto de disputas de projetos políticos independentes se são originadas no estrangeiro.

Um ponto que o letrado aborda relacionado à prevenção da guerra no continente é a criação de um tribunal americano de natureza conciliadora onde disputas seriam resolvidas antes da utilização da violência e das armas entre os Estados em situação de disputa. Para Alberdi, o tribunal internacional da “America Unida” serviria para o exercício do direito de intervenção nos Estados que violarem as condições de paz propostas por ele. Como argumento de legitimidade em prol do intervencionismo ele afirma que: “[...] he tradição de

⁷⁵ *Op. Cit*, p. 305.

1810. A revolução salvou-se por meio d'ella; a neutralidade tel-a-hia feito succumbir.” Citando exemplos de um passado não muito distante onde a intervenção foi feita por Buenos Aires no Chile; Chile e Colômbia no Peru. Segundo o letrado, essas ações salvaram a América.

Como um exemplo de caso que ainda era pertinente no contexto da época, Alberdi se utiliza da imagem da escravidão como um malexistente em todo o continente e da obrigação moral da América como um todo intervir para a erradicação do mesmo. No ano de sua tese, em 1844, fazia aproximadamente duas décadas de abolição da prática no Chile.

[...] Em qualquer epocha que hum mal semelhante ao da escravidão colonial appareça na America deverá ter o indispensavel direito de intervir, afim de cortal-o pela raiz.⁷⁶

O periódico encerra a edição no trecho onde o letrado ressalta a importância da preservação das individualidades nacionais de cada Estado e conclui com a proposta de uma política uníssona da “America Unida” ao lidarem com a Europa. Uma boa relação entre os continentes reforçaria sua concepção de desenvolvimento civilizatório. Alberdi defende que uma estabilidade pacífica no continente aceleraria o progresso.

Quanto á politica com a Europa, deve ella ser franca, porque não está no caso de a temer; he mais propria para atrahil-a que para contel-a, mais paciente e branda que provocadora; modesta como sua idade, e mais parlamentar que guerreira; a civilização, e não gloria militar, he a sua principal necessidade, e assim lucrará com as relações inalteráveis da Europa.⁷⁷

A publicação prossegue no tópico relacionado à política do continente com a Europa e reforça novamente a ideia de uma conduta geral e uniforme da “America Unida” nas tomadas de decisões e acrescenta ao seu argumento de estabilidade e progresso comercial e civilizacional a questão do povoamento dos

⁷⁶ *Ostensor Brasileiro*: Ano 1845, nº 39. p 306.

⁷⁷ *Idem*, p.307.

“desertos da America”. A política de povoamento é defendida em mais de uma produção intelectual ao longo de sua trajetória e aparece circulando no mercado de impressos do império⁷⁸. O progresso estava condicionado à mudança deste cenário e povoar o continente seria fundamental para se atingir este objetivo. Para povoar o “deserto” era preciso incentivar populações que habitavam outras regiões a se deslocarem para a América do Sul, ou seja, incentivar a imigração. “Os povos da America habitam hum deserto incommensuravel. Cumpre fugir á solidão, e povoar nosso mundo solitário.”⁷⁹

Apesar de reconhecer que a colonização desperta “memórias dolorosas” de tensões e conflitos com as antigas metrópoles, ele acredita que é um dos meios mais viáveis para o desenvolvimento do progresso e da civilização, e cabe ao congresso geral debater e lidar com essa questão. As palavras do letrado, no entanto, ignoram propositalmente o fato do “deserto” ser ocupado naquele momento por populações autóctones já estabelecidas antes das colonizações europeias. Em momento algum de sua tese, sugere como lidar com essa questão. “O mundo social tem necessidade de terreno; nós o temos de sobra[...]”⁸⁰

O tópico final explanado pelo periódico, define que os principais atores e condutores morais desse congresso americano seriam os Estados de origem espanhola. Segundo Alberdi, essa empreitada será possível através da “unidade moral” que estes países possuem. Essa afirmação do letrado não insere o país de origem lusitana, pelo menos associado com a “unidade moral” mencionada por ele.⁸¹

No último dia da publicação da tese de Alberdi nas páginas da imprensa fluminense, as palavras do tucumano retornam ao ponto de distanciamento do congresso do Panamá (1826), ressaltando as diferenças de exigências e necessidades em ambos os contextos. Para o letrado, os críticos e opositores deste novo congresso repetem a mesma militância e isso seria “confundir epochas”. Inserido em um contexto geopolítico diferente de duas décadas atrás onde as

⁷⁸ Sua obra de 1852, “*Bases: y puntos de partida para la organización política de la República Argentina*” aprofunda com mais afinco essa questão.

⁷⁹ *Ostensor Brasileiro*: Ano 1845, nº 40. p.313.

⁸⁰ *Idem*.

⁸¹ *Ibidem*, p.315.

feridas das guerras de independência das colônias hispânicas ainda estavam abertas. Levanta o questionamento: “De que serviria actualmente huma liga militar contra Hespanha?”⁸²

Sua proposta abrange um caráter relativamente pacífico, onde acordos, alianças e leis seriam o alicerce do funcionamento desta América, movida pela união e interesses comuns em prol da prosperidade material e intelectual. Para o exercício desta união continental o letrado sugere que Estados como Venezuela, Chile e Brasil fossem os responsáveis pela manutenção desta nova ordem americana. Para Alberdi a localização geográfica triangular dos Estados no continente serviria como um relativo apoio logístico e estratégico nessa empreitada.

[...] seria provavel que cada hum dos lados que formam o triangulo de nosso continente, tivesse hum Estado que fizesse prevalecer o texto e o sentido de suas instrucções. Felizmente, porem, os mais capazes de fazer isto são os que devem infundir aos povos menos receios de ambição tyrannica. No Norte seria a Venezuela; na costa Athlantica seria o Brasil, e na do Pacifico seria o Chile; justamente os três paizes em que florece mais risonho regimen representativo,[...] ⁸³

A imagem do Império que descreve nas palavras finais de sua tese é a de uma situação positiva de desenvolvimento, progresso e estabilidade. Essa é uma afirmação dotada de meia verdade com o contexto brasileiro da época, revelando por parte do argentino um certo desconhecimento, ou omissão proposital, de um passado não muito distante de um dos Estados que considera apto para participar de sua proposta de moderador do triângulo continental por possuir, em suas palavras, um “risonho regime”.

O que parece ser omitido ou simplesmente desconhecido pelo letrado em boa parte de seus comentários sobre o Brasil aqui apresentados, foi o fato da década de 1830 e a primeira metade de 1840 ter sido de instabilidade no âmbito doméstico e ao mesmo tempo uma das mais prolíferas em termos de ideias e

⁸² *Ostensor Brasileiro*, p.321.

⁸³ *Idem*, p.322.

diferentes projetos políticos para a jovem nação. No momento da produção de sua tese, o Império ainda se recuperava de um momento delicado, o embate de teorias e projetos políticos começavam a ganhar mais força, principalmente na imprensa, isso ampliava os horizontes para a construção da nação, mas ao mesmo tempo alimentava a chama da violência e dissidência. Ao contrário da Argentina que Alberdi conhecia, o Brasil que o letrado compreendia, nunca havia sofrido com uma guerra de fato, fosse de independência ou civil.⁸⁴

Esse olhar comparativo provavelmente foi acentuado na maneira pela qual a Argentina onde o letrado nasceu havia sido concebida. A gênese da nação após a guerra de independência teve como característica muito forte as fragmentações políticas durante a década de seu nascimento em 1810. Ao ser dissolvido o Vice-Reino do Rio da Prata, novas províncias foram formadas, algumas criadas pelo que se entendia como governo central e outras se constituíram autônomas. Essa colcha de retalhos resultou em algumas províncias desprendidas da administração governamental de Buenos-Aires, com desejos de total autonomia. Configuração política que culminaria em um longo ciclo de conflitos armados internos. Essa gênese nacional de disputas e fragmentação contrastava bastante com a criação do Império que teve a sua independência proclamada de maneira menos conflituosa que possibilitou a formação de um Estado com a configuração de uma monarquia constitucional, que revelou naquele momento, uma grande estabilidade em comparação aos seus vizinhos hispano-americanos⁸⁵

A ausência destes tipos de conflitos, aos olhos de um viajante letrado que pensava de maneira comparativa o contexto de formação de sua nação, pode parecer um sinal de ordem em meio às repúblicas vizinhas com confrontos internos violentos. Afinal o conceito de guerra, na sua acepção da palavra, possui um peso maior que revolta, levante ou rebelião, por mais dramáticas e violentas que estas tenham sido. Esse olhar deve ter contrastado com a sua própria

⁸⁴ Alberdi já havia expressado essa opinião publicamente em seu artigo para o *El Mercurio*, poucos meses antes de sua tese. “*Oímos decir que el imperio no es por su carácter ni tendencias un pueblo guerrero. Nuestra opinión a este respecto es que la guerra no es un arte infuso. Todo pueblo se vuelve guerrero cuando trata de la defensa de su vida. En 1806, la República Argentina no conocía sino por tradición el silbo de las balas.*” ALBERDI, Juan Bautista. *El Imperio del Brasil y las Repúblicas Hispanoamericanas*. In: BARROS, Carolina (comp.). *Op. Cit*, p. 58.

⁸⁵ TERNAVASIO, Marcela. *Op. Cit*, p.127.

experiência de vida, que até então fora marcada por disputas políticas acirradas, incertezas, violência e guerras. Quando passou a engajar-se na vida política na década de 1830, enfrentou uma realidade onde havia aparatos de controle sobre a imprensa periódica, de supressão ao direito de reunião nas associações e nos espaços públicos. Esse crescente controle eventualmente o afetaria diretamente em 1837 quando os membros da geração romântica do *Salón Literario de Marcos Sastre* foram classificados como inimigos de Estado por Rosas, como já visto anteriormente.⁸⁶

Quase que em um movimento sincrônico, o Império, aparentemente desconhecido por Alberdi em sua tese, saía de uma grave crise interna marcada pela presença de divergências políticas. Geograficamente, os focos de tentativas desses projetos ocorreram de norte a sul do Império, revelando uma maior fragilidade da coroa naqueles anos. Enquanto transitava pela sociedade letrada e política da Argentina durante a década de 1830, discutindo, participando nos caminhos de sua própria nação, sofrendo censura e perseguição, o Império entrava em um dos momentos de maior proliferação de teorias estrangeiras, projetos e hostilidade, durante o período regencial

Alberdi havia sido criado dentro de uma Argentina que fora dividida em disputas políticas facciosas entre os partidos Unitário e Federalista que resultariam em mais de um confronto civil ao longo de seu processo de construção nacional. Essa “dualidade” somadas a incertezas e a violência, moldaram a maneira do letrado perceber as características e desafios de se pensar nas particularidades de sua nação.

Ao contrário de todo trauma de uma experiência pessoal de adversidades e censura que o letrado havia sofrido na Argentina rosista da década de 1830, no Império, apesar da instabilidade experimentada durante as regências, o espaço e a opinião pública⁸⁷ floresciam e se aproximavam da categoria de um “campo de

⁸⁶ *Idem*, pp. 206-207.

⁸⁷ A expressão “opinião pública” já estava presente nos impressos do Brasil na primeira metade do século XIX. Sendo uma expressão polissêmica, pode ser tratada como personagem ou agente histórico dotado de vontade ou como um recurso para tornar legítimo posicionamentos políticos e um mecanismo simbólico que buscava modificar demandas setoriais numa vontade geral. Ver: MOREL, Marco. *Os primeiros passos da palavra impressa*. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina (Orgs.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008. p.33.

batalha” dos mais diversos grupos políticos e camadas sociais, trazendo à tona novas formas de ação política que saíam das esferas palacianas e das instituições representativas e iam se tornando cada vez mais disseminadas. Durante esta década no Brasil, podemos atribuir a uma rápida politização das ruas e da imprensa.⁸⁸

A opinião pública que se manifesta neste contexto, era o público de maneira geral, os cidadãos, ora o público leitor ou letrado, os círculos restritos aos “homens de capacidade”, ora a opinião do governo como a voz oficial enquanto representante eleita do público. O uso de cada um destes significados poderia variar de acordo com aquele que emitia, o público que recebia e o sentido, a mensagem que se queria passar com a dada enunciação. O mecanismo que liga a opinião pública e do público leitor deve estar associado às relações materiais, sociais de linguagem e poder conforme exercem a sua ação em um determinado contexto, a linguagem impressa e seus formatos de disseminação, digladiam por um espaço, um público que se busca formar uma opinião compartilhada

Contrastando com a supressão de ideias divergentes realizadas por Rosas, no Império surgiam vias para projetos como os moderados que seguiam autores clássicos liberais como Benjamin Constant, Montesquieu, Guizot e Locke, tinham um projeto onde a pauta era a redução dos poderes do imperador dando maior autonomia à Câmara dos Deputados e ao Judiciário, uma forma de “liberdade moderna” onde a ordem imperial fosse preservada. Já o grupo denominado de exaltados buscavam um caminho político influenciado pela experiência norte americana e bebiam de fontes onde os princípios liberais estavam de acordo com ideais democráticos da época, autores como Rousseau, Montesquieu e Paine eram lidos e estudados com o objetivo de instalar um projeto de república federativa, a ampliação da cidadania política e civil a todas as parcelas livres da sociedade, relativa igualdade social e o eventual término da prática da escravidão. Somado a estes dois projetos políticos, havia uma terceira via intitulada de caramurus, que se identificavam com um projeto político de uma monarquia constitucional

⁸⁸ BASILE, Marcelo. *O laboratório da nação: a era regencial (1831-1840)*. In: Grinberg, Keila; Salles, Ricardo (Org.). **O Brasil imperial (1831-1870)**. v.2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira., 2009, p. 53-119.

fortemente centralizada, espelhada no Primeiro Reinado e voltada para uma vertente mais conservadora do liberalismo de Burke.⁸⁹

De uma maneira bem resumida, havia de fato projetos divergentes que eram debatidos por uma elite dirigente a nação no Brasil e assim como Alberdi e seus conterrâneos da Geração de 37, esses teóricos/filósofos estrangeiros aqui citados, eram lidos pela comunidade letrada e engajada politicamente em suas jovens nações e readaptadas de acordo com as idealizações nacionais de cada um, revelando uma trama de ideias e teorias que possuíam um local de origem, mas com alcance transfronteiriço.

Essa realidade política com diferentes prospectos para uma nação fogem um pouco de uma interpretação de relativa harmonia e estabilidade apontada pelo letrado nas palavras finais de sua tese. Em 1844 o Império ainda lidava com o final de ciclo de revoltas e rebeliões da década de 1830, a Farroupilha ainda estava em progresso quando o mesmo havia concluído a sua tese. Até março de 1845, o Brasil havia experimentado um total de vinte e nove revoltas⁹⁰ com diferentes perspectivas políticas e localidades que revelam um período de fragilidade na manutenção da ordem do país⁹¹.

Dentro deste período delicado da estabilidade política da ordem imperial no Brasil, podemos aqui levantar a hipótese que o periódico *Ostensor Brasileiro*, viu nas palavras de Alberdi uma relativa identificação com a sua tarefa, exposta anteriormente, de que “He preciso civilisar o povo[...] e o jornal litterario he uma poderosa alavanca da civilização”, e decidiu disseminá-las para os seus consumidores na capital do imperial como tal ferramenta. Apesar do Brasil ser citado de maneira coadjuvante em comparação com as demais nações de língua espanhola, o letrado não parece se preocupar em acentuar as diferenças, sejam culturais, linguísticas ou políticas, preferindo neste momento de sua trajetória intelectual a mobilização de uma linguagem mais conciliadora e de afinidade entre os Estados da América Latina.

⁸⁹ *Idem*, p. 61.

⁹⁰ *Ibidem*, p. 69.

⁹¹ Não considerando a Revolução Praieira (PE) de 1848-1850, pois se encontra após a publicação da tese “*Memórias...*” na imprensa fluminense.

Seus conceitos e sugestões práticas: Pan-Americanismo, maior cooperação entre os Estados, comércio, direito internacional, educação, desmilitarização e resolução de conflitos, foram disseminados pela imprensa em um contexto de construção e afirmação da identidade nacional brasileira.

Fica em evidência, uma relação muito próxima entre a imprensa e um projeto pedagógico no Brasil do século XIX. Originada com o jornalismo de cunho político, a imprensa como órgão de instrução da população consolidou-se apenas com o aumento de publicações mais literárias. Em um determinado momento entre os anos de 1841 a 1870, o auge desse processo educador fica em maior evidência onde muitos literatos se consolidaram como os principais colaboradores da imprensa no Rio de Janeiro. O foco na atividade literária e científica e os debates de cunho político abriram espaço para as belas letras, consideradas ferramentas fundamentais de educação e civilização.⁹²

Apenas alguns dias depois, a produção do letrado é lembrada (e divulgada) pelo *Diário do Rio de Janeiro*, um periódico de relevância na imprensa carioca que surgiu em 1821 e circulou até 1871.⁹³ É considerado o primeiro jornal informativo a circular no Império que buscava inteirar o seu público com uma miríade de informações que possuíam uma utilidade prática para o leitor, variando entre seções de entretenimento e anúncios, evitando a aprofundar em assuntos políticos. Devido ao seu baixo preço, tinha uma circulação considerável na capital do Império,⁹⁴ levando-nos a acreditar que suas palavras tiveram um alcance maior que o do *Ostensor Brasileiro*. Apesar de tratar de assuntos que podem ser considerados por alguns como meramente triviais, o periódico possuía seções que traziam novidades que aconteciam no exterior, nos campos da ciência, filosofia, história, política e etc. A tese de Alberdi é anunciada pelo periódico na secção de “Obras Publicadas” como a “interessante memoria do Doutor Alberdi, sobre a conveniência e objectos de um congresso geral americano”⁹⁵

⁹² GAGLIARDO, V. C. *O papel pedagógico dos jornalistas no Rio de Janeiro oitocentista*. RJ: Revista Intellêctus (UERJ), v. 14, 2015. p.138.

⁹³ Isso é apenas uma especulação, o formato do *Ostensor Brasileiro* não possuía marcações de meses, datas ou dias da semana, somente ano e numeração. A publicação do *Diário do Rio de Janeiro* é de fevereiro de 1846, o que indica uma relativa proximidade entre as publicações.

⁹⁴ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A., 1966. p.58-59.

⁹⁵ *Diário do Rio de Janeiro*: nº 7131, 09/02/1846 p.2.

Por mais breve que tenha sido este “lembrete”, é indubitável que o letrado esteve presente na imprensa fluminense durante a década de 1840. Alberdi seria novamente citado, em conjunto com Sarmiento e outros letrados da Geração de 37 pelo periódico *O Americano* que publicava assuntos referentes ao continente e simpatizante com as palavras de uma América unida expressas pelo autor na sua tese já explicitada acima.⁹⁶

Se do Chile suas palavras alcançaram a imprensa do Rio de Janeiro, no local de sua segunda residência no desterro, o letrado causaria bastante impacto na vida política local. A experiência de Alberdi no Chile, assim como de outros exilados argentinos, foi mais que uma fuga, ali de fato foi início a sua vida política e sua atividade como publicista e intelectual de forma duradoura, no ambiente aberto e estável proporcionado pela conjuntura chilena. Sem dúvida, foi o momento onde o letrado atingiu a sua maturidade intelectual produzindo suas principais obras. Se a sua experiência de perseguição e censura na Argentina rosista e em Montevideu impactou o letrado de maneira negativa, a realidade política chilena com governos estáveis, instituições sólidas, eleições periódicas, liberdade de imprensa e a existência de uma constituição, serviria de inspiração para Alberdi aprimorar os seus pensamentos em relação às suas ambições e projetos nacionais para a sua Argentina.⁹⁷

No capítulo seguinte, vamos abordar a trajetória do letrado que gozava de prestígio na sociedade política chilena e de como seus escritos alavancaram a sua carreira e o deram notoriedade para além das fronteiras, permitindo uma chance de concretizar as ideias e projetos nacionais debatidos no *Salón Literario de Marcos Sastre*.

⁹⁶ O letrado é citado como referência por um artigo no, *O Americano*: nº 117, 31/10/1848. p 4. A referência se trata de um artigo que escreveu para o *Comerce del Plata* de Montevideu. Sua palavras refletem uma crítica ao câmbio de uma esfera de influência espanhola para a anglo-francesa no continente. Para o letrado, isso é negativo para os defensores do Americanismo que são forçados a cederem a esta pressão internacional.

⁹⁷ THOMAZ PEREIRA, Affonso Celso. *A terceira margem do Prata. Alberdi, Sarmiento e a conformação do discurso republicano na imprensa chilena, 1841-1852*. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2015, p.16.

Parteiro da Constituição de 1853, conselheiro e diplomata.

O Alberdi que tivemos a oportunidade de analisar durante a década de 1840, tanto em alguns aspectos de sua vida quanto nas suas representações na imprensa da capital imperial, foram reflexos de um contexto mais abrangente envolvendo situações nas quais o letrado estava direta ou indiretamente inserido. Podemos deduzir que o estado de espírito do letrado no momento de produção das obras até aqui apresentadas, foram mistos, talvez tomado pela melancolia do desterro, pela aventura da nova carreira que se consolidava no Chile e por último, o resquício de uma esperança de que a sua Argentina seria libertada das mãos de Rosas.

A estadia no Chile foi um momento importante na vida do letrado, suas atividades como periodista e atuação como advogado amadureceram suas ideias. Foi um período no qual se fossemos dar uma classificação, poderíamos considerar um de seus auge em sua vida pessoal e profissional. O letrado, apesar de uma área de atuação um pouco mais focada no meio político e intelectual no Chile, nunca deixou de se pensar e produzir, para além das fronteiras, sobre a situação na qual a Argentina se encontrava sob a direção de Rosas. O seu crescimento individual naquele país foi acompanhado simultaneamente por tensões externas e internas na região do Prata, envolvendo em especial o Império, a Argentina de Rosas e o Uruguai, enfermo de uma guerra civil¹ que se iniciou em 1839 e ainda se prolongava.

¹ O confronto conhecido pela historiografia brasileira como “Guerra Grande” envolveu fatores domésticos e internacionais na configuração política do Uruguai. No âmbito doméstico, dois dos primeiros presidentes do país, Fructuoso Rivera (1830-1834) e Manuel Oribe (1835-1838) tornaram-se líderes, respectivamente, do Partido Colorado e do Partido Blanco. Disputas ideológicas e de projetos políticos divergentes eventualmente resultaram em uma guerra civil que durou de 1839-1851. No âmbito internacional, de maneira bastante resumida, a situação interna da Argentina de Rosas e as revoltas no sul do Império resultaram em ambos os países apoiando os grupos opositores por interesses geopolíticos. Rosas e seus partidários federalistas aliando-se a Oribe (Blanco) e o Brasil apoiando Rivera (Colorado). Ver: DORATIOTO, Francisco. *O Brasil no Rio do Prata (1822-1994)*. Brasília: FUNAG, 2014. p. 24-25.

Essa complexa situação no final da década de 1840, iria deixando em maior evidência as hostilidades entre a Confederação da Argentina rosista e o Império do Brasil, agravando a situação no sul do continente americano.

Após um período conturbado referentes a questões domésticas, o Império, no final da década de 1840, entrava em um momento de relativa estabilidade e centralização política em comparação com a anterior. Durante o Período Regencial o Império havia passado por um processo de construção de identidade marcada por novos atores políticos e pela via do usufruto do espaço público, um verdadeiro embate de ideias e projetos nacionais divergentes, já explicitados anteriormente. Valores nacionais foram afirmados e disseminados através da imprensa, folhetos e rede de associações, partilhando opiniões, notícias focadas na política, apesar da heterogeneidade daquele momento, o objetivo ulterior era de construir uma memória nacional.²

A despeito das divergências de projetos políticos, podemos afirmar que as elites dirigentes do Império se sentiram, de certa maneira, prejudicadas e traumatizadas pela experiência de “anarquia” ao longo do território nacional durante o Período Regencial e esses fatores certamente contribuíram para uma maior mediação entre as vertentes políticas com interesses próprios no Brasil. Essa insegurança resultaria em uma nova roupagem para a velha política centralizada e focada na mística de ordem que a monarquia tradicional transmitia para o imaginário, todos queriam, literalmente, ser “amigos do Rei”.

Esse *status quo* estabelecido na sociedade imperial passou a ser algo apreciado e preservado pelas elites do período que, mesmo com diferenças ideológicas, partilhavam a mesma origem social. Luzias e saquaremas, como eram denominados conservadores e liberais, tinham projetos que ora apoiavam um Estado centralizado ora a sua descentralização, mas no tocante a salvaguarda da estrutura daquela sociedade e a preservação da escravidão, falavam o mesmo idioma.³

² BASILE, Marcelo. *O laboratório da nação: a era regencial (1831-1840)*. In: Grinberg, Keila; Salles, Ricardo (Org.). **O Brasil imperial (1831-1870)**. v.2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. p.98.

³ MATTOS, Ilmar Rohloff de. *O tempo Saquarema*. São Paulo: HUCITEC; Brasília: INL, 1987. p.57.

Conforme os levantes e revoltas eram sufocados pela coroa brasileira, o cenário político iria se tornando cada vez mais homogêneo e o processo decisório mais centralizado. No final da década de 1840, o Partido Conservador foi chamado de volta pelo Imperador após anos de disputas com o Partido Liberal e simpatizantes. A partir dessa relativa estabilidade, o Estado imperial tinha à sua disposição recursos institucionais e materiais para projetar a sua política para o contexto internacional no Prata, em específico contra Rosas, que se apresentava como inimigo do Estado monárquico.⁴

Enquanto o Império se organizava domesticamente, Rosas entrava em um período delicado durante o seu governo. Nesse contexto, alguns fatores começaram a afetar a ordem que emanava de Buenos Aires.

Ao mesmo tempo que a província hegemônica prosperou através de um processo bem-sucedido de expansão da pecuária, as demais províncias também passavam por um momento de desenvolvimento semelhante e Entre Ríos era uma dessas províncias que mais se destacava naquele cenário. Eventualmente, esse desenvolvimento acirrou as antigas disputas entre Buenos Aires e o litoral entrerriano e culminaria com um novo confronto com Rosas. A “Guerra Grande” no Uruguai e o bloqueio anglo-francês⁵ em Buenos Aires estimularam a economia de Entre Rios. Seus *estancieros* haviam se tornado os principais fornecedores da sitiada Montevideu, e essa conjuntura ampliou o interesse em se manter o comércio litorâneo com a capital uruguaia. Somado a esses fatores, Rosas sempre teve uma relação de desconfiança com o Brasil e após a assinatura dos tratados que culminaram no bloqueio anglo-francês, Buenos Aires e o império brasileiro focaram suas atenções para se enfrentarem no disputado cenário: a Banda Oriental.⁶

El Estado Oriental, cuyos recursos no son mayores que los de una provincia del imperio, resiste no obstante hace más de un año de un modo victorioso todo el poder de la República Argentina. ¿Que cotejo, en vista de esto,

⁴ DORATIOTO, Francisco. *O Brasil no Rio do Prata (1822-1994)*. Brasília: FUNAG, 2014. pp. 30-31.

⁵ Foi um bloqueio naval imposto pela França e Grã-Bretanha na Confederação Argentina rosista. Teve início em 1845 para apoiar o Partido Colorado na Guerra Grande e isolou Buenos Aires para o comércio naval. Seu término foi em 1850.

⁶ TERNAVASIO, Marcela. *Historia de la Argentina. 1806-1852*. Siglo XXI, Buenos Aires, 2009. pp.239-241.

podría establecerse racionalmente entre la capacidad material de la República Argentina con la del vasto imperio del Brasil?⁷

A resposta para esse questionamento na sequência do artigo feito por Alberdi apenas alguns dias após aportar no Chile viria aproximadamente sete anos depois. Seus escritos com um tom de alerta para os potenciais leitores e, principalmente para o Império, revelam um elevado grau de sensibilidade analítica referente a geopolítica da época e demonstra o foco do letrado em direcionar seu combate a Rosas. “Profecias alberdianas” ou não, o fato é que, anos após a sua primeira publicação em Valparaíso, o Império se mobilizou militarmente contra a Argentina rosista.

En cuanto a la oportunidad de esta cuestión de armas, felizmente el Brasil no se halla en el caso de elegirla, sino de aceptarla. A él se le ofrece o más bien se le impone la guerra,[...] ⁸

Em 1851, José Justo Urquiza, governador da província de Entre Ríos rompeu com Rosas devido a medidas tomadas por este que prejudicaram à economia dessa província. Urquiza, por ser um dos *estancieros* já aqui mencionados, teve a sua fonte de riqueza diretamente ameaçada e tal risco o levou a uma aproximação formal com o Império resultando em um tratado de aliança para derrotar Oribe e seus aliados. Nesse tratado, era previsto que uma eventual reação do governador de Buenos Aires à aliança iria canalizar seus esforços contra o mesmo. Com a rendição de Oribe para Urquiza, Rosas sucumbiu à provocação e declarou guerra ao Brasil em agosto daquele mesmo ano. Em novembro, uma aliança entre o Império, o governo uruguaio e as províncias de Entre Ríos e Corrientes somaram suas forças bélicas contra Buenos Aires. A Marinha de Guerra Imperial foi encarregada do transporte das tropas de Urquiza e um regimento de cavalaria brasileiro integrou-se ao seu exército que, em 3 de fevereiro de 1852, derrotou Rosas na Batalha de Caseros.⁹

⁷ ALBERDI, Juan Bautista. *El Imperio del Brasil y las Repúblicas Hispanoamericanas*. In: BARROS, Carolina (comp.). **Alberdi Periodista en Chile**. Buenos Aires: Imprenta Verlap, 1997 p. 60.

⁸ *Idem*, p.61.

⁹ DORATIOTO, Francisco. *Op. Cit*, p. 32-33.

A derrocada de Rosas pode ser considerada o final de uma era e o início de outra etapa para a história argentina, e para o letrado certamente foi. Para o Uruguai, o término de uma longa guerra dava início a um momento de reconstrução e à possibilidade de organização interna; para o Brasil, a ordem imperial reforçava o seu prestígio nas frentes doméstica e internacional; e a Confederação da Argentina poderia consolidar um projeto político diferente dos anos de Rosas.

Para o letrado, o desfecho de Caseros inaugurou a possibilidade de planejar a organização do país que Rosas havia governado com mão de ferro, desde 1829, e esse foi um momento oportuno no qual Alberdi pôde de fato disseminar sua palavra, sua visão e projeto de nação. Esta ocasião seria registrada pelo próprio em uma “carta quillotana”¹⁰ inédita. Nela, relata a decisão que consequentemente o levou a editar em maio de 1852 a proposta constitucional contida em uma de suas principais obras, *Bases y puntos de partida para la organización política de la República Argentina*.¹¹ Esta obra não foi produzida de maneira espontânea, ou relâmpago, foi elaborada através de um processo de aperfeiçoamento de ideias, de processos argumentativos adquiridos ao longo de sua experiência no contexto chileno.

A estadia naquele país foi extremamente produtiva na vida do letrado, enquanto fatores externos à sua vida aconteciam sem o seu envolvimento direto ou influência, seu crescimento intelectual durante o seu desterro é evidente pela trajetória que construiu nessa etapa de sua vida. Ao longo dessa experiência, compreendeu a capacidade do principal veículo de comunicação do século XIX: a imprensa. Se Rosas foi capaz de policiar narrativas favoráveis a ele¹², censurar e perseguir opositores que comunicavam suas diferentes visões de mundo para uma nação embrionária, Alberdi, já familiarizado com o alcance e poder da palavra

¹⁰ Conjunto de cartas abertas que gerou um debate travado na imprensa argentina por Alberdi e Domingo Faustino Sarmiento em 1853, parte da discussão era sobre a criação da Constituição que deveria ser implantada após a queda de Rosas. Mais tarde conhecida como *Las Cartas Quillotanas* ou *Cartas Quillotanas Las Ciento Y Una*.

¹¹ TERÁN, Oscar. *Las palabras ausentes: para leer los Escritos póstumos de Alberdi*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2004. p.37.

¹² Durante seu governo, pelo menos em Buenos Aires, Rosas permitia a existência de órgãos de imprensa que eram simpáticos com sua causa, como por exemplo, *La Gaceta Mercantil*.

impressa, iria seguir esse *modus operandi* de construir e disseminar um projeto nacional através da sua lente.

Em paralelo à sua atuação no *El Mercurio*, órgão de imprensa que acompanhou o letrado em momentos cruciais em sua estadia no Chile, fundaria em 1847, um jornal para si, *El Comercio de Valparaíso*. As páginas iniciais deste periódico deixam claro os objetivos de discutir tópicos referentes ao comércio, a marinha, ao movimento aduaneiro e a emigração, assuntos caros ao letrado, aos quais voltaria mais adiante, para os aprofundar em uma quantidade considerável de artigos. Alberdi deixa claro no artigo da primeira edição que *El Comercio* busca promover o debate público e formar opinião, a partir da divulgação e reprodução das ideias de outros meios de comunicação. Com isso, o letrado nada mais faz do que institucionalizar o direito à discussão no jornal, instalando assim, o jornalismo de ideias. Sua produção intelectual para este periódico permite o rastreamento da evolução de seu pensamento, permitindo ao letrado construir argumentos para os fundamentos constitucionais para a sua Argentina e alguns anos após a publicação de *Bases*, outra obra de renome em sua trajetória seria divulgada, *Sistema Económico y Rentístico de la Confederación Argentina*.¹³

Impressa nos estabelecimentos do *El Mercurio*, a primeira edição das *Bases* foi no formato de um pequeno folheto de 183 páginas, dividido em 28 capítulos, consistindo em uma síntese metódica da história da Argentina que seguia o curso da tradição revolucionária da Geração de 37, baseada nos erros e acertos do passado, moldada no seu presente e buscando um futuro.

Um dos grandes atributos dessa obra se deve ao talento do letrado ser bastante claro na transmissão de suas ideias, a exatidão dos julgamentos, a compreensão íntima do clima, das enfermidades econômicas e sociais, tantas vezes ignoradas, que segundo o mesmo, dificultavam o progresso do país, e principalmente a proposição de meios concretos e pragmáticos que pudessem superar o retrocesso do colonialismo. Alberdi se aprofundou em tópicos referentes ao que considerava saudável para o desenvolvimento da Argentina, população, a

¹³ BARROS, Carolina (comp.). *Alberdi Periodista en Chile*. Buenos Aires: Imprenta Verlap, 1997 p. 29.

educação, ferrovias, a navegação fluvial¹⁴, o respeito à propriedade, ao trabalho e à modernização da indústria. Buscando soluções concretas para aquela conjuntura, foi capaz de propor recursos que os antigos unitaristas/federalistas, os que haviam emigrado e os que sofreram a tirania, haviam buscado desde o momento de concepção do país.¹⁵

A partir de 1852, após a recepção das *Bases*, a condução da nação não dependia mais apenas da resolução da disputa pela definição do sujeito da imputação de soberania, se eram os povos, as províncias, a nação, mas também da forma como o controle deve ser exercido sobre os habitantes das novas fronteiras da nova república. O lema alberdiano “*governar és poblar*”, que em breve se moldaria numa política de incentivo à imigração que mudou a cara do país, implicava novos desafios a serem superados. O convite feito no preâmbulo da Constituição de 1853 para usufruir da liberdade, defesa e bem-estar geral “*todos os homens do mundo que desejam viver em solo argentino*” os obrigou a avaliar, mais do que nunca, quem de fato teria direitos civis e políticos e quais barreiras distinguiriam os meros habitantes dos cidadãos reconhecidos pelo Estado. O exercício de governar agora, também se enquadrava em mapear os territórios sobre os quais se pretendia exercer a autoridade e examinar aqueles que os habitavam.¹⁶ A noção de ocupação do solo argentino foi dirigida paradoxalmente, a “*todos os homens do mundo*”, menos aos que ali já estavam estabelecidos.¹⁷

Apesar deste “vazio” geográfico, os escritos foram transportados dentro das limitações logísticas, lombos de mula foram um dos meios, e alcançaram boa

¹⁴ Este tema foi abordado em sua tese aqui explicitada e novamente aparece como uma das questões fundamentais na organização nacional da Argentina, reforçando o argumento da vital importância estratégica do acesso às águas no século XIX.

¹⁵ MAYER, J. M. *Alberdi y su tiempo*. Buenos Aires: Eudeba, 1963. p. 416.

¹⁶ TERNAVASIO, Marcela. *Historia de la Argentina. 1806-1852*. Siglo XXI, Buenos Aires, 2009. p.246.

¹⁷ “Hoy mismo, bajo la independencia, el indígena no figura ni compone mundo en nuestra sociedad política y civil.” In: ALBERDI, Juan Bautista. *Bases y puntos de partida para la organización política de la República Argentina*. Buenos Aires: Biblioteca del Congreso de la Nación, 2017. p.91. Alberdi busca aproximar a gênese da sua nação ao europeu, apesar de querer se distanciar de tradições que considerava arcaicas naquela conjuntura política, o letrado abraça nesse discurso o reconhecimento e gratidão da influência colonizadora da Espanha. Podemos afirmar que foi uma prática comum entre as nações que ali se afirmavam, já no Brasil houve um parâmetro mimético europeu de “civilização dos trópicos” que buscava simplesmente ignorar mazelas como a escravidão e o extermínio dos indígenas. Em relação a este último, em contraposição a visão alberdiana, a figura do índio no Império foi idealizada e romantizada, apesar de excludente na prática.

parte da Argentina. Em Buenos Aires durante os meses de julho e agosto os periódicos publicavam trechos da obra e teciam comentários positivos sobre a mesma¹⁸. O letrado tinha em mente um público alvo e a disseminação e repercussão da obra tiveram um alcance e prestígio elevados na época, além de ter enviado exemplares para conterrâneos espalhados pelo mundo ocidental, órgãos de imprensa como *El Mercurio*, *El Progreso*, no Chile, *El Constitucional de los Andes* e *El Nacional* na Argentina anunciaram a aparição das *Bases* de maneira extremamente positiva apenas alguns meses depois.¹⁹

No Velho Mundo, em Paris, *La Revue des Deux Mondes*, anunciava com entusiasmo os escritos do letrado, tido como exemplo para se entender a conjuntura histórica e política das repúblicas da América do Sul. Esta revista francesa se tornaria uma leitura rotineira na vida dos homens de Estado, do Imperador inclusive, sendo considerada o “principal elemento espiritual dos estadistas brasileiros”, sendo o Brasil o país com maior número de assinantes fora da França.²⁰

Podemos afirmar que o alcance da obra foi relativamente grande se levarmos em consideração a velocidade e o ritmo logístico da segunda metade do século XIX. Tamanho foi o alcance que, em uma miríade de cartas de congratulações entre pares letrados, Duarte da Ponte Ribeiro²¹ enviaria para o letrado em 24 de janeiro de 1853²², o reconhecimento formal de sua obra, revelando que os escritos alberdianos não passaram despercebidos pelo corpo diplomático do Império do Brasil, aumentando assim a nossa hipótese de que Alberdi gozava de uma certa notoriedade entre a sociedade letrada da capital imperial nesse período.

Nas *Bases*, fora gentil com o Império, reconhecendo o Brasil como aliado a longo prazo no contexto pós-Caseros, quando ainda havia um senso de

¹⁸ GUILHOU, Dardo Pérez. *El pensamiento conservador de Alberdi y la Constitución de 1853*. Ediciones Depalma. Buenos Aires. 1984., p.156-157.

¹⁹ Alberdi enviou exemplares para seus conterrâneos que naquele momento se encontravam fora da Argentina e também do continente.

²⁰ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A., 1966. p. 227.

²¹ Foi um diplomata luso-brasileiro, onde exerceu o cargo em locais como Lisboa, México, Peru, Bolívia e em Buenos Aires até a Guerra contra Rosas, onde teve participação importante como servidor

²² MAYER, J. M. *Op. Cit*, p. 415.

camaradagem. O letrado reconhece as diferenças entre as duas nações, ao mesmo tempo que abraça o Brasil como um Estado verdadeiramente americano, usando um olhar comparativo como discurso para essa aproximação e, em raras ocasiões em sua trajetória como intelectual, ameniza a questão da escravidão, usando o argumento comparativo com outro país de sua admiração e que baseou muitos de seus escritos na experiência republicana do mesmo, os Estados Unidos da América.

A la buena causa argentina convendrá siempre una política amigable para con el Brasil. Nada más atrasado y falso que el pretendido antagonismo de sistema político entre el Brasil y las repúblicas sud-americanas. [...] En el fondo, ese país está más internado que nosotros en el sendero de la libertad. [...] Él sacudió el yugo del poder europeo, como nosotros; y el Brasil es hoy un poder esencialmente americano. Como nosotros, há tenido también su revolución de 1810. La bandera de Maipo, en vez de oprimidos, hallaría allí hombres libres. La esclavitud de cierta raza no desmiente su libertad política; pues ambos hechos coexisten en Norte-América, donde los esclavos negros son diez veces más numerosos que en el Brasil.²³

Alberdi permaneceria ainda no Chile, seu nome e suas propostas para os alicerces fundamentais de sua nação ecoaram para além do Atlântico e eventualmente chamariam a atenção de indivíduos que se encontravam de fato na capacidade de exercício do poder decisório naquele momento de rearranjo da nação. Sem dúvidas, o impacto desta produção nos oferece a possibilidade de refletir sobre o papel do letrado na política e sua atuação no Estado argentino que se moldava.

Quase que de imediato, Justo José Urquiza nomearia Alberdi como representante da Confederação Argentina no Chile, cargo que seria recusado cordialmente naquele momento, mas mostrando o interesse da nova elite dirigente que assumia a nação de encarregar o letrado com uma função de Estado importante.²⁴

²³ ALBERDI, Juan Bautista. *Bases y puntos de partida para la organización política de la República Argentina*. Buenos Aires: Biblioteca del Congreso de la Nación, 2017, p. 211.

²⁴ BARROS, Carolina (comp.). *Op. Cit*, p. 40.

Naquele momento de arrumação, onde a presteza nas tomadas de decisões era necessária, podemos afirmar que *Bases* é certamente um “livro de ação”, mas que procura ao mesmo tempo, um ator político. Na verdade, em sintonia com o cânone romântico, Alberdi atribui para si, a tarefa de interpretar a ordem natural da realidade histórica do século XIX naquele contexto, buscando decifrar o significado que está por trás do mundo dos fenômenos, interpretações que estavam de acordo com as concepções dos indivíduos letrados daquele período, que entendiam que os eventos históricos se davam de modo processual.

Libros de accion, escritos velozmente, aunque pensados com reposo, estos trabajos son naturalmente incorrectos y redundantes, como obras hechas para alcanzar al tempo em su carrera y aprovechar de su colaboracion[...]Hay siempre una hora da que la palabra humana se hace carne. Cuando há sonado esa hora, el que propone la palabra, orador ó escritor, hace a ley. La ley no es suya en esse caso; es la obra de las cosas. Pero es la ley durable, porque es la ley verdadera.²⁵

Dentro desta perspectiva, Alberdi estabelece que a história de sua nação se desenrola após a Revolução de Maio e percorria um caminho, partindo de uma racionalidade que identificava a civilização com o desenvolvimento do comércio²⁶ e com o entendimento de que as guerras de independência fizeram parte de um estágio necessário nesse trajeto, mas inacabado dentro de um processo que deveria ser orientado para a inserção da Confederação Argentina em uma dinâmica que poderíamos chamar de “global”.²⁷

Nesse sentido fica em evidência a sensibilidade do autor para além das questões domésticas em seu país, e sua capacidade de análise para um contexto mais amplo envolvendo o palco internacional do século XIX seria requisitada novamente por Urquiza, que o nomearia oficialmente, em 1854 ao posto de “*Encargado de negocios de la Confederación ante los gobiernos de Francia y el*

²⁵ ALBERDI, Juan Bautista. *Obras Completas*. Tomo III. Buenos Aires: Imp. Lit. Y Enc. de La Tribuna Nacional, 1886. p. 375.

²⁶ Ideias que podem ser rastreadas em sua tese traduzida para o *Ostensor Brasileiro*.

²⁷ FARÍAS, Matías. *Prólogo*. In: ALBERDI, Juan Bautista. *Bases y puntos de partida para la organización política de la República Argentina*. Buenos Aires: Biblioteca del Congreso de la Nación, 2017. p.47.

Reino Unido”. Alberdi finalmente se transforma, no sentido literal, em um letrado-estadista, onde sua atuação não se limitaria ao campo das ideias, podendo de fato contribuir para o projeto nacional que acreditava ser o ideal para a sua Argentina.²⁸

No final de 1854, concluía uma de suas obras mais extensas, “*Sistema económico y rentístico de la Confederación*”. Novamente o letrado não desperdiça palavras e conjura outra produção de fundamental importância para a Argentina naquele período organizacional. A obra é um complemento das doutrinas econômicas e financeiras contidas na carta constitucional das *Bases*, sugerindo reformas e soluções que serviriam para superar os erros do passado colonial e reforçariam os alicerces do país.²⁹

Após alguns meses de preparativos, finalmente embarcava para a sua missão como representante diplomático da Confederação. Essa foi a oportunidade concedida ao letrado de aplicar na prática suas doutrinas na ordem internacional, defender a integridade, os interesses de seu país e representar a nação perante os demais países na Europa.

Em abril de 1855 embarcava para os Estados Unidos, onde ficaria até junho e em seguida partiria para Europa, aportando na Inglaterra dando início à resolução das questões referentes aos interesses nacionais de seu país. Uma de suas missões como representante diplomático era estabelecer conexões com as potências europeias e o reconhecimento do Estado argentino como ator legítimo no palco internacional. Somados a esses objetivos, o letrado canalizaria seus esforços em deslegitimar Buenos-Aires³⁰ perante as nações que visitou como agente de Estado, numa tentativa de afirmar a posição da Confederação como o único ator internacional naquele território aparentemente unificado.

²⁸ BARROS, Carolina (comp.). *Op. Cit*, p. 41.

²⁹ MAYER, J. M. *Op. Cit*, p. 477.

³⁰ Apesar da derrocada de Rosas ter permitido um breve suspiro de cooperação entre as províncias do território argentino, ainda havia uma tensão interna entre a elite dirigente portenha e o restante da Confederação, revelando que as disputas domésticas ainda não haviam sido superadas. Essa tensão eventualmente se agravaria com o surgimento de sanções, políticas isolacionistas e a disputa dos dois governos para obter reconhecimento diplomático. Ver: ARAMBURO, M. J. *La República del Río de la Plata: El Estado de Buenos Aires y la nación en 1856*. Boletín del Instituto de Historia Argentina y Americana Dr. Emilio Ravignani, n. 49, 2018.

No final daquele mesmo ano, em 16 de dezembro, encontrou-se com o Imperador da França, Napoleão III. Evento que viria a registrar suas impressões de maneira bastante pessoal e humana, apesar de sua posição de alto escalão, pode-se perceber um pouco de espanto ao conhecer alguém proeminente.

Hoy he sido presentado al Emperador Napoleon III. – Me he puesto uniforme por la primera vez, y me he creído humillado, más bien que enaltecido, por el uniforme. [...] El Emperador Napoleon me ha gustado. He llegado á él sin miedo, aunque embromado por la etiqueta y la falta del idioma. Me há recebido con amabilidad y gracia; me a preguntado por el estado de mi país; [...] ³¹

Desconfortos e elogios a parte, o encontro foi produtivo e Alberdi registra que a vontade do Imperador francês nesta nova política é de cooperação mútua, voltada para a preservação da integridade da República Argentina e o fortalecimento, visando a paz, da autoridade do governo nacional exercida por Justo Jose de Urquiza naquele momento, buscando uma relação recíproca de confiança entre os dois Estados. No final do encontro, ambos os governos elevaram a categoria de seus representantes, de encarregados de negócios a ministros plenipotenciários. ³²

Esse evento, registrado entre documentos de Estados e notas pessoais, obteve uma breve menção na imprensa fluminense. Na seção de “Notícias de Europa”, Alberdi aparece na primeira página com o título de “encarregado dos negócios da República Argentina” e menciona seu encontro com Napoleão III ³³. No dia seguinte, a mesma informação é relatada de maneira semelhante por outro periódico ³⁴ da capital imperial, mostrando um pouco como era a dinâmica da rede de informações que circulavam e de como os jornais locais achavam relevantes determinadas informações, por mais breve que fossem, como foi o caso dessas duas notícias relacionadas ao letrado. Sua menção já ocupando um cargo de

³¹ ALBERDI, Juan Bautista. *Escritos Postumos de Juan Bautista Alberdi, Memorias y Documentos*: Tomo XVI. Buenos Aires: Imprenta Juan Bautista Alberdi, 1901, p.460-461.

³² MAYER, J. M. *Op. Cit*, p.508.

³³ *Correio Mercantil*, n° 328, 28/11/1855, p.1

³⁴ *Diário do Rio de Janeiro*: n° 54, 29/11/1855. p.2

destaque em uma nação supostamente amiga, encontrando o chefe de Estado de uma das principais potências do período, reflete um certo prestígio em seu nome.

Entre os periódicos³⁵ que noticiaram o evento no qual Alberdi participou, encontrava-se o *Correio Mercantil*³⁶, um periódico considerado muito mais dinâmico e vibrante que os demais, atraente para os olhos do consumidor e que se consolida como um dos órgãos de imprensa mais difundidos do Brasil. Este jornal durante seu período de circulação, conseguiu reunir os melhores elementos intelectuais de seu tempo, sabendo explorar essas características para uma maior amplitude no sentido mercadológico. Este fato reforça ainda mais a nossa proposta de que o letrado não era um total estranho para os jornais da capital imperial e seus respectivos leitores.³⁷

Seu reaparecimento na imprensa se deu em um momento de maior sintonia entre as forças partidárias na conjuntura doméstica da política brasileira, sendo tão evidente a concordância entre os liberais e conservadores que os contemporâneos ironizavam a ausência de pautas divergentes. Os políticos se adaptaram a vida na corte, revezando entre bajulação ao Imperador e a prática “espetacular” da política. A imprensa, adulada por esses parlamentares, publicava seus longos discursos, cheios de digressões, citações e requintes oratórios. Todos esses fatores nesse cenário, somadas à reconciliação temporária entre os partidos, resultaram na homogeneidade e no fortalecimento na figura central do Imperador, inaugurando a consolidação de uma estabilidade política jamais experimentada desde a Independência.³⁸

No ano seguinte do anúncio de sua visita como representante de Estado da Confederação, Alberdi aparecia novamente nas páginas da imprensa carioca. Ao contrário da breve menção realizada anteriormente, o *Correio Mercantil*

³⁵ Para facilitar uma maior fluidez na narrativa que coincide com a biografia de Alberdi e pela quantidade de periódicos nos quais é mencionado, optamos por seguir uma linha cronológica, podendo mais à frente, um periódico já exposto reaparecer em uma outra data.

³⁶ O periódico possuía o total de quatro páginas com textos ligados a gêneros jornalísticos informativos e literários bastante variados. A apresentação das páginas, geralmente eram organizadas em cinco colunas separadas por filetes pretos. Os textos relacionados aos gêneros informativos apareciam em todas as páginas. Na primeira e na segunda página, apareciam as seções intituladas Exterior, Interior, Variedades, Rio de Janeiro, Notícias e Fatos Diversos, Folhetim do *Correio Mercantil*.

³⁷ SODRÉ, Nelson Werneck. *Op. Cit.*, p. 218.

³⁸ SCHWARCZ Lilia Moritz; STARLING, Heloisa M. Starling. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 282-283.

publicaria na primeira página, na seção do “Exterior” uma matéria com intitulada “Rendas da Confederação da Argentina”.

A matéria começa citando um trecho de sua produção mais recente direcionada para a organização da Argentina, o “Systema econômico e rentístico da Confederação Argentina. – Juan B. Alberdi – 1855”:

Não são os recursos que faltão à Confederação, mas sim um systema administrativo que possa dar conta dos infinitos recursos que possui, ordena-los, calcula-los, recebê-los e encerra-los em uma arca commun nacional³⁹

Em seguida aparece um recorte da “Assembléa Nacional de França. – 1789: A escala da fortuna é a única base equitativa de todo imposto”, complementada pelos dizeres: “A igualdade é a base dos impostos e dos onus públicos. Artigo 16 da Constituição Argentina”.

Incluir um trecho da Assembleia Nacional Constituinte em conjunto com o *Sistema económico y rentístico de la Confederación* e um trecho da Constituição Argentina, nos revela um recurso utilizado pelo autor anônimo do artigo para elevar a importância desse delicado momento de organização de uma nação em seu texto. Ao inserir um evento histórico⁴⁰ com a magnitude da Revolução Francesa, o autor parece buscar no passado um exemplo histórico para reforçar ainda mais os argumentos que tenta expor e defender no texto a seguir, que tem um início direto e uma afirmação lúgubre em relação à economia da nação argentina. “Nossos cofres estão exaustos; as rendas actuaes não chegam para nossas despesas mais estrictas. Este facto é público, e dá naturalmente lugar ás seguintes reflexões.”⁴¹

O artigo se desenvolve apresentando dificuldades na maneira pela qual os responsáveis pela administração das economias da Confederação naquele momento, exerciam as suas funções, e atribui o “mal presente” a uma “enfermidade passageira”, pois não se constitui como um “vicio inherente” na

³⁹ *Correio Mercantil*: n° 43, 13/02/1856. p.1.

⁴⁰ Uma das etapas da Revolução Francesa, evento que certamente era conhecido pela sociedade letrada no ocidente do século XIX. Seu objetivo era estabelecer um projeto constitucional que auxiliasse no momento de reorganização daquela nação.

⁴¹ *Correio Mercantil*: n° 43, 13/02/1856. p.1.

formação e na organização política do país. Para o autor anônimo, o principal erro dos dirigentes da Argentina é o de não fazer o usufruto dos elementos da constituição que possuem as ferramentas para se estabilizar e formar o tesouro nacional.

A organização da fazenda publica é parte mais importante dos trabalhos administrativos na actualidade. As bases de sua organização estão na constituição, só falta a elaboração do systema, tarefa primordial dos ministros da fazenda na Confederação, como muito bem o disse o Sr. Alberdi.⁴²

Em seguida enumera os elementos que estão contidos na constituição argentina para reforçar a mensagem que quer passar para o seu leitor em potencial.

A constituição tem designado quaes são as fontes que devem servir para formar o tesouro nacional; são: A renda de propriedades publicas; O arrendamento das ditas propriedades; A contribuição directa e indirecta; O credito. Até agora temos tocado unicamente em uma parte dellas, sem tirar de todo o partido que devemos esperar.⁴³

Nesta última frase do trecho acima, o autor retorna para a “enfermidade passageira”, que se resume em uma parte do território da Confederação não estar contribuindo com os impostos para assim estabilizar o tesouro nacional, como está explicitado pela Constituição argentina e pela afirmação de Alberdi aqui utilizada como argumento. O trecho da obra do letrado utilizado pelo autor do artigo pertence a um capítulo intitulado, “*Continuación del mismo asunto. - Posibilidad de los recursos que la Constitución asigna para la formación del Tesoro nacional. - Fáltale sistema, no recursos.*”⁴⁴

As palavras do letrado no capítulo em questão, podem nos revelar um pouco mais para além de uma obra pragmática organizacional. Sua conclusão e

⁴² *Correio Mercantil*: n° 43, 13/02/1856. p.1.

⁴³ *Idem*.

⁴⁴ ALBERDI, Juan Bautista. *Sistema económico y rentístico de la confederación argentina, según su Constitución de 1853*. In: Obras Completas de J.B. Alberdi, Tomo IV. Buenos Aires. IMP, LIT. Y ENC. DE “LA TRIBUNA NACIONAL” Bolívar 38, 1886, p.330.

publicação se deu no final de 1854, e nela podemos deduzir que a Confederação ainda se encontrava em um estado de desarmonia naquele início da administração de Urquiza.

Ya hemos visto que esta cuestión equivale a preguntar si puede existir la República Argentina como nación soberana e independiente en la actitud que hoy tiene, es decir, formada de la totalidad de sus provincias, menos una.⁴⁵

Este estado de desarmonia foi brevemente noticiado nas páginas da imprensa carioca. A matéria tem seguimento evocando, indiretamente, tópicos contidos no *Sistema Económico y Rentístico* em relação à distribuição de impostos naquele momento de organização nacional, afirmando que a principal fonte de renda do tesouro argentino se limitava apenas a “fonte quase exclusiva de toda renda nacional é a contribuição indirecta, chamada direitos da alfandega.”⁴⁶

Fica em evidência uma queixa por parte do autor do artigo ao se basear na obra pragmática de Alberdi e naquele trecho da Constituição. As instruções do letrado sobre as pautas para a solidificação de uma economia estável se resumem em quatro pontos chaves que são expostos de maneira concisa pelo artigo. O ponto que mais se destaca nesta exposição é o terceiro.

3º Del producto de las contribuciones directas e indirectas que imponga el Congreso; en lo que entran de un modo exclusivo los derechos de aduanas, la renta de correos. los derechos de tonelaje y de amonedación; y conjuntivamente con el poder rentístico de provincia, la generalidad de las contribuciones y de los recursos del crédito público.⁴⁷

A matéria prossegue com a afirmação de que: “Não faltão recursos; ainda estão virgens aqueles que devem alimentar o tesouro nacional.[...]A justiça distributiva é o primeiro dever dos legisladores, a alma e a lei das sociedades.”⁴⁸ A continuação é marcada pelas palavras do letrado sendo usadas como argumentos

⁴⁵ ALBERDI, Juan Bautista. *Op. Cit.*, p.330.

⁴⁶ *Correio Mercantil*: n° 43, 13/02/1856. p.1.

⁴⁷ ALBERDI, Juan Bautista. *Ibidem*, p.330.

⁴⁸ *Correio Mercantil*: n° 43, 13/02/1856. p.1

de autoridade para corroborar as questões levantadas pelo autor do artigo. Alberdi propõe que:

[...]Son muchos los medios que pueden emplearse a este respecto; pero todos ellos se reducen a dos. O se pide directamente al contribuyente una parte de su renta, o bien se le exige una suma sobre ciertos consumos que hace con su renta, sin inquirir su nombre ni mencionar su persona. Lo primero es la contribución directa, lo otro es llamado contribución indirecta.⁴⁹

Ainda bebendo da fonte alberdiana, o autor do artigo, explica para o seu leitor as formas de contribuições possíveis, entre a direta e indireta⁵⁰. Segundo o mesmo, naquele momento há um desequilíbrio onde somente a contribuição indireta está cooperando para o tesouro nacional, e reproduz o raciocínio de Alberdi em suas palavras:

A contribuição directa pede aos habitantes na razão do que possuem ou do que ganhão. A contribuição indirecta exige de todos quantidades iguaes, sem ter em consideração essas bases do imposto equitativo.⁵¹

Após essas especificidades serem expostas para os leitores em potenciais e o usufruto do *Sistema Rentístico* como alicerce argumentativo, o autor chega ao objetivo final de seu texto que revela ser uma espécie de alerta seguido de exemplos com dados numéricos referentes às rendas das províncias. Afirma que sem um sistema de arrecadação de impostos harmoniosos, resultaria em uma maior instabilidade financeira para a Confederação. O autor aponta para um dos motivos dessa “desarmonia” que menciona que a contribuição direta faz parte de uma das incumbências das províncias do território nacional argentino afirmando que a “contribuição directa pertence às províncias; logo, a única que corresponde ao Thesouro Nacional é a do território federalizado.”⁵²

⁴⁹ ALBERDI, Juan Bautista. *Op. Cit.*, p. 416.

⁵⁰ Resumindo as palavras de Alberdi: exemplos de contribuições diretas são o imposto sobre a renda e propriedade pessoal, que incide sobre os rendimentos e bens das pessoas, e a contribuição indireta, o imposto sobre o valor agregado, que arrecada o consumo que as pessoas fazem com esses bens. Ver: ALBERDI, Juan Bautista. *Idem*, p. 416-418.

⁵¹ *Correio Mercantil*: n° 43, 13/02/1856. p.1

⁵² *Correio Mercantil*: n° 43, 13/02/1856. p.1

Como exemplo, utiliza a contribuição direta da província de Entre Rios, afirmando que com estes “impostos moderados”, a contribuição chamada de “direta” por Alberdi, pode produzir mais de duzentos mil pesos nesta província para o tesouro nacional. A solução para a “enfermidade passageira” que o autor menciona no início deste artigo se refere a contribuição de todas as províncias, seguindo as instruções propostas por Alberdi na obra citada.

A conclusão do artigo possui tom mais grave, semelhante a uma chamada de atenção para o seu público e as demais províncias que não seguem essas recomendações em prol da Confederação como um todo, reforçando ainda mais que há de fato uma política econômica dessincronizada naquele território nacional.

Das treze provincias que compõem hoje a Confederação, quatro dellas hão dado o exemplo; Mendonça, Tucuman, S. João e Santa-Fé, crearão a contribuição directa. Que as sigão as outras, e que ao mesmo tempo se organize e regularize o systema de fazenda nacional; então a organização da Confederação chegará a ser definitiva e duradoura.⁵³

Ao encerrar o artigo, é revelado para o leitor na capital fluminense que a matéria foi uma tradução de um periódico chamado *La Cronica*. O artigo utiliza citação de uma obra produzida pelo letrado, seu nome incluso, e até a parte final onde exemplifica com dados numéricos, uma situação delicada bastante específica da sua conjuntura nacional. O que nos leva à questão do porquê um órgão de imprensa brasileiro com a envergadura do *Correio Mercantil* sentiu a necessidade de traduzir um artigo tão pontual para o leitor da capital fluminense.

A matéria no original, foi publicada na cidade de Buenos Aires aproximadamente duas semanas antes de ser publicada na imprensa do Rio de Janeiro.⁵⁴ Localizada na primeira página do periódico e na seção de notícias chamada de “Interior”. O título do artigo é diferente do periódico brasileiro, “*Rendas Nacionales*”, e assim como a sua tradução para o português, a autoria permanece no anonimato.

⁵³ *Correio Mercantil*: n° 43, 13/02/1856. p.1.

⁵⁴ *La Cronica*: n°510, 30/01/1856. p.1.

O tom deste artigo revela para o leitor brasileiro que, apesar da configuração política da Confederação Argentina ter sido definida no campo teórico e constitucional, na prática ainda representava um conjunto de treze províncias com uma forte tradição de autonomia que abarcava as áreas econômica, política e institucional.⁵⁵ Em julho daquele mesmo ano, a *Ley de derechos diferenciales*, que sobretaxava a importação, e posteriormente a exportação, de mercadorias que eram comercializadas pelo porto de Buenos Aires, poderia ser considerada um ato de agressão econômica. Certamente a elite dirigente portenha sentiu os efeitos dessa lei diretamente e não esqueceria o contribuinte teórico da mesma.⁵⁶

A tensão entre a Confederação de Urquiza e os portenhos era tamanha durante o período organizacional após Caseros que teve reflexo na arena da palavra impressa. O próprio Urquiza atacou a imprensa de oposição e, com um gesto *a la* Rosas, ordenou a prisão ou o exílio de vários atores políticos, como Bartolomé Mitre, Vélez Sarsfield, Valentín Alsina⁵⁷. Apesar da supressão de diversos órgãos de informação, isso não significou o fim da imprensa. Enquanto alguns meios de comunicação mantiveram seu nome como *La Prensa Nacional*, outros mudaram como *El Comercio* e *El Federal*, que substituiu respectivamente para *Los Debates* e o *La Cronica*.⁵⁸

O *La Cronica*, que já havia sucumbido à censura e teve as suas portas fechadas por representantes da Confederação dois anos antes, havia se tornado simpatizante do governo Urquiza ao trocar de gestão e estabelecido um contrato por direitos de publicação de documentos oficiais da Confederação. A tabela com os dados na matéria em questão pode ser considerada um exemplo. Essa postura do periódico resultou em inúmeras críticas de jornais portenhos que descreviam o periódico como um “camaleão” que ataca e adula a Confederação quando lhe convém, e cujas mudanças ideológicas podem ser atribuídas ao “suborno” dos

⁵⁵ SABATO, Hilda. *Historia de la Argentina*, 1852-1890. Buenos Aires, Siglo XXI, 2012, p.45.

⁵⁶ BARRIO, Cesar de Oliveira Lima. *O Império do Brasil e a política de intervenção no rio da Prata (1843-1865)*. Brasília: FUNAG, 2018, p. 247.

⁵⁷ Três indivíduos com grande projeção política naquele momento e ferrenhos apoiadores da autonomia provincial de Buenos Aires.

⁵⁸ WASSERMAN, Fabio. *La libertad de imprenta y sus límites: prensa y poder político en el Estado de Buenos Aires durante la década de 1850*. Almanack Braziliense. São Paulo, nº10, p. 130-146, nov. 2009, p. 137-138.

direitos de publicação dos documentos oficiais.⁵⁹ Essa situação de “cima do muro” do periódico que teve sua matéria traduzida para um jornal brasileiro pode ser interpretada como um reflexo da complexidade envolvendo a dinâmica no âmbito doméstico no território argentino.

A precariedade financeira da Confederação que o *La Cronica* expõe para o *Correio Mercantil*, prejudicava a sua imagem no palco internacional ao ser traduzida e publicada na imprensa imperial. Deixando subentendido uma não superada rivalidade com o Estado de Buenos Aires, que também disputava o status de província autônoma perante as demais nações. A informação que ali fora enviada pelas redes internacionais entre os dois órgãos de imprensa, revela abertamente uma grave crise financeira de um Estado no qual o Império possuía investimentos e empréstimos.

Talvez para o leitor mediano da capital imperial, a instabilidade no país vizinho não fosse tão alarmante, mas no século XIX era comum órgãos de imprensa, principalmente os que tinham uma maior afinidade com seus governos, relatarem movimentos do xadrez internacional naquela conjuntura de afirmação de identidades nacionais. A própria configuração de boa parte dos periódicos possuía a sua seção “Exterior” na primeira página ou coluna, dependendo do contexto, importância e interesse em determinada notícia ou informação. Era uma forma imediata de perceber o cenário internacional que se formava naquele período, onde, as informações sobre outras nações, em conjunto com o comportamento de seu próprio Estado perante as mesmas, ajudariam a reforçar para aquele leitor a noção de pertencer a algo maior ao mesmo tempo ciente da existência de um “outro”. Seguindo essa linha de raciocínio, levantamos a hipótese de um certo alinhamento com os interesses nacionais do Brasil em mostrar para a imprensa, a situação da Confederação de Urquiza.

O Império estava atento em relação à situação no território vizinho, e havia uma certa cautela na diplomacia imperial em lidar com a dinâmica internacional da Confederação e de Buenos Aires. Para o Brasil, a instabilidade política argentina ameaçava os interesses nacionais, colocando em risco a relativa estabilidade regional alcançada com o sucesso da Batalha de Caseros (1852), a

⁵⁹ *Idem*, p. 141-142.

segurança da navegação fluvial na região platina e principalmente atrasaria o pagamento da dívida ao Tesouro brasileiro que havia financiado Urquiza na luta contra Rosas. O contrato realizado entre as partes determinava que o pagamento da dívida era responsabilidade da Confederação que ainda gastava recursos com Buenos Aires.⁶⁰

Simultaneamente no tabuleiro internacional, a administração Urquiza que buscava a unidade nacional sob sua liderança, dedicou-se a alcançar o reconhecimento diplomático através da unidade da Confederação. Esta era uma das missões de Alberdi que, apesar de seus esforços, não impediu as potências europeias de enviarem seus agentes para Buenos Aires⁶¹, agravando a dinâmica entre os poderes em disputa naquela conjuntura.

Enviar ministros á Buenos Aires es reconocer su indepenedecia. Reconocer su idependecia es admitir, en Buenos Aires, una soberanía fluvial que no es la argentina[...]⁶²

Tal organização, ou desorganização doméstica permitia acesso a canais diplomáticos tanto no Paraná, capital da Confederação, quanto na cidade de Buenos Aires que, por sua posição geográfica com acesso às rotas de navegação, ainda era um forte atrativo para os demais Estados que buscavam capitalizar ganhos com essa situação. A rica província de Buenos Aires ainda era um obstáculo no projeto de unidade nacional almejado por Alberdi e Urquiza.

Essa situação política fragmentada em seu país acompanhava o letrado desde o início de sua missão como representante internacional da Confederação. Em um de seus registros do dia 12 de Julho de 1855 relata o seu encontro com um proeminente agente de Estado britânico e nele já expressava sua desconfiança e descontentamento em relação à política externa do Império do Brasil e o seu aparente alinhamento com a cidade de Buenos Aires. Segundo Alberdi, quando perguntado pelo diplomata britânico sobre o Brasil, responde:

⁶⁰ DORATIOTO, Francisco. *Op. Cit*, pp.36-37.

⁶¹ SABATO, Hilda. *Op. Cit*, p. 52.

⁶² Trecho retirado de um registro do letrado datado em Junho de 1855. In: ALBERDI, Juan Bautista. *Escritos Postumos de Juan Bautista Alberdi*. Memorias y Documentos: Tomo XVI. Buenos Aires: Imprenta Juan Bautista Alberdi, 1901, p.430.

Nos molesta hoy; además de ocupar la Banda Oriental, induce á Buenos Aires á desmembrarse de la República, con la idea de crear muchos estaditos pigmeos en las bocas del Plata y dominar ese río. ⁶³

O letrado externalizava oficialmente⁶⁴ para outros agentes de Estado suas preocupações referentes aos movimentos do Brasil e de Buenos Aires no contexto geopolítico na Região do Prata. Podemos afirmar que tanto Buenos Aires, o Império do Brasil e a relação entre ambos, foram motivos de preocupação genuína ao longo de sua carreira como representante internacional da Confederação Argentina.

Em alguns escritos mais íntimos, Alberdi deixa claro suas suspeitas das maquinações do Império em utilizar a Confederação como um instrumento para alcançar os próprios interesses estratégicos e por volta do final de março envia uma carta para o seu amigo Juan Maria Gutierrez. Como recurso literário para causar impacto, fala da possibilidade da sua Argentina ser escravizada e convertida em um instrumento do Império, tal como o mesmo fazia com seres humanos.

Mi temor es que seamos los micos de ese país; que el Brasil pretenda hacernos pelear, a salario, por él y para él. Lo que no puede hacer con sus negros, a de querer hacer unas veces con/alemanes(Ituzaingó), otras con argentinos(Monte-Caseros). En una obra de Mr. C. Raybaud, que acaba de aparecer aquí sobre el Brasil, y que se sabe que es inspirada por los ministros de ese país; la caída de Rosas es atribuída al Brasil, y el autor no ve más resultados de esa campaña, que no se que tratados del Brasil, con los países ribereños, sobre navegación exclusiva.”⁶⁵

As queixas de Alberdi transparecem uma desconfiança antiga em relação ao Brasil, lembrando de um passado não muito distante onde ambos haviam

⁶³ ALBERDI, Juan Bautista. *Op. Cit*, p. 450-451.

⁶⁴ Essa afirmação foi feita com base em um diálogo dos registros pessoais deixados pelo letrado e não de um documento de Estado oficial.

⁶⁵ *Carta de Alberdi a Gutierrez, Paris, fines de Marzo de 1856* In: *Cartas Inéditas a Juan Maria Gutierrez y a Felix Frias. Recopilación e Introducción de Jorge M. Mayer y Ernesto A. Martinez.* Editorial Luz Del Día, Buenos Aires, 1953, p. 60-61.

derramado sangue. Outro ponto que parece atingir bastante o letrado neste registro é a percepção que uma das potências na qual estava alocado em missão estrangeira, tinha sobre a queda de Rosas em Monte-Caseros ser mérito do Brasil e não de um esforço em conjunto onde a Confederação foi o verdadeiro protagonista que buscava a sua liberdade e seus interesses. Alberdi, que entendia o poder da palavra impressa na construção da imagem de um Estado, via a publicação da referida obra como uma distorção dos fatos e considerava uma afronta o prestígio que o Brasil recebia na mesma.

Mr. C. Raybaud, publicista francés, ni la menor mención hace de los tratados de libre navegación fluvial firmados por la Confederación con la Europa,[...] ni el establecimiento de un Gobierno Nacional con las provincias argentinas antes desunidas; y ni el cambio hecho por la Confederación en el derecho público sud-americano; y ni los tratados de comercio firmados con Serdeña, Estados-Unidos, Portugal, Chile, nada de eso venido de resultados de la caída de Rosas, ve este eco del Brasil. Y porque?/porque el Brasil vé todo esto con envidia y de mal ojo, en su odio contra las repúblicas vecinas.⁶⁶

O letrado deixa transparecer para Gutierrez que acredita que a política do Império “es hostil evidentemente a los países de América regidos por el principio republicano. Con razón o sin ella nos ha de perturbar siempre tras de su doble mira de desacreditar el principio republicano como medio de mantener suyo con la de debilitar-nos para llevar a cabo su esperanza quijotesca de absorción. Nosotros precisamos defendernos.”⁶⁷ A antítese entre república e uma monarquia começa a se evidenciar em seus escritos, que curiosamente anos antes, não abordava como sendo uma ameaça para o republicanismo e seus adeptos no continente.

Alberdi relata que outros países da América Latina como Venezuela, Equador, Peru e Bolívia compartilham de seus receios e esperanças, esta última relacionada a uma América republicana unida e cooperativa contra as ambições de uma monarquia no continente. Essa dicotomia entre república e o antigo regime

⁶⁶ Carta de Alberdi a Gutierrez, Paris, fines de Marzo de 1856. *Idem*, p.61

⁶⁷ *Idem*.

acompanharia o letrado no curso de sua trajetória intelectual. Seguindo esta lógica, fala para Gutierrez sobre a postura que acredita ser a correta para a Confederação naquela conjuntura, não cedendo às atitudes do Império e das vantagens na firmação de tratados com outras nações referentes ao direito de livre navegação das águas na região do Prata. Neste trecho, mesmo direcionado apenas para seu amigo, podemos notar um tom de desafio do letrado em relação ao Brasil.

Cuando menos, en la paz o en entredicho, es preciso hacerle entender al Brasil, que tenemos medios de hacerle mucho mal, si no quiere ser honrado y leal, en su amistad para con nosotros.[...]La nueva libertad fluvial nos ha puesto ya casi encima del Brasil. Los ensanches que podemos dar a ese principio en el futuro tratado de comercio con Francia y en otros adicionales con Inglaterra y Estados-Unidos, nos daría una actitud de triunfo perpetuo sobre el Brasil.⁶⁸

Estes escritos produzidos pelo letrado durante sua missão diplomática em Paris, possuem a entrada no registro em “fines de marzo de 1856”, mês que coincide com um outro evento que podemos considerar relevante tanto para o letrado quanto para a política internacional na Região do Prata. No dia sete de março daquele mesmo ano era assinado um “Tratado de amizade, commercio e navegação entre o Imperio do Brasil e a Confederação Argentina”. Evento que pode ter sido referido por Alberdi em sua carta como “nueva libertad fluvial”.

Tendo-se concluido e assignado na Cidade do Paraná aos 7 dias do mez de Março do presente anno, hum Tratado de amizade, commercio e navegação entre o Imperio e a Confederação Argentina; e achando-se este acto mutuamente ratificado, e trocadas as ratificações em 25 de Junho proximo passado; Hei por bem que o dito Tratado seja observado e cumprido tão inteiramente como nelle se contém.⁶⁹

⁶⁸ *Ibidem*, p. 62.

⁶⁹ Decreto nº 1.781, de 14 de Julho de 1856. *Coleção de Leis do Império do Brasil - 1856*, Página 326 Vol. 1 pt. II (Publicação Original).

A assinatura deste tratado ocorreu durante um momento de alta tensão política entre Paraná e Buenos Aires, que foi sempre uma constante apesar dos esforços para unificação da administração Urquiza. Ambas frentes de governo se utilizavam de diversos artifícios para exercer pressão envolvendo os campos econômicos, político e em alguns casos a confrontação física⁷⁰. Alberdi se identificava com o mecanismo de política internacional de pressão. Nesse antagonismo, foram utilizados a atuação de enviados diplomáticos da Confederação e de Buenos Aires ao exterior para buscar o reconhecimento de suas respectivas autoridades, tarefa na qual os portenhos acabam tendo mais êxito. Urquiza também tentou cooptar alguns países vizinhos, como Paraguai e Brasil, em uma aliança para subjugar Buenos Aires, tarefa que não havia sido muito frutífera.⁷¹ Tentativa não sucedida que afetaria, diretamente, as relações entre a Confederação e o Brasil.

Apesar de ter sido ratificado pelo Império e aprovado pelo Congresso da Confederação, o tratado não foi ratificado pelo governo desta. A decisão de não ratificar o tratado pelos dirigentes no Paraná foi tomada em forma de represália devido a recusa do governo imperial em apoiar com contingente militar uma manobra da Confederação de Urquiza contra a província de Buenos Aires.⁷² Analisando o tempo da carta que mandou para seu amigo Gutierrez e a assinatura do tratado, haviam se passado aproximadamente três meses e pela natureza de suas palavras sobre a nova vantagem adquirida com a liberdade de navegação, deduzimos que o letrado acreditava que o tratado se manteria de pé. Isso revela diferentes patamares de crise envolvendo a administração Urquiza, a preocupação com Buenos Aires aumentando e antigos aliados se ausentando.

Dentro desta conjuntura de princípios e projetos antagônicos no território argentino, é iniciada na imprensa portenha uma espécie de campanha que buscava minar o prestígio que Alberdi havia adquirido ao longo dos anos após

⁷⁰ No final do mês de janeiro de 1856, ocorreu um confronto entre as forças leais à Confederação de Urquiza e a província de Buenos Aires. Evento que teve como desfecho a execução dos derrotados leais a Urquiza, no que ficou conhecido como “matanza de Villamayor”, aplaudido por parte da imprensa de Buenos Aires. Ver: WASSERMAN, Fabio. *La libertad de imprenta y sus límites: prensa y poder político en el Estado de Buenos Aires durante la década de 1850*. Almanack Braziliense. São Paulo, nº10, p. 130-146, nov. 2009. p.142.

⁷¹ SABATO, Hilda. *Op. Cit*, p. 78.

⁷² DORATIOTO, Francisco. *Op. Cit*, p. 38.

Monte-Caseros. O jornal *El Nacional*, notório em seu apoio à província de Buenos Aires e na oposição à Confederação, passou não só a censurar, mas também a atacar a reputação do letrado-estadista, afirmando que o mesmo havia iniciado uma campanha difamatória no exterior contra Buenos Aires. Segundo a imprensa portenha, suas ferramentas de ataques eram a calúnia e a mentira.⁷³

A campanha dos jornais portenhos contra Alberdi ecoou na imprensa da capital do Império, sendo esta, assim, uma das, senão a primeira vez em que o letrado-estadista é registrado com suspeita por um jornal carioca. Em outubro de 1856, Alberdi aparece novamente na primeira página do *Correio Mercantil* em uma matéria referente a uma publicação em um periódico chamado de *O Nacional*. Dessa vez, seu nome aparece relacionado a um tom de suspeita por parte do editorial do periódico do Rio de Janeiro.

O Nacional do dia 9 publicou, extrahida dos diários de Buenos-Ayres, uma carta do Dr. Alberdi, ministro da confederação na Europa, dirigida ao general Urquiza, que a ser verdadeira mostraria que o diplomata argentino aconselhando ao presidente da confederação, que desconfie, e se [...] ⁷⁴ do Brasil, parece ainda não estar convencido pelos factos das desinteressadas intenções da politica brasileira. Se não é apocripha a carta a que nos referimos, é notável que ao passo que se pretende incutir desconfiança e suspeitas no animo de Urquiza relativamente as intenções nos negócios de Buenos-Ayres, a imprensa deste estado accuse ao governo imperial de querer entrega-lo ao domínio da confederação. Estão tão abaixo da reputação dos talentos e alcance politico do Dr. Alberdi as doutrinas da carta em questão, que é forçoso acreditar que não é ella obra sua, e não merece portanto uma detalhada refutação ou analyse

⁷⁵

Este trecho publicado pelo editorial do *Correio Mercantil*, mostra o letrado-estadista como representante de Estado para a Confederação e cita a sua função de diplomata em aconselhar ao presidente Urquiza na tomada dos processos decisórios de sua nação. Pelo tom da matéria no jornal fluminense, as

⁷³ MAYER, J. M. *Op. Cit.*, p.538.

⁷⁴ Palavra ilegível na versão digitalizada, similar a “pregava”, “pecava”, omitida por opção.

⁷⁵ *Correio Mercantil*: nº 281, 12/10/1856 p.1.

palavras da carta parecem ter ofendido o autor do artigo, que sentiu a necessidade de passar mais que resumidamente para o seu público em potencial a natureza difamatória que, supõe-se estar presente no escrito atribuído a Alberdi.

Segundo o *Correio Mercantil*, os conselhos do letrado-estadista para Urquiza sobre a política externa do Império no tocante a Confederação são tão absurdos e infundados que demonstram uma certa cautela e descrença em serem verdadeiramente as palavras do “Dr. Alberdi”, que neste trecho parece gozar de boa reputação no jornal. Afirma que a carta está tão abaixo do intelecto e reputação do letrado que não aparenta ser sua e não é digna de resposta por parte do editorial do jornal. Ao colocar em dúvida a autoria da carta, o autor do artigo evidencia a credibilidade que Alberdi possuía naquele órgão de imprensa naquele momento.

A sua credibilidade e seu nome, como já mencionado anteriormente, haviam se tornado alvo de uma campanha consciente de “assassinato de reputação” por parte da imprensa de Buenos Aires. Em uma conjuntura de disputa por poder e influência, não surpreende alguém da projeção e posição de Alberdi ser atacado por opositores de sua causa, afinal uma de suas missões no exterior era agir de fato contra a autonomia internacional dos portenhos, situação que inevitavelmente angariava inimigos. Os registros produzidos por ele, que até aqui foram expostos, deixam em evidência suas preocupações em relação aos movimentos de Buenos Aires e as maquinações do Império na região do Prata.

A publicação desta informação na imprensa coincide com o período de aumento de tensão entre a Confederação e Buenos Aires e a maneira pela qual a diplomacia imperial lidava com a possibilidade de enfrentar um novo período de volatilidades na região. Pressupomos que esta informação, liberada no dia 09/10/1856, de acordo com o jornal brasileiro, em Buenos Aires, tenha sido enviada ao órgão de imprensa da capital imperial com o intuito de enfraquecer os laços da Confederação de Urquiza e o Império, utilizando a reputação do letrado-estadista para causar maior impacto, já que o mesmo pertencia a um cargo no corpo diplomático da Confederação Argentina. Além disso, levamos em consideração a localização portuária da cidade de Buenos Aires, que facilitava na logística de circulação de informações.

O que chama a atenção é a discrepância da data mencionada pelo *Correio Mercantil*, já que a carta foi publicada pelo *El Nacional* no dia 06/09/1856, ou seja, mais de um mês antes de ser enviada e disseminada na capital do Império. Localizada na primeira página e em uma seção intitulada “Confederación Argentina”, a carta é anunciada para o leitor em letras maiúsculas de maneira direta, “CARTA DE ALBERDI”.

A S. E. el Sr. Presidente, General D. Justo J. de Urquiza. Paris, 4 de Abrill de 1856. Muy querido Sr. Presidente: La guerra de Oriente há dejado de ser la ocupacion para la Europa. La paz está hecha desde el 30 de Marzo, con ventajas para la Europa, de que van á ser partícipes los países de América que tenemos una vida solidaria con ella.⁷⁶

O ato de tornar público uma informação dessa natureza causou um relativo impacto na imprensa fluminense. Naquele mesmo dia de outubro de 1856, outro órgão de imprensa brasileiro seria mais duro e detalhista, e faria o público letrado mais ciente das supostas palavras hostis relativas ao Brasil.

O *Jornal do Commercio*, um jornal que buscava se isentar de partidarismos, mas que seguia uma linha conservadora, pode ser considerado uma das melhores representações do jornalismo oficial do Império que reuniu renomados letrados ao longo de sua trajetória. Outros Letrados-estadistas como José Maria da Silva Paranhos, o Visconde do Rio Branco e Joaquim Nabuco contribuíram com o jornal ajudando a construir uma reputação entre os leitores da capital do Império.⁷⁷ Levantamos a hipótese de que o alcance de tal informação disseminada por esses dois proeminentes jornais brasileiros foi significativa, resultando para a reputação do letrado argentino um mínimo de suspeita por parte do público.

Jornal que dedicava as suas páginas iniciais na década de 1850 ao mundo internacional, mostrava naquele momento sua indignação sobre a suposta infame carta de Alberdi para Urquiza. O editorial alerta ao leitor que “a extensão do documento *sui generis* não nos permita transcrevê-lo aqui integralmente”, então

⁷⁶ *El Nacional*: n° ilegível, 06/09/1856. p.1.

⁷⁷ MARTINS, Ana Luiza. *Imprensa em tempos de Império*. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina (Orgs.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008, p.52-54.

decidem publicar trechos desta carta. Acreditamos que além dos parênteses atribuídos a Alberdi, os grifos em itálicos que estão nesta matéria são trechos do documento selecionados pelo editorial do *Jornal do Commercio* com o desígnio de direcionar o leitor para os tópicos ali abordados.

Os jornaes de Buenos-Ayres copião dos da Confederação uma curiosa carta, escripta de Paris em 5 de Abril deste anno, ao general Urquiza, pelo seu amigo e agente naquella capital Dr. Juan Bautista Alberdi.⁷⁸

Diferentemente do *Correio Mercantil*, que afirma ter sido publicada pelo “*O Nacional*” no dia 09, o *Jornal do Commercio* atribui o aparecimento da carta a mais de um órgão de imprensa em Buenos Aires. Não especificando a data de publicação, o jornal é mais detalhista em expor tópicos que não estão em evidência no *Correio Mercantil*, como a suposta data original de sua produção, esta que também é equivocada em relação a que foi registrada pelo *El Nacional*.

Ambos os jornais usufruíram da mesma fonte e publicaram a mesma notícia que foram originadas de um mesmo local. Mesmo com datas equivocadas, as informações batem e são editadas de acordo com o interesse de cada periódico. Segue um trecho da matéria do jornal:

[...]Tomando por thema a terminação da guerra do Oriente, e seguro de que a America passará a ser agora a *menina dos olhos* das potencias aliadas, espraia-se o doutor em conselhos ao general afim de que aproveite a nova época que surge, e na qual lhe está destinado num papel muito brilhante como *iniciador e representante de uma reforma na America do Sul*, que interessa altamente o commercio e navegação da Europa.⁷⁹

Nos pontos abordados, como a defesa da livre navegação e suspeitas em relação a Buenos Aires e à política externa brasileira na bacia do Prata, muito lembram os seus escritos pessoais para o seu amigo Gutierrez e outros registros já aqui expostos anteriormente.

⁷⁸ *Jornal do Commercio*: nº 283, 12/10/1856. p.1.

⁷⁹ *Idem*.

O jornal anuncia para o leitor a parte que selecionou da carta, como se quisesse antecipar o comentário do letrado que causou o motivo de ultraje para o editorial.

Para dar aos leitores uma idéa do documento a que nos referimos, copiaremos aqui um pequeno período dele. Como uma das consequências imediatas da paz da Europa, diz o Sr. Alberdi ao general Urquiza. <<Já o Brasil, o Paraguay e outros inimigos de nossa livre navegação fluvial não abusarão da antiga distracção dos governos da Europa.>> Ora, em verdade, é preciso grande coragem para qualificar o Brasil como *inimigo da livre navegação fluvial da Confederação Argentina!!* Mas o Dr. Alberdi o escreveu e assignou em 5 de Abril do anno de 1856!⁸⁰

O *Jornal do Commercio* afirma no final da notícia que estas foram as palavras do letrado e o último parágrafo, ao serem utilizadas exclamações, denota um tom indignado, quase que ofendido por parte do jornal.

A sincronia na qual essa informação é publicada com um recente Tratado de Amizade que não foi ratificado entre o Império e a Confederação é notada, inclusive na própria temática da matéria, quase que como se quisessem culpabilizar Alberdi pela interferência devido a este conselho via carta para o general Urquiza. Do documento publicado nos jornais de Buenos Aires, crescente rival da Confederação, o trecho selecionado para o leitor da capital do Império é pequeno e é o único onde o Brasil é mencionado em toda carta do *El Nacional*, mas contém uma declaração forte, onde um representante de um Estado estrangeiro, aparente aliado, está agindo contra os interesses do Império, prejudicando a sua política externa e a sua imagem.

Em sua totalidade, o aparente alvo das palavras de Alberdi na carta é de fato a cidade de Buenos Aires, pois após a menção do Brasil como inimigo da livre navegação, os aparentes conselhos do letrado-estadista para Urquiza são claramente antagônicos com os interesses portenhos.⁸¹

⁸⁰ *Jornal do Commercio*: nº 283, 12/10/1856. p.1.

⁸¹ Tanto os trechos da carta publicadas no *El Nacional* no dia 06/09/1856 e nos periódicos brasileiros em questão no dia 12/10/1856, compunham uma parte de um documento mais extenso que o que aparece em ambas publicações. O periódico portenho aborda até os conselhos relativos a Buenos Aires. O documento continua abordando tópicos sobre política internacional e o Brasil é

Me parece que por ahora, y por algun tempo, el médio mas estratégico (y me atreveria a decir, el mas militar) de contener a Buenos Aires, es la paz para con ella, conservada hasta donde ella misma lo permita. Cada dia de intranquilidad, es una nueva jornada que avanzan nuestras Banderas sobre el campo perdido de sus monopolios. À la paz como medio de guerra, creo que convesdria agregar el poder mortal de las protestas, repetidas de parte de la Confederacion, contra cada uno de los actos em que Buenos Aires usurpe las atribuciones de la Nacion. Toda ley de Buenos Aires sobre comercio exterior fluvial ó maritmo, deberia ser declarada nula y sin efecto por el Congreso de la Nacion, a quien corresponde exclusivamente legislar sobre esse punto, en todo sistema de gobierno - Unitario ó Federal – no importa.⁸²

Em casos como esse, ao longo da segunda metade do século XIX, a imprensa foi um ator com grande força motriz nessa conjuntura política. Em suas páginas o discurso de personagens e grupos partidários foram explanados, e diálogos, debates e embates ocorreram entre eles. Atores políticos influentes agiam através dos jornais e, assim, suas palavras e suas imagens (em retratos, caricaturas ou descrições) alcançavam setores mais amplos do que o público de leitores. Ali, na batalha das ideias e de narrativas, eles reforçavam entre eles alguma noção de pertencimento a um partido, povo ou nação.⁸³ É no mínimo curioso, dois periódicos de grande alcance em outra nação publicarem simultaneamente informações similares que tiveram como origem uma rede de informação originária de Buenos Aires. A matéria causa desconforto e lança suspeita, não diretamente para a Confederação de Urquiza, mas para um agente em específico daquele país que, nesse contexto, já era alvo de ataques na imprensa portenha.

citado novamente. Felizmente, para os jornais brasileiros eles não foram publicados pelo jornal portenho, provavelmente por motivos de relevância e espaço. Trechos como “Respecto al Brasil, no le crea nada V.E. sobre su palabra.[...]no debe dar crédito a lo que diga el Brasil, cuya política ha sido, es y será desacreditar y debilitar las Repúblicas vecinas, en el interés de su gobierno monárquico, y de su anhelo a monopolizar la libertad fluvial, en Sud América.”, não chegaram na imprensa fluminense. Ver: CÁRCANO, Ramón J. *Urquiza y Alberdi, intimidades de una política*. Buenos Aires: Imprenta J. Belmonte, Primera edición, 1938, p.86-87.

⁸² *El Nacional*: nº ilegível, 06/09/1856. p.1.

⁸³ SABATO, Hilda. *Op. Cit*, p. 128.

Um ponto a ser levado em consideração é a maneira pela qual os periódicos brasileiros divulgaram a notícia com estilos diferentes de construção de imagens referentes ao caráter de Alberdi. No *Correio Mercantil*, o leitor é informado sobre a carta de maneira relativamente vaga e a veracidade da mesma é colocada em cheque pela reputação e calibre intelectual do letrado lembrados ao final da notícia. O *Jornal do Commercio*, seguindo uma via completamente oposta, deixa transparecer um descontentamento evidente para o seu leitor, se utilizando de trechos da carta como uma estratégia de persuasão, onde o letrado seria exposto pela primeira vez na imprensa fluminense, ainda que brevemente, como um antagonista internacional. Fato que nos leva a deduzir em um esforço consciente por parte da imprensa portenha em desgastar a atuação de um agente da Confederação e uma forma de “neutralidade” na maneira pela qual a informação foi veiculada pelos órgãos de imprensa brasileira citados.

É indubitável a intensidade dos acontecimentos na vida de Alberdi na primeira metade da década de 1850, após a queda de Rosas e a disseminação das *Bases*, em pouco tempo se via agindo pelos interesses da nação que ajudou a idealizar, ao mesmo que ainda lutava contra dissidências internas que se agravavam cada vez mais. Afinal, os interesses da Confederação de Urquiza são defender o Estado que representava e não aos de Buenos Aires, que cada vez mais se tornava um obstáculo na diplomacia da Confederação. Apesar de gozar de boa reputação devido à sua trajetória intelectual entre alguns conterrâneos e como visto aqui, inclusive na imprensa internacional, sua atuação como agente de Estado fora um pouco desgastante para a sua imagem, a ponto de informações sobre seus medos e desconfianças sobre o Império do Brasil, terem aparecido na imprensa de dois grandes periódicos fluminenses da época.

Nos anos que se seguiram, permaneceria na Europa atuando como Encarregado de Negócios da Confederação e alcançando alguns objetivos significativos em sua missão como agente de Urquiza. Após sua temporada em Paris, o letrado seguiria para Espanha para dar continuidade ao seu trabalho, onde firmaria tratados de comércio e reconhecimento internacional.⁸⁴ Em Madrid, foi bem-sucedido ao conseguir o reconhecimento da Confederação da Argentina

⁸⁴ MAYER, J. M. *Op. Cit.*, p. 540-545.

perante a Espanha, e envia uma carta oficial para Urquiza em um dia simbólico para os argentinos, mas nem tanto para os espanhóis.

En este día (1° de Mayo) aniversario de tantos actos célebres para nuestro país, me cabe el placer de escribirle para anunciarle que la España acaba de reconocer la independencia de la República Argentina, tan dignamente presidida por V.E.⁸⁵

No mesmo documento, menciona brevemente o sucesso na firmação de um tratado de comércio com os britânicos. O letrado-estadista relata para o seu chefe de Estado que com o estabelecimento destes tratados a revolução argentina pode ser considerada encerrada, colocando assim, a Confederação da Argentina de Urquiza no patamar almejado no cenário internacional.⁸⁶

Em meio a elogios aos sucessos de seu presidente, que também eram os seus, relata a presença dos representantes de Buenos Aires na Espanha que buscavam objetivos semelhantes. Alberdi registra os obstáculos que enfrentou com a presença dos mesmos e seu relatório para Urquiza deixa transparecer uma realidade de não mera dissidência interna no território argentino, mas sim de dois Estados rivais e inimigos disputando o seu lugar entre a comunidade internacional da época, indicando mais uma vez que a situação nas “duas Argentinas” estava longe de ser estabilizada.

Los agentes de la desgraciada Buenos Aires, numerosos e influyentes aquí me han disputado el terreno, hasta el fin; pero han sido vencidos, como siempre por el poder de la verdad y de la alta justicia que asiste a nuestra hermosa causa.⁸⁷

Concluindo seus objetivos na Espanha, Alberdi anuncia que irá retornar para França e Inglaterra para continuar suas negociações, o que em sua maioria envolvia o estabelecimento de acordos comerciais com as potências europeias.

⁸⁵ Carta de Alberdi a Urquiza, Madrid 1° de Maio de 1857. In: CÁRCANO, Ramón J., Urquiza y Alberdi, intimidades de una política, Buenos Aires, Imprenta J. Belmonte, Primera edicion, 1938. p.191.

⁸⁶ *Idem*, p.192-193.

⁸⁷ *Ibidem*, p.193.

Os seus sucessos como representante de negócios da Confederação nem sempre atravessariam o Atlântico de uma maneira positiva.⁸⁸ Os jornais de Buenos Aires, atentos aos movimentos do letrado, dariam início a um novo ciclo de ataques à sua pessoa e àquilo que representava. Sarmiento, escrevendo para o *El Nacional*, chamou-o na imprensa de “*insigne malvado*” e o acusou de contratar criminosos como imigrantes e de usar de mentiras e calúnias para difamar Buenos Aires.⁸⁹

Apesar de ser atacado durante sua ausência em território argentino, Alberdi ainda possuía aliados em Buenos Aires e o periódico *La Prensa*, dirigido por Juan Francisco Monguillot, que havia assumido uma linha política favorável a Confederação de Urquiza e abertamente crítica ao governo provincial,⁹⁰ defendeu abertamente o letrado.

Monguillot, que era amigo pessoal de Alberdi, para combater os ataques de Sarmiento, se valeu da reputação do tucumano e de suas produções intelectuais como argumentos de defesa. Sua tática foi de relembrar para o seu público leitor a importância intelectual que o letrado teve, até o momento, para a organização do país. *La Prensa* publicou obras como, as *Cartas Quillotanas*, o folheto sobre *La integridad nacional de la República Argentina* e trechos do *Bases y puntos de partidas*, este último enaltecido pelo periódico como marco organizacional do país. Segundo o *La Prensa*, Alberdi era alvo da inveja de periodistas obscuros.⁹¹ Afirmação que provavelmente foi direcionada ao autor dos ataques, Sarmiento.

Mesmo com progressos na Europa e com aliados em Buenos Aires, no ano de 1858, Alberdi passa a enfrentar questões delicadas em sua missão diplomática, suas conquistas aos poucos passam a ruir perante os seus olhos. Os ataques de Buenos Aires são somados às vozes do alto escalão da Confederação de Urquiza, revelando uma falta de sincronia nas decisões tomadas pelo letrado e seu governo. Na França, o portenho Mariano Balcarce é reconhecido oficialmente como Encarregado de Negócios do Estado de Buenos Aires, tal evento eleva o estado de

⁸⁸ Esses “sucessos” das missões do letrado-estadista não foram publicadas na imprensa fluminense nesse período.

⁸⁹ MAYER, J. M. *Op. Cit*, p.561.

⁹⁰ WASSERMAN, Fabio. *Op. Cit*, p.143.

⁹¹ MAYER, J. M. *Op. Cit*, p.561-562.

preocupação do letrado-estadista. A admissão de representantes de Buenos Aires pelas potências era um atestado do reconhecimento de sua separação. Para o letrado, a independência na condução das relações exteriores era uma ameaça à integridade nacional da Confederação.⁹²

Esta conjuntura na vida do letrado começaria a mudar sua relação com o alto escalão da Confederação e naquele ano enviaria para Urquiza um pedido de demissão do cargo na França em uma correspondência oficial, deixando claro um desgaste pessoal em sua missão.

El giro que han tomado ultimamente los negocios de la Confederación Argentina en la Corte de Francia y la falta de inteligencia de esta Corte con la de Inglaterra en esos asuntos como en otros muy graves, ha vuelto embarazoso y casi imposible el desempeño de la representación diplomática de nuestra Confederación por un mismo agente acreditado a la vez en los gabinetes de París y Londres. [...] En vista de ellos me atrevo a señalar a V.E la necesidad urgente de dividir ese servicio entre los agentes destinados uno a cada corte. Y desde luego, para facilitar la ejecución de esta política me permito suplicar a V.E. se digne a admitir la demisión que hago del empleo diplomático con que me honró el gobierno de la Confederación en Francia, donde cuento con resistencias personales, nacidas de mis primeros trabajos diplomáticos.⁹³

Alberdi nos anos em que atuou como Encarregado de Negócios da Confederação, sempre foi consistente em sua visão em relação ao Império do Brasil. Aconselhava Urquiza sobre as vantagens de se ter uma relação harmoniosa com a monarquia dos trópicos, mas ao mesmo tempo sempre alertando para a possibilidade do Brasil usar a Confederação como um mero instrumento para os próprios objetivos estratégicos. Alberdi como agente de Estado era pragmático, defendia essencialmente os interesses e a integridade nacional da Argentina de Urquiza e conforme a situação com Buenos Aires ia se agravando, percebia que a neutralidade e inércia da diplomacia imperial em apoiar a Confederação poderia ser prejudicial para dar continuidade ao projeto de nação que idealizava.

⁹² CÁRCANO, Ramón J. *Op. Cit.*, p.281-282.

⁹³ *Carta de Alberdi a Urquiza*, Paris 7 de Marzo de 1858. *Op. Cit.*, p.334-335.

Em uma entrada nos seus registros pessoais de 17 de junho de 1858, deixa claro o breve desentendimento com o seu governo devido a decisões que acreditavam serem equivocadas e arriscadas relativas a informações sensíveis para o Estado. Pelas datas anunciadas pelo registro, podemos ter uma pequena noção de como a correspondência oficial do governo demorava para chegar ao seu destino.

Ayer recibí mi correspondência del Paraná de 25 y 30 de abril. Se me ordenada venir à Londres, estuviese ó no recibido de ministro em París, <<porque mi presencia allí era embarazosa y podía comprometer las relaciones com Francia>>. Ese es um error de mi gobierno. El hecho es que estoy onde él me quiere, y he hecho y hago, lo que él me ordenaba, antes de saberlo yo. La nota de 30 de abril responde á la mía del 7 de Marzo.⁹⁴

No trecho seguinte, registra o seu espanto ao receber a ordem de entregar a sua missão diplomática para um agente do Império do Brasil. Afirma que irá somente seguir a primeira ordem, a segunda seria desacatada por motivos de preservação dos interesses da Confederação.

En ella me pide mi gobierno dos cosas opuestas, á saber:
- que me venga á Londres como de ordinário, sin hacer notar alteracion alguna: que deje la Legacion argentina á cargo del Ministro del Brasil[...]encargar de una Legacion política, á un gobierno amigo es dejarle un archivo, el secreto de asuntos de Estado, la gestion de negocios en que tal vez él es parte adversa.⁹⁵

Mesmo usando o termo “amigo” para se referir ao funcionário de Estado brasileiro, há documentos e segredos que deveriam ser preservados. Alberdi relata que sua hesitação em encontrar o agente brasileiro se resume às suas suspeições sobre as verdadeiras intenções do Império na sua política externa com a Confederação.

Tengo á cada passo pruebas de que el Brasil nos es hostil, à pesar de la alianza ó amistad. La noticia del

⁹⁴ALBERDI, Juan Bautista. *Op. Cit.*, p.586.

⁹⁵*Idem.*

entorpecimento puesto á mi recepcion de Ministro, no debía saberse ni publicarse. El ministro brasileiro, á quien me mandan entregar la Legacion, es el que lo ha hecho saber. Se lo avisé confidencialmente. El lo transmitió á su gobierno, y éste fué tan leal á nosotros, que lo dió á la prensa, para aumentar nuestra consideracion.⁹⁶

Neste mesmo trecho, um comentário do letrado-estadista se destaca, o qual podemos interpretar como uma confissão indireta de um erro cometido por ele em sua função como agente da Confederação. Alberdi admite ter entrado em contato com o ministro brasileiro e que, ao revelar sua hesitação em cumprir com as ordens de seu gabinete, o agente brasileiro imediatamente reportou aos seus superiores e em um tom bastante irônico afirma que a lealdade do Império foi demonstrada ao tornarem pública através dos órgãos de comunicação o ocorrido. A imprensa é mobilizada novamente como um instrumento capaz de gerar na política entre os Estados-nação uma eficiente pressão externa influenciando a opinião pública, e Alberdi estava ciente disso quando registrou em suas anotações pessoais, afinal o letrado-estadista sempre fora familiarizado com o poder da palavra impressa durante sua trajetória.

Embora suas suspeitas e conselhos como agente da Confederação em relação ao Brasil tenham se manifestado na imprensa do Rio de Janeiro com desconfiança e até hostilidade, seu nome surgiria novamente, porém afastado de notícias relacionadas a política ou atrelado a questões de Estado. Reaparece nas páginas brasileiras com uma roupagem e temática diferente das vistas até agora. Não sendo motivo de ataques, o nome de Alberdi ressurgiu como um personagem em dois romances de natureza histórica.

Primeiro mencionado em conjunto com outros membros da *Generación de 37* na seção “Notícias diversas”, do *Correio Mercantil* de 14/10/1858, na novela intitulada, “Amalia”.⁹⁷ Apesar de serem duas menções breves, seu nome aparece na temática do romance histórico sobre a luta contra a “dictadura de Rosas”.⁹⁸ A

⁹⁶ ALBERDI, Juan Bautista. *Ibidem*, p.587.

⁹⁷ A novela é publicada em formato de folhetim ao longo de vários dias no *Correio Mercantil* a partir do dia 14/10/1856. Com Alberdi sendo citado brevemente em dois dias, 16/10/1856 e 07/01/1859. Os dias de publicação da obra se estenderam por aproximadamente seis meses, variando entre dias sequenciais ou com intervalos maiores. Seu último dia de publicação foi 11/04/1856.

⁹⁸ *Correio Mercantil*: nº 281, 16/10/1858. p.3 e *Correio Mercantil*: nº07, 07/01/1859. p.1.

novela se passa em um dos períodos mais críticos para o governo de Juan Manuel de Rosas: entre 4 de maio e 5 de outubro de 1840.⁹⁹ O cerco de opositores aumentando nas frentes internas e externas, somadas à presença na imprensa dos letrados da Geração de 37, resultaria em uma crescente paranoia do caudilho, que aumentaria consequentemente a repressão contra qualquer cidadão suspeito de não apoiar o seu projeto nacional. Inserido nesta atmosfera de terror, perseguição e violência entre rosistas e anti-rosistas, Marmól desenvolve uma narrativa de romance histórico baseado na polarização extrema entre civilização e barbárie, com a participação de personalidades que, como Alberdi, foram perseguidos por Rosas.¹⁰⁰ Seu nome nunca é mencionado sozinho por Marmól, seu amigo Gutierrez e Echeverria e outros sempre o acompanham nas imagens conjuradas pelo autor, que relacionava os membros da Geração de 37 ao conceito de civilização e a figura de Rosas, a barbárie.¹⁰¹

Essa mesma temática, particularmente cara aos contemporâneos argentinos, surgiria novamente nas páginas da imprensa da capital do Império em outubro daquele mesmo ano. No *Diário do Rio de Janeiro*, era publicada na seção das “Publicações a pedidos”, o romance histórico “Páginas da Mocidade Memórias das Guerras Civis do Rio da Prata de 1838 a 1841 AD.” de Juana Paulo Manso de Noronha.¹⁰²

⁹⁹ A novela foi publicada originalmente no mesmo formato que surge na imprensa fluminense, o folhetim, foi publicada no suplemento da edição literária do *La Semana* de Montevideu. Sua edição completa em formato de livro só seria lançada em 1855.

¹⁰⁰ PLAZA, CF. *Imaginário Gótico e intencionalidad política en Amalia, de José Marmól*. Itinerários, Araraquara, n. 47, p. 83-99, jul./dez. 2018, p.86-87.

¹⁰¹ A expressão civilização/barbárie, mobilizada desde a antiguidade clássica greco-romana foi ressignificada no contexto da conquista da América se estendendo por todo o período colonial. No século XVIII, na Europa ilustrada, a palavra civilização, foi empregada para designar, entre outros significados, processos, movimentos e estados de cultura. Durante os processos de independência da América ibérica, a expressão fez parte do vocabulário político dos grupos letrados do continente que se envolveram no esforço de analisar o contexto político de seus respectivos países. Ver: MÄDER, Maria Elisa Noronha de Sá. *Civilização e Barbárie: a representação da nação nos textos de Sarmiento e do Visconde do Uruguai*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Departamento de História, 2006, p.39-41.

¹⁰² No tempo em que esteve no Brasil, sempre foi ativa na sociedade letrada da capital do Império, produzindo peças, poesias e contribuindo para imprensa fluminense, no ano de 1852 criou um dos primeiros jornais que empregavam mulheres letradas em sua redação e seu conteúdo focado para o público feminino. Ver MARTINS, Ana Luiza. *Imprensa em tempos de Império*. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina (Orgs.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008. pp. 67-68.

A autora, também argentina de nascimento, havia atuado no bom combate da imprensa contra Rosas durante seu exílio em Montevideo e interagido diretamente com os integrantes da Geração de 37, como expõe na construção de sua narrativa. Como dramaturga profissional, a autora consegue transmitir cenas que possuem movimento, seus atos ou capítulos sempre são iniciados com um pequeno subtítulo, como se quisesse que o leitor sentisse o frenesi daquele contexto. Sua obra começa a ser publicada no dia 27/10/1856 e segue por mais dezenove dias com lançamentos diários na imprensa.¹⁰³

A imagem que ela conjura do tucumano está relacionada a um indivíduo de ação e luta através de seus escritos, sempre acompanhado de adjetivos positivos.

Alberdi também, escrevia, também exortava ao combate; e com tudo não era bastante! Era necessário uma Marselhesa portenha, ou um symbolo em torno do qual se grupassem como em torno do santuario pátrio os guerreiros da liberdade.¹⁰⁴

A luta contra o “tyranno” Rosas é um dos pontos centrais nos escritos da autora, registrando de maneira dramática, e também factível, os esforços da Geração de 37 em derrubar o caudilho.

[...]a luta contra Rosas era um duelo de morte, onde se jogava a sorte da nação argentina, donde resultaria ou a reabilitação dos erros passados ou Buenos-Ayres desapareceria talvez para sempre do mappa dos povos civilizados.¹⁰⁵

Em meio a narrativas e diálogos envolvendo o engajamento político e intelectual da própria autora, ela constrói o relato de um pequeno caso onde teve uma interação com Alberdi. Juana Manso menciona que em meio a ebulição política daquele momento, um de seus escritos políticos havia alcançado Buenos

¹⁰³ O ato ou capítulo que Alberdi entra em cena, por exemplo, é intitulado “Juan Cruz Varela e a Bandeira de Maio. O General Lavalle.” Outros aparecem como, “O Tyranno e o Libertador”, “A espada de Lavalle. Batalha de Ierua”. O último dia de publicação da obra foi na edição de nº 308, de 19/11/1856.

¹⁰⁴ *Diário do Rio de Janeiro*: nº 289, 30/10/1858. p.3.

¹⁰⁵ *Diário do Rio de Janeiro*: nº 289, 30/10/1858. p.3

Aires e fora motivo de elogios, porém o mesmo havia sido atribuído a Alberdi e não a ela. Pelo reconhecimento que demonstra pelo letrado aqui nesta obra, se sente ao mesmo elogiada e insatisfeita ao ser comparada ao tucumano. Sua insatisfação, explana a autora, é o não reconhecimento devido de sua participação na luta contra Rosas. Alberdi é retratado de maneira bastante jovial nessa interação, num clima menos sério do que vimos até agora.

O entusiasmo era contagioso so n'aquelle tempo: a cooperação do meu pensamento foi franca; dinheiro e trabalho, tudo que se prestou de boa mente. Alberdi felicitou-me, e disse-me rindo que a redacção da circular era attribuida a ele; confesso que não pude defender-me de um movimento de vaidade satisfeita, essa pequena calumnia me collocava em paralelo com um homem de grande intelligencia, realçava, a meus proprios olhos, aquelle esboço imperfeito de que eu no fundo de minha consciêcia não estava lá muito contente.¹⁰⁶

O apreço da autora pela Geração romântica de 37 e seus integrantes aparece no capítulo chamado “Declaração de Guerra” onde descreve um tipo de “desfile” ou manifestação onde ela e os demais personagens participavam e bradavam o grito de “Morra Rosas!”, naquela cena. A autora relaciona os conceitos de civilização e liberdade aos mesmos:

[...]chefes populares dos doutrinários da civilização e liberdade, Vinhão Andrés Lamas, Rufino Varela, Alberdi, Rivera Indarte, Miguel Cané, e uma multidão compacta de tudo quanto tinham em seu seio Buenos-Ayres e Montevideo de intelligência, de distincção e de homens de merecimento!¹⁰⁷

Conforme a narrativa avança nas páginas do jornal da capital do Império, vai ganhando um tom mais sombrio de acordo com os sucessos de Rosas e na criação de mártires naquele contexto, a violência vai ficando mais explícita. Por se tratar de um romance histórico, além de expor suas memórias sobre os dramas vividos, narrava eventos como as escaramuças e batalhas violentas entre os

¹⁰⁶ *Diário do Rio de Janeiro*: n° 289, 30/10/1858. p.3.

¹⁰⁷ *Diário do Rio de Janeiro*: n° 290, 31/10/1858. p.3.

rosistas e anti-rosistas e o outros como o bloqueio marítimo francês e a ajuda da marinha brasileira no auxílio de transporte para os exilados e perseguidos políticos.

Além de simplesmente narrar e romancear fatos históricos de um passado recente, Joana Manso atribui um valor emocional em deixar para a posteridade suas memórias sobre esses anos que vivenciou, denunciando a violência organizada por Rosas.

Estas recordações sem plano que esboçamos como ellas se apresentam ao nosso espirito no decorrer desses passados annos, têm apenas como alvo constante dos nossos desejos legar nos olhos da posteridade um esboço, ainda que mal delineado do que era como entidade inteligente e (ilegível) essa pobre emigração tão calumniada e alcunhada de selvagem pela barbaria feito systema e pelo vandalismo organizado em governo¹⁰⁸

Faltando quatro edições para encerrar sua publicação, o nome de Alberdi aparece de novo em meio a um cenário de puro pessimismo onde as esperanças e o prospecto da autora de sua causa triunfar parecem estar minguando.

Em quanto Alberdy e Rivera Indarte enviavam todos os esforços da inteligência para reanimar a esperança nos corações, apresentando nossa causa sob um aspecto lisonjeiro vejamos qual era a realidade horrível que nos encubria a distância.¹⁰⁹

Na cena intitulada “Martyrio”, o primeiro parágrafo acima, pressagia a morte do general Juan Lavalle. A morte desse homem de ação e um dos principais protagonistas de sua narrativa, apoiado pela autora e pela Geração de 37, deve ter sido um evento chocante. Jana Manso relata que os rosistas ordenaram a busca do corpo para decapitá-lo e exibir sua cabeça em uma lança. Mas seus oficiais conseguiram pegar seus restos mortais, cobri-los com uma bandeira argentina e eventualmente levar os seus restos mortais para a cidade de Potosí.

¹⁰⁸ *Diário do Rio de Janeiro*: n° 301, 12/11/1856. p.3.

¹⁰⁹ *Diário do Rio de Janeiro*: n° 305, 15/11/1856. p.3. O nome do autor apresenta erro de grafia do original.

Esse relato cru da brutalidade do evento, nos mostra de relance para o leitor brasileiro que tipo de terror psicológico os exilados em Montevideu devem ter passado. Após essa cena dramática, a narrativa de Juana Manso continua por mais três dias seriados de publicação onde ela relembra com melancolia os anos intensos de sua mocidade naquele tempo e espaço participando de algo maior que ela própria rodeadas por indivíduos proeminentes dispostos a morrer por ideais como civilização, liberdade e um projeto nacional argentino em construção. Em sua página final, agradece ao acaso de ter aportado no Rio de Janeiro após fugir de Montevideu, e se despede, não só do leitor, mas também da mocidade que deixou para trás nessa história que havia compartilhado com a imprensa fluminense.

Através de sua narrativa, temos a oportunidade de explorar um lado mais jovial de Alberdi, afinal o letrado estava com 28 anos no recorte temporal inicial da obra. Mesmo romanceado, os breves trechos e interações com a autora revelam uma personalidade de ação e de certa maneira otimista perante os horrores daquele período.

Enquanto as páginas da imprensa do Rio de Janeiro celebravam os atos de bravura e resistência relatados em formatos literários por autores argentinos que participaram ativamente da luta contra a tirania e brutalidade personificada na figura de Juan Manuel de Rosas, o final da década de 1850 e início de 1860 seria marcada novamente pelo uso da força e da violência no território argentino. Duas coisas que Alberdi ao longo de sua carreira como integrante da cúpula do Estado da Confederação tinha buscado evitar, aconselhando em mais de uma ocasião, que os meios diplomáticos deveriam prevalecer ao invés de conflitos, na esperança de que as manobras políticas e econômicas levariam Buenos Aires ao desgaste financeiro e eventualmente aderir a Confederação de maneira menos violenta.¹¹⁰

Neste aspecto em particular, a missão do letrado-estadista havia falhado e em 23 de outubro de 1859 os exércitos de Urquiza e portenhos liderados por Bartolomé Mitre, se enfrentariam militarmente. A Batalha de Cepeda foi o resultado da degeneração do relacionamento entre a província de Buenos Aires e o projeto de unificação nacional da Confederação.

¹¹⁰ CÁRCANO, Ramón J. *Op. Cit.*, p.469-470.

O desfecho da batalha foi a vitória para os exércitos do general Urquiza, que como consequência, teve o direito de impor os seus termos aos portenhos. Depois de anos de conflitos e incertezas, a integridade nacional parecia ter sido finalmente consolidada. Buenos Aires se reconheceu como parte integrante da Confederação e renunciou a manter missões diplomáticas representativas no exterior. Após a batalha, foi convocada uma reunião provincial que examinaria a Constituição que fora influenciada pelas *Bases* e as propostas de reforma seriam submetidas a uma Convenção nacional onde seriam devidamente debatidas. A alfândega de Buenos Aires, alvo de tantos embargos econômicos, passou nominalmente ao governo nacional, embora continuasse sob a administração de funcionários portenhos, medida que tinha o intuito de encerrar antigas disputas.¹¹¹

Alberdi, ainda alocado na Europa, demoraria aproximadamente 45 dias para receber a informação. Apesar de sempre pender para os meios diplomáticos aos bélicos, parabenizou ao seu chefe de Estado assim que soube da vitória perante a antiga província rival.

Mi contento de ver a Vuecelencia revestido de esta nueva gloria es indecible. lo celebro como si yo mismo hubiese conseguido esa victoria; lo celebro por la suerte de nuestras instituciones, que van tener en ella una nueva y brillante garantía. Permítame Vuecelencia abrazarle de nuevo, y renovarle la amistad entusiasta y apasionada con que soy su obediente servidor.¹¹²

Alberdi, devido ao tempo que demorou para receber a informação, não estava ciente dos termos negociados entre os vitoriosos e os derrotados e via na boa fé e generosidade na qual Urquiza demonstrou com Buenos Aires, um erro estratégico, principalmente no tocante às políticas alfandegárias e as reformas na Constituição que ajudou a conceber.¹¹³

Mesmo com as felicitações do letrado e novos horizontes se abrindo, a imprensa da capital do Império havia relatado para o público os acontecimentos de Cepeda. Veículos como o *Jornal do Commercio*, informaria para a população

¹¹¹ MAYER, J. M. *Op. Cit*, p.594-595.

¹¹² Carta de Alberdi a Urquiza, París 5 al 7 de Diciembre de 1859. *Op. Cit*, p.564.

¹¹³ MAYER, J. M. *Ibidem*, p.595.

fluminense o resultado do conflito, a vitória de Urquiza e os pontos de negociação entre os envolvidos. Localizada na seção do “Exterior” em uma correspondência do jornal em Buenos Aires datada de 13 de novembro daquele ano, se encontra a informação de que foi “feita a paz”, mediada pelo então ministro do Paraguai, Francisco Solano López e a recusa de Urquiza para a mediação do Império do Brasil, França e Inglaterra.¹¹⁴

Neste período as relações do Império com a Confederação estavam se deteriorando, a inércia do Brasil em se envolver na disputa contra Buenos Aires foi sentida por Urquiza¹¹⁵. Durante os anos de disputas nas “duas Argentinas”, o Brasil havia ignorado as demandas de empréstimos financeiros e recusado a se posicionar de maneira mais dura contra os portenhos. Como consequência disso, a Confederação se afastou do Império e se aproximou do Paraguai.¹¹⁶

No mês de dezembro de 1859, o Alberdi seria mencionado¹¹⁷ em uma carta aberta de Domingo Faustino Sarmiento para o “Sr. D. João Carlos Gomes”¹¹⁸. Na publicação, Sarmiento se defende de um suposto artigo direcionado a sua pessoa. Antes, afirma que havia empunhado a espada contra Rosas e agora que Buenos-Aires se arma contra Urquiza,¹¹⁹ deixando transparecer a tensão existente naquele contexto de produção da carta. A carta constitui uma série de polêmicas envolvendo “João Carlos Gomes” que foram publicadas pelo *Correio Mercantil* e

¹¹⁴ *Jornal do Commercio*: nº326, 26/11/1859.

¹¹⁵ Alberdi, em mais de uma correspondência enviada para Urquiza, já havia demonstrado preocupação na postura de neutralidade que a diplomacia imperial relacionava com Buenos Aires e da dependência financeira da Confederação em relação ao Império. De certa maneira, seus receios se concretizaram.

¹¹⁶ DORATIOTO, Francisco. *Op. Cit.*, p.39.

¹¹⁷ No *Correio Mercantil*: nº 105, 16/04/1859. Alberdi é citado como referência em um artigo produzido por Visconde de Sousa Franco. Menciona um trecho de um escrito referente a economia do letrado da Revista das Raças Latinas na página 238. Sousa Franco respondia a uma crítica do *Jornal do Commercio* durante seu mandato como Ministro da Fazenda de 1857-1858. Sousa Franco fez parte do Gabinete Olinda (1857) que tinha em seu programa de governo pautas como incentivo a imigração e revisão de tarifas alfandegárias, temas já abordados com afincio por Alberdi. Tal referência do Visconde ao letrado, reforça ainda mais de como seus escritos circulavam por gabinetes de governo no Império.

¹¹⁸ Acreditamos que aparece neste documento se refere ao Don Juan Carlos Gómez, jornalista uruguaio que atuou na imprensa de oposição a Urquiza e se encontrava exilado no Brasil. Segundo o *Correio Mercantil*: nº 324, 26/10/1859, se dirigia “para o Rio-Grande, João Carlos Gomes, ex-redator do *Nacional*. O motivo principal de seu afastamento de Buenos-Ayres é porque teem voltado para lá muitos dos que ele tem ofendido pela imprensa[...]”.

¹¹⁹ A data da publicação do *Jornal do Commercio* é do dia 07/12/1859, mas a data que aparece como “original” é do dia 02/10/1859, ou seja, foi produzida durante os preparativos para a Batalha de Cepeda.

o *Jornal do Commercio*, Alberdi não é o foco da carta, mas Sarmiento usa o seu nome de maneira pejorativa para exemplificar o comportamento do destinatário da carta.

É fácil tarefa, e às vezes productiva, constituirmo-nos, como escriptores, como publicistas, como deputados, o echo da incipiente vulgaridade das idéas dominantes; nunca me esqueci da astucia de Alberdi, que em Valparaíso, á minha chegada de Buenos-Ayres depois de 1852, me dizia: << V. que tanto respeita a democracia deve submeter-se á opinião da maioria.>> A maioria de que me falava erão alguns comerciantes de Valparaíso que formavão um club dirigido por ele. Sempre foi um homem politico impopular, e em Buenos-Ayres mais do que qualquer outra parte: mal de que me hei consolado, produzido algum bom, destruindo as preocupações do povo em governo, em economia politica, em educação, etc.[...] ¹²⁰

Ambos já haviam se envolvido em polêmicas na imprensa no passado, mas o fato de Sarmiento utilizar, por mais breve que tenha sido, o letrado mostra a rivalidade entre os dois argentinos alcançando a imprensa fluminense em um momento de tensão internacional entre o Brasil e a Confederação. Um breve reflexo entre os antagonismos no território argentino onde dois letrados da Geração de 37 se viriam em lados opostos em mais de uma ocasião, devido às idealizações divergentes do que deveria ser a sua nação.

No final da década de 1850, o letrado-estadista ainda exercia sua função como representante dos negócios da Confederação e após o triunfo de Urquiza em Cepeda pôde vislumbrar brevemente que a integridade nacional a qual havia ajudado a consolidar havia sido preservada, mesmo com atritos entre membros da administração do Paraná¹²¹, com ataques pela imprensa e inimigos em Buenos Aires. No Império, a década de 1850 marcou o auge do poder brasileiro como potência regional, a estabilidade interna e a capacidade de suprimir as frentes

¹²⁰ *Jornal do Commercio*: n° 337, 07/12/1859. p.1.

¹²¹ No final de 1859 o portenho D. Mariano Balcarce foi nomeado, assim como Alberdi, para o cargo de Encarregado de Negócios da Confederação, ação que o letrado via como um erro cometido pelo Paraná. A presença de um portenho no gabinete de negócios exteriores poderia prejudicar os interesses da Confederação Argentina. Ver: MAYER, J. M. *Op. Cit.*, p. 599.

opositoras era refletida na imprensa através da estagnação nos embates nas páginas da capital imperial.¹²²

Mesmo com a vitória de Urquiza e as novas possibilidades para um projeto de unidade nacional na Confederação, a década de 1860 reservava para Alberdi e para os Estados que compunham a região do Prata, uma etapa complexa e dramática em suas histórias.

¹²² SODRÉ, Nelson Werneck. *Op. Cit*, p. 230.

Inimigo do Império, traidor da República e defensor da causa paraguaia.

A chegada da década de 1860, marcava o início de uma nova etapa no processo de consolidação das nações que até aqui foram abordadas. A Confederação Argentina saía de uma nova crise resultante de uma antiga rivalidade interna, o Império se encontrava com uma forte política de Estado capaz de direcionar suas pretensões hegemônicas no cenário internacional e principalmente no Prata. Ao contrário das demais nações vizinhas, o Brasil pôde experimentar uma década mais suave de modernização e expansão econômica na segunda metade do século XIX, se consolidando de fato como uma potência regional. O Estado monárquico se pretendia como um arauto de um projeto civilizatório no continente Sul-americano. Para a elite dirigente brasileira, essa forma de governo fora capaz de assegurar a unidade territorial e exercer um papel hegemônico no continente. Em contrapartida, a percepção das experiências republicanas dos países vizinhos era associada ao barbarismo e a anarquia.¹

Nesse mesmo período, em oposição a natureza dinástica de um regime monárquico, na Argentina de Alberdi, a proposta de um projeto nacional republicano entrava no período de eleições, o mandato presidencial do então presidente Justo José Urquiza chegava ao fim e em março de 1860 tomava posse do cargo, Santiago Derqui.

Este novo presidente não era visto com bons olhos pelo letrado-estadista, devido a situação de inquietações civis que testemunhara ao longo dos anos como servidor do Estado, tinha preferência por um indivíduo de ação no governo, que como Urquiza, possuísse um histórico nas forças armadas. Somado a desconfiança na capacidade de liderança de Derqui, Alberdi se sentia contrariado na nomeação do portenho Balcarce como enviado extraordinário na Europa da Confederação, este, que segundo o letrado, só era leal a província de Buenos Aires.² Sua

¹ SALLES, Ricardo. *Nostalgia Imperial: escravidão e formação da identidade nacional no Brasil do Segundo Reinado*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996. p. 100.

² MAYER, J. M. *Alberdi y su tiempo*. Buenos Aires: Eudeba, 1963. p. 601.

nomeação, para Alberdi, representava a continuidade da autonomia dos portenhos no sistema internacional.

As eleições tiveram cobertura na imprensa fluminense e naquele mesmo mês, seria informado para o público as nomeações dos novos integrantes do gabinete de Derqui.³ O câmbio dos chefes de Estados e seus respectivos funcionários nos regimes republicanos vizinhos era motivo de atenção, tanto para a elite dirigente quanto para a imprensa brasileira. Localizada na primeira página dos jornais, a apresentação do novo governo era uma forma de antecipar as relações e os potenciais cenários com determinado país. Alberdi fora nomeado como Ministro da Fazenda e fora apresentado para dois órgãos da imprensa brasileira como tal.⁴

Em ambos os jornais, podemos perceber por parte dos editoriais de cada um que a situação no sul do continente não estava perto de se estabilizar. No *Jornal do Commercio* o anúncio do novo gabinete do presidente Derqui é acompanhado de informações pessimistas em relação à dinâmica entre a Confederação e Buenos Aires que foram transcritas do periódico *Nación*, “folha ministerial de Montevideo”. Na transcrição traduzida para o português, é passada a preocupação para o leitor do surgimento de uma nova guerra civil em solo argentino que seria capaz de desestabilizar Montevideo, fato que prejudicaria os interesses regionais do Império.

No *Correio Mercantil*, o anúncio do novo gabinete é acompanhado de uma correspondência direta da rede de informação de Buenos Aires onde o mesmo risco de sublevação é relatada. No entanto, essa coluna expressa a reação negativa que a imprensa portenha teve em relação a um tratado de paz e amizade entre a Espanha e a Confederação⁵, este fora elaborado e assinado pelo letrado-estadista.

³ Alberdi fora candidato a Vice-Presidente, mas o cargo foi para o “general Perdeneiras”, segundo o *Jornal do Commercio*: nº06, 06/01/1860. p.1.

⁴ *Jornal do Commercio*: nº 82, 23/03/1860 e *Correio Mercantil*: nº 82, 23/03/1860. Ambas edições com números iguais.

⁵ Em uma correspondência oficial para Urquiza o letrado-estadista anunciava: “Mi querido señor Presidente: El 16 de julio firmé en Madrid el nuevo tratado de reconocimiento de nuestra Independencia[...]”. O tratado, segundo Alberdi, fora o mais bem-sucedido como nenhum antes, em termos de adquirir vantagens e fortalecer o vínculo com a Espanha. Na carta, Buenos Aires ainda aparece como um obstáculo nos projetos de unificação da Confederação e deve ser anexado para que esta possa sobreviver. In: ALBERDI, J.B. *Escritos Póstumos, Correspondencia Diplomática*. TOMO XIV, Buenos Aires, Imprenta JUAN BAUTISTA ALBERDI, 1900. p. 781.

O tratado que era informado na imprensa fluminense em 23 de março daquele ano havia sido realizado ainda com Urquiza no comando da Confederação. Como reação ao conteúdo do tratado, os jornais de Buenos Aires desencadearam uma campanha agressiva de ataques aos nomes dos envolvidos no início de 1860, na qual utilizaram pontos do documento que enfraqueciam a autonomia da província como argumento principal contra a Confederação. Não puderam perdoar o general Urquiza e Alberdi por terem assinado o tratado que dizia concluir o processo de independência e reconhecimento da Confederação como Estado argentino soberano pela Espanha, isso dificultava a possibilidade de reação da autonomia dos portenhos e feria vaidades pessoais da elite local. O *El Nacional* focava em ataques envolvendo a política econômica e a dívida do Tesouro Nacional. No *El Comercio del Plata*, a agressão foi mais direta, se referindo ao tratado como uma monstruosidade diplomática devido ao ódio irracional de Alberdi contra a província, para o jornal, o letrado havia assinado o tratado com o intuito de humilhar, degradar e caluniar todos os portenhos.⁶

No *Correio Mercantil* o tratado aparece como um agravo da situação política no território argentino. A informação é divulgada por um órgão de imprensa portenha e reproduzida pelo jornal brasileiro, este afirma que: “A *Tribuna* é o órgão mais autorizado do governo de Buenos-Ayres, e suas opiniões são muito bem aceitas pela generalidade do público.”⁷

Ao afirmar que o órgão portenho possui tal credibilidade, a matéria dá seguimento noticiando para o leitor brasileiro as adversidades da situação no âmbito doméstico da Confederação devido ao descontentamento relativo a esse tratado, entrando em maiores detalhes nos pontos que estariam em dissonância entre a Confederação Argentina e as demais províncias. Em momento algum o nome de Alberdi foi mencionado nos parágrafos referentes ao tratado, mas a repercussão na imprensa portenha é relatada pela matéria.

O tratado de paz e amizade entre a Hespanha e a Confederação Argentina foi mal acolhido pela imprensa

⁶ Ambos os jornais mencionados realizaram uma série de publicações sobre o tema em questão. *El Nacional*, 30 de janeiro, 27, 28, 29 de fevereiro, 6 e 20 de março e 11 de abril de 1860. O *El Comercio del Plata*, 4, 6, 8, 9 e 30 de março de 1860. Ver nota em MAYER, Op. Cit, p.600.

⁷ *Correio Mercantil*: n° 82, 23/03/1860. p. 1.

buonarense. A julgar pela irritação que causou a notícia de sua ratificação pelo governo federal, creio, é mais uma pedra de escândalo que vai ainda complicar as relações de Buenos-Ayres com este[...]O tratado com a Hespanha, na verdade, só prejudica as provincias argentinas, sem compensação de uma vantagem real. A troco do reconhecimento da independencia destas, a Hespanha obteve a aceitação por parte da Confederação da dívida que pesava sobre o tesouro do antigo vice-reinado[...].⁸

Um fator a ser levado em consideração é a organização na qual as informações foram disponibilizadas para o leitor na seção do Exterior. A menção a Buenos Aires e suas justificativas de furor são colocadas acima das notícias da Confederação e em seguida, os eventos sobre esta última se iniciam dentro de uma subseção com os dizeres em maiúsculo e negrito, “Dificuldades com o Brasil”.⁹ Trata-se da tradução de um artigo para o periódico *La Paz*, produzido por Lucio Mansula¹⁰ sobre o atraso do governo do Paraná em relação a reconhecer tratados que já haviam sido estabelecidos com o Império, fato que nos remete ao distanciamento entre as duas nações.¹¹ A informação seguinte, refere-se à posse do novo presidente da Confederação, Santiago Derqui e a nomeação de seu gabinete, no qual Alberdi aparece indicado como Ministro da Fazenda.¹²

A apresentação das informações no jornal reforça a hipótese que já levantamos anteriormente, órgãos como o *Correio Mercantil* e o *Jornal do Commercio*, que publicavam matérias com uma consonância maior com a política de Estado do Império, estavam construindo uma narrativa para os seus leitores na capital imperial de que a situação com a Confederação estava entrando em um momento de crise. Apesar de ser apenas citado nomeado para um novo cargo, o letrado-estadista já havia aparecido acompanhado de conotações negativas por parte dos jornais acima em momentos anteriores durante sua trajetória na Europa.

⁸ *Correio Mercantil*: n° 82, 23/03/1860. p. 1.

⁹ Um padrão que pode ser notado nas edições dos periódicos aqui tratados durante os primeiros anos da década de 1860 na seção do Exterior. Buenos Aires aparecendo antes da Confederação Argentina e com informações mais detalhadas.

¹⁰ Acreditamos ser um erro de tipografia para se referir ao portenho Lucio Victorio Mansilla.

¹¹ *Correio Mercantil*: n° 82, 23/03/1860. p. 1.

¹² Em 1856 o letrado fora nomeado para o cargo e recusado de imediato, ao ser nomeado novamente por Derqui, aceitou a proposta, mas de maneira condicional, mais simbólica que efetiva. Sua nomeação iria desagradar profundamente os portenhos que já estavam em campanha contra Alberdi na imprensa desde da década de 1850. Ver: MAYER, J. M. Alberdi y su tiempo. Buenos Aires: Eudeba, 1963. p. 602.

Reforçando esse argumento, novamente em edições de números e datas iguais de ambos os jornais, é publicada a notícia de que o cargo de Ministro da Fazenda seria ocupado temporariamente pelo “Sr. D. Thomaz Arias” até o seu retorno da Europa, Alberdi ainda exercia o seu cargo no corpo diplomático da Confederação.¹³

A disposição das notícias nas seções do Exterior, informam para o leitor no Brasil sobre a continuidade dos atritos entre a Confederação e Buenos Aires, dando destaque para notícias que possuem um tom que aparenta ser mais simpático à causa dos portenhos.

No *Jornal do Commercio*, antes da breve menção a Alberdi, a matéria se desdobra apresentando uma versão que justifica a indignação de Buenos Aires pela firmação do polêmico tratado assinado pelo letrado-estadista. O periódico explana, além da tensão entre as “duas Argentinas”, notícias sobre eleições legislativas na capital da província, quando foram nomeados senadores indivíduos como Sarmiento, Velez Sarsfield, Valentin Alsina.¹⁴

Ao longo da seção, a correspondência internacional do jornal fluminense afirma estar bebendo de fontes de periódicos como, *El Nacional*, *Comercio del Plata* e *La Tribuna*, todos situados em Buenos Aires, o que nos evidencia uma maior sincronia de construção de narrativas no âmbito internacional e na intencionalidade de jornais como o *Jornal do Commercio*, dar uma maior importância a eventos e versões de acontecimentos produzidos por órgãos portenhos e não da Confederação. Quando as informações sobre esta última chegam, a Argentina de Alberdi aparece na última coluna comunicando que “as notícias são sem importância” com exceção de uma pequena revolta na província de Córdoba que havia sido sufocada. Tal como alguns levantes anteriores em Buenos Aires, essa também foi sufocada e a “imprensa portenha attribue esses tumultos a um plano politico, cujo fio tem o Sr. Derqui, presidente da Republica.”

¹⁵

A imprensa portenha entra em cena novamente atacando a administração de Derqui como responsável por esses “tumultos”, em seguida o cargo de Ministro

¹³ *Correio Mercantil*: nº 97, 07/04/1860. p.1, *Jornal do Commercio*: nº 97, 07/04/1860. p.2.

¹⁴ *Jornal do Commercio*: nº 97, 07/04/1860. p.2.

¹⁵ *Idem*.

da Fazenda é brevemente mencionado que será ocupado pelo Sr. D. Thomaz Arias enquanto não chega o Sr. Alberdi. Por mais trivial que pareça o rodízio dos ministérios no país vizinho, o tópico com maior conjunto de informações na seção parece querer deixar claro para o leitor da capital imperial que há de fato uma tensão diplomática entre o Império e a Confederação ao afirmar que:

A imprensa do Paraná e do Rosario occupa-se ainda com a propaganda offensiva e defensiva entre o Estado Oriental, a Confederação e o Paraguay contra o Brazil. O governo Argentino, porém, em sua mensagem ao congresso anuncia a provavel desaparição da desintelligencia que parecia existir entre o governo do Brasil e da Confederação. Entretanto não conhecemos passo álbum que tenha dado o governo Argentino para fazer desaparecer a desintelligencia que parece existir entre os dous governos.¹⁶

Seja pelo fato de serem competidores na lógica mercadológica do capitalismo impresso do período ou pela mera coincidência, a breve menção sobre a ocupação interina do Sr. Ariaz para o Ministério da Fazenda enquanto Alberdi permanece na Europa é acompanhada pela mesma temática de tensão, mas com roupagens diferentes. No *Correio Mercantil*, as mesmas notícias são acompanhadas de tópicos que possuem um tom voltado mais para “fora”, onde a projeção internacional aparece em primeiro lugar para o leitor. Da mesma maneira do *Jornal do Commercio*, os acontecimentos sobre “as eleições de senadores e deputados” que foram vencidas em sua maioria pelo “partido liberal ou separatista”, foi de prioridade na configuração do jornal. O *Correio Mercantil* afirma que essa vitória, “nos parece o preludio da separação absoluta de Buenos-Ayres do resto da confederação, pois não resta duvida que o governador que se elegerá em maio será o general Mitre, o symbolo da separação”.¹⁷

No final da seção de Buenos Aires, o correspondente encerra as notícias evocando novamente a situação delicada entre os portenhos, atribuindo como um dos principais motivos para tamanha discórdia civil, o descontentamento com o tratado de paz e amizade realizado entre a Confederação e a Espanha pode ser o

¹⁶ *Jornal do Commercio*: n° 97, 07/04/1860. p.2.

¹⁷ *Correio Mercantil*: n° 97, 07/04/1860. p.1.

motivo de uma nova guerra em solo argentino. Após essa explanação analítica da situação doméstica por parte do correspondente, se inicia uma nova seção referente a notícias oriundas da Confederação Argentina. A informação já aqui abordada da ocupação do ministro interino Thomaz Arias até o retorno de Alberdi dá o início da seção das notícias do Paraná.

O que nos chama a atenção é para a fonte na qual o corresponde afirma beber para reproduzir as informações seguintes para os leitores da capital do Império. O correspondente não se utiliza de periódicos da Confederação para inteirar o seu público e sim do portenho *El Nacional*, este possui trechos transcritos para o jornal brasileiro de uma situação relativamente negativa para a imagem internacional da Confederação, essa negatividade é exposta devido ao ato que levou o governo do Paraná a “cessar varias missões diplomaticas por motivos de economias” resultando na retirada de “todos seus agentes diplomáticos por não poder pagar 30,000 pesos que custão”.¹⁸

O governo de Buenos-Ayres deve, para salvar a honra da republica Argentina e poupar-lhe a vergonha, a que levão Urquiza e Derqui, entender-se com o governo do Paraná, para encarregar-se, como antes, de representar a republica no exterior, enquanto os bárbaros governos do interior se aniquillão em contrahir dividas[...]¹⁹

Podemos afirmar que a maneira pela qual ambos os periódicos dispuseram a ordem e o conteúdo de suas informações sobre as “duas Argentinas” dá prioridade aos acontecimentos que estavam se desdobrando na província de Buenos Aires, os detalhes das eleições legislativas portenhas, o elenco vencedor, a indignação devido ao tratado com a Espanha e a possibilidade de separação da Confederação sobressaem nas páginas destes periódicos fluminense, enquanto a Argentina de Alberdi aparece em “segundo plano”, ora com os breves anúncios de sua nomeação para o cargo de Ministro da Fazenda, ora acompanhada de

¹⁸ O jornal brasileiro só especifica a retirada da missão diplomática em Montevidéu e nas demais províncias do território argentino. Este último revela um pouco da fragilidade da configuração da política interna da Confederação que estabelecia canais diplomáticos dentro de seu próprio território a fim de amenizar a realidade de instabilidade doméstica ali contida. *Correio Mercantil*: n° 97, 07/04/1860. p.1.

¹⁹ *Idem*.

conotações negativas nas relações entre o Rio de Janeiro e Paraná. Com o intuito de afirmar essa negatividade diplomática entre os dois Estados, o *Correio Mercantil*, na seção de “Notícias diversas”, localizada uma coluna após a do exterior, aparece um trecho traduzido novamente de um órgão de informação portenho, *La Tribuna*, que expõe de maneira resumida as consequências da decisão do Paraná no âmbito internacional ao retirar as legações argentinas de alguns Estados.²⁰ A transcrição parece atribuir essa atitude da administração de Derqui como um ato positivo nas relações interestatais, porém em dissonância com o discurso apresentado na imprensa da capital da Confederação.

Entretanto ha cartas do Paraná e outros dados para crer que a retirada do general Guido é um acto de deferência do governo da confederação para com o governo imperial, que olhava como muita suspeita a permanência em Montevidéo do caloroso sustentador da tríplice aliança. A ser certa essa causa[...]coberta pela medida geral que faz cessar as legações, combina mal com as ameaças que dirige a imprensa official do Paraná ao governo e ao povo brasileiro, pintando a politica do imperio com as côres as mais negras.²¹

Um terceiro periódico nos permite rastrear essa deterioração no relacionamento entre a Confederação e o Império. No *Diário do Rio de Janeiro*, a temática, a menção a Alberdi e a disposição dos conteúdos vistos acima são similares, inclusive no tocante a origem da informação no *Correio Mercantil* sobre o encerramento de missões diplomáticas.²² Ambos periódicos se utilizaram do mesmo trecho transcrito da imprensa portenha para noticiar sobre a crise do corpo diplomático da Confederação devido a desfalques econômicos. Há de fato, nos veículos de comunicação aqui abordados, uma espécie de “sintonia” em informar para o público da capital fluminense esses eventos onde a Argentina de Alberdi não é retratada com um bom tom. No entanto, o *Diário do Rio de Janeiro* vai um pouco mais longe ao deixar transparecer para o seu consumidor uma

²⁰ O título da seção faz jus ao seu conteúdo, não aborda um tópico em específico, nesta edição aqui abordada, aparecem informações variando entre decretos de perdão, demissões de cargos públicos e neste caso, política externa.

²¹ *Correio Mercantil*: n° 97, 07/04/1860. p.1.

²² Nesta edição, aparece os dias “Sabb. e Domingo” dos dias “7 e 8 de Abril”, ou seja, dois dias em um só número. Ver: *Diário do Rio de Janeiro*: n° 14, 7 e 8/04/1860.

desconfiança no que diz respeito a postura do Paraná em relação ao Império do Brasil.

No último parágrafo da seção sobre a Confederação Argentina, surge a informação para o público letrado fluminense de que no Paraná: “Agitava-se na imprensa a idéia de um tratado ofensivo e defensivo entre o Estado Oriental; a Confederação e o Paraguay contra o Brasil.”²³

Abaixo desse parágrafo se inicia uma nova seção com o título de “Correspondencia do Diario do Rio de Janeiro” com o subtítulo “Buenos-Ayres” e a data de 28 de março de 1860. Pela linguagem utilizada, o texto parece ter sido produzido por um portenho.²⁴ Aqui fica claro que o tratado realizado por Alberdi servira de estopim para tamanha indignação e possibilidade de um novo confronto, seu nome é vinculado diretamente e agora o público do *Diario do Rio de Janeiro* beberia dessa narrativa.

Estamos próximos de um rompimento com o governo da Confederação, se ele não variar de política, respeitando nossos invioláveis direitos. O detestável tratado com a Hespanha, obra de Alberdi, faz concessões inúteis e vergonhosas a essa potencia européa. Essa peça é aqui combatida por todos os periodicos liberaes, havendo sido, entretanto, aprovada pelo gabinete do Paraná,[...]sem que Buenos-Ayres fosse consultada sequer.²⁵

A animosidade e os “responsáveis” são claros nesta escrita, o governo de Derqui é retratado como agressor e instigador de uma guerra contra este “paiz”, e seu gabinete “é composto de ministros manifestamente hostis, taes como Victoria, Alvear e Alberdi, inimigos irreconciliáveis deste povo magnânimo que soube sustentar seu decoro e dignidade a despeito de Urquiza, ensoberbecido com seu triumpho de Cazeros.”²⁶ A correspondência continua citando a vitória das eleições locais para senadores e deputados, com nomes já aqui mencionados como Sarmiento, Velez Sársfield, Alsina e Mitre. Para Alberdi isso significava uma

²³ *Diário do Rio de Janeiro*: n° 14, 7 e 8/04/1860. p.2.

²⁴ Levantamos essa hipótese pelo uso da primeira pessoa em alguns trechos como “Estes importantes documentos que se acham no jornal que junto lhe remeto”, e pelo fato desta seção ser concluída ao final da correspondência com um vago (Carta Particular).

²⁵ *Diário do Rio de Janeiro*: n° 14, 7 e 8/04/1860. p.2.

²⁶ *Diário do Rio de Janeiro*: n° 14, 7 e 8/04/1860. p.2.

vitória daqueles que o consideravam inimigo do Estado de Buenos Aires, estes que realizavam ataques a sua pessoa, seu trabalho na diplomacia, seu caráter na imprensa, agora ganharam mais influência para atacar uma de suas maiores contribuições para a construção nacional da Confederação da Argentina, a Constituição de 1853.

De fevereiro a março de 1860, os nomes citados acima se reuniram em sessões com o intuito de reformar a constituição que o letrado-estadista havia influenciado. Como instrumento de ataque, a imprensa entra em cena para disseminar a visão, versão e intenção política dos portenhos nesta disputa por autonomia e reconhecimento. Alberdi é chamado pelos órgãos de comunicação de Buenos Aires de “inimigo mais encarnizado dos portenhos” e o autor de uma obra sem fundamento, hipócrita e prejudicial à integridade da província. Neste período, o *El Nacional* publicou uma série de artigos produzidos por Bartolomé Mitre que serviram de propaganda para a reforma da Constituição de 53 e de assassinato de reputação do letrado-estadista, este era representado pelo jornal como um sofista ignorante e superficial movido apenas pelo ódio pelo povo de Buenos Aires.²⁷ Alberdi, em sua ausência, era defendido na imprensa por amigos e indivíduos que acreditavam na constituição como alicerce da integridade nacional, entre eles alguns membros da Geração de 37. Miguel Cané, Félix Frias e outros fundaram o periódico *La Patria*, que apoiava a organização nacional na época e advogava a noção de que uma reforma deveria ocorrer, mas mais à frente.²⁸

Na capital do Império, o letrado-estadista não teve tanta sorte de contar com apoio de amigos ou partidários de seu projeto nacional. Alberdi a essa altura já havia adquirido certa notoriedade na imprensa fluminense como um agente da Confederação que aconselhava o seu governo a agir de maneira cautelosa e suspeita em relação à política externa brasileira na Região do Prata e em uma outra edição do *Diario do Rio de Janeiro* essa reputação negativa é reforçada ainda neste mesmo ano. Localizada na primeira página e primeira coluna do periódico, encontra-se um escrito com o título de “Rio, 28 de Julho”, apenas. O

²⁷ Como já demonstrado, este periódico portenho é o mais utilizado pelas edições dos jornais fluminenses aqui abordados. Seja por facilidade de deslocamento logístico das informações ou por outros interesses políticos.

²⁸ MAYER, J. M. *Alberdi y su tiempo*. Buenos Aires: Eudeba, 1963. p. 607.

autor anônimo inicia sua obra se queixando do até então Ministro das Relações Exteriores do Império, o “Sr. Cansação de Sinumbu” e sua postura de “benevolencia pessoal” que, segundo o mesmo, “damnifica assim graves interesses nacionais.”²⁹

A continuação deste artigo adquire um tom de cobrança e crítica por parte deste órgão de imprensa, principalmente pela maneira pela qual o Ministro representava o país no cenário internacional. Naquele recorte, o jornal afirma que “a posição do paiz ante o estrangeiro é pessima”, tal declaração, em um tom quase que ferido, mexia com a vaidade nacional. A percepção que outro possui em relação ao Brasil tem uma certa relevância nesse contexto, expressões como “reputação nacional e interesses sagrados, estão soffrendo no exterior e no Rio da Prata” torna evidente essa espécie de vaidade e prestígio internacional.³⁰

Para o jornal, o Império é vítima de “propaganda hostil”, direcionada para minar as relações do Brasil com as “repúblicas do sul”, essa propaganda atinge a reputação do país no continente sul americano e “damnifica por todos os meios”, lá anda pela Europa, nos jornaes e em brochuras, nos gabinetes diplomáticos como nos circulos particulares”. Ataques que expõem o Império a um “enfraquecimento moral e um ridículo intoleravel”. Essa indignação é refletida na cobrança do periódico direcionada a inércia da diplomacia imperial perante a esses ataques, “esse corpo de mezureiros quasi inuteis”, não estaria defendendo a honra nacional nessa arena.³¹

Após as críticas ao corpo diplomático imperial que nada faz nessa situação apresentada, o artigo prossegue em explicar a origem e o local de onde emanou tal propaganda negativa, tão prejudicial à imagem do Brasil nos olhos do autor.

Eis a nossa posição! Ao passo que somos escarnecidos no Prata, ofendidos, prejudicados; ao passo que gastamos tempo, dinheiro, fadigas, sangue, decoro e vidas para protegemos sempre e a toda hora a independencia, a

²⁹ João Lins Vieira Cansação de Sinimbu, ou Visconde de Sinimbu. Ocupou o cargo de 1859 a 1861. Era integrante do partido Liberal. *Diário do Rio de Janeiro*: n° 125, 28/07/1860. p.1.

³⁰ *Diário do Rio de Janeiro*: n° 125, 28/07/1860. p.1. Obviamente não ignorando interesses estratégicos e geopolíticos, só apontamos para o uso de uma certa imagem de integridade nacional utilizada pelo autor do artigo como um artifício linguístico, quase que apelativo para construir a sua crítica e seu argumento.

³¹ Mezureiro: bajulador, servil, adulator. *Diário do Rio de Janeiro*: n° 125, 28/07/1860. p.1.

tranquilidade e as fortunas desses paizes ingratos e turbulentos, agentes seus na Europa, o proprio embaixador da Confederação Argentina, no seu character official, com seu nome, quando em Paris, fazia publicar e correr escriptos insidiosos e malevolos, onde somos indicados à suspeição da política européa, como inimigos da liberdade e da paz desses paizes, como ambiciosos cobiçadores de territorios seus, e como os agitadores dessas lutas fatricidas e selvagens de que hão sido ensanguentado theatro!³²

Esses “escriptos” não foram nomeados e nem identificados de maneira específica pelo periódico, simplesmente categorizados como uma propaganda de natureza hostil ao Império. O tom é claramente de ultraje com a mesma, e o autor do artigo finalmente nomeia a mão por trás dessa construção dessa imagem negativa do Brasil perante a Europa.

Os interesses europêos, escrevia há bem pouco tempo o actual ministro argentino, Dr. Alberdi, estão em opposição natural com o interesse brasileiro nos Estados do Prata. Para precipitar a guerra civil nas provincias argentinas, a Inglaterra e a França nada mais precisariam do que accordar sua politica naqueles paizes com a politica do Brasil. Nem só por essa fôrma a nossa influencia é arruinada e desconsiderado o nosso valor moral.³³

O autor menciona escritos do letrado-estadista como forma de sustentar seu tom acusatório, expondo mais uma vez Alberdi ao leitor da capital do Império ao descrédito e à negatividade. O autor acusa o argentino de espalhar na Europa que o Império fomenta a instabilidade civil de outros Estados com o intuito de atender e fortalecer os seus interesses estratégicos. Qual produção propagandística do diplomata da Confederação de fato ele está se referindo, não podemos afirmar com exatidão, mas se compararmos com alguns documentos aqui analisados³⁴ de sua autoria, percebemos uma certa consistência em relação a suas suspeitas sobre a política externa imperial.

³² *Diário do Rio de Janeiro*: n° 125, 28/07/1860. p.1.

³³ *Idem*.

³⁴ As cartas oficiais enviadas para Urquiza, a pessoal de 1856 para Gutierrez e algumas entradas em seu registro privado demonstram uma desconfiança em relação às intenções do Brasil no Prata por parte do letrado a partir da segunda metade da década de 1850.

O artigo prossegue abordando a degradação da relação diplomática entre a Confederação e o Estado Oriental e conclui brevemente com um caso sobre um súdito brasileiro, “negociante e capitalista importante” que emprestou somas exorbitantes ao governo oriental com garantias oficiais do agente diplomático brasileiro em Montevideu de que a dívida seria paga. Em meio a cobranças deste súdito em questão, o governo oriental ignorou a intervenção diplomática brasileira e fora preso, incidente que o *Diario do Rio de Janeiro* considerou “escandaloso e indigno”.³⁵

Para o periódico brasileiro, este foi um exemplo de incidente internacional grave, esta tensão crescente no sul do continente afetava as relações entre os Estados envolvidos. A Confederação e o Império já davam sinais de desgaste por motivos já explicitados. No Uruguai, em março daquele mesmo ano, subia no cargo de presidente o blanco Bernardo Prudencio Berro.

O novo dirigente lançou medidas destinadas a combater a projeção e influência imperial no Uruguai. Entre elas a não renovação dos Tratados de livre navegação, paz e amizade de 1851, removeu privilégios tarifários concedidos ao Brasil, decretou o fechamento dos rios Cebollate, Racuru e Olimar à livre navegação, profissionalizou o trabalho dos peões nas estâncias para prejudicar o emprego de mão de obra escrava, taxou o trânsito de gado em pé na região fronteira do Império, e lançou um plano de “ocupação” com o objetivo de barrar a penetração de latifundiários brasileiros em seu território. Somado a essas medidas, buscou empréstimos financeiros da Inglaterra e assegurou as rendas da alfândega de Montevideu, estas serviam de garantia para as somas financeiras adquiridas do Império. Por fim, para sustentar uma política externa autônoma, Berro se aproximou da Confederação Argentina e do Paraguai.³⁶

Essas medidas, em conjunto com o tratamento dado ao súdito brasileiro, segundo o *Diario do Rio de Janeiro*, certamente contribuíram para o tom de indignação do artigo que canalizou seus rancores e críticas para a ação, ou inação, da diplomacia imperial, a Confederação, ao Estado Oriental e ao letrado-estadista.

³⁵ *Diário do Rio de Janeiro*: n° 125, 28/07/1860. p.1.

³⁶ BARRIO, Cesar de Oliveira Lima. *O Império do Brasil e a política de intervenção no rio da Prata (1843-1865)*. Brasília: FUNAG, 2018, p.339.

Podemos afirmar que a tensão regional que ali se instalava já era percebida pela imprensa da capital do Império no início da década de 1860.

Esse quadro internacional iria caminhar para uma nova configuração de alianças e inimizades resultantes da própria política doméstica dos Estados aqui citados e talvez a mais drástica fora na Argentina de Alberdi. O letrado-estadista, ainda em função de agente da Confederação era “cercado” e “atacado” gradativamente pelos opositores de seu projeto nacional e como previsto em alguns jornais no Rio de Janeiro, Bartolomé Mitre foi eleito governador da província de Buenos-Aires em maio daquele ano.³⁷ Entre suas ações ocupando o cargo, a continuidade ao processo de reforma na Constituição de 1853 que já havia sido iniciado pela elite dirigente portenha seguiu adiante. Em alguns periódicos a reforma se tornou uma questão de “vida e morte” para Buenos Aires, onde a conjectura política e o relacionamento com a Confederação havia se tornado insustentável, “um Estado dentro de um Estado”.³⁸

Alberdi via nesta reforma constitucional uma grave ameaça para a soberania nacional da Confederação Argentina, apesar de aceitar alguns pontos desta reforma para preservar a unidade nacional e apaziguar os ânimos de Buenos Aires. Em uma carta para o ex-presidente Urquiza expressa a gravidade da situação em que a sua Argentina se encontrava. Segundo o letrado, esta era a maior crise que o país enfrentava desde muito tempo, e atenta para o fato desta mesma ser de natureza puramente política e constitucional, não militar. Alberdi, mesmo estando ciente de que era alvos de ataques na imprensa por opositores e inimigos políticos, fala na carta a Urquiza que se este julgar necessário, tornasse a carta pública que ele mesmo assumiria a responsabilidade e autoria do documento.

39

Esas reformas no deben ser admitidas de ningún modo si se quiere conservar la vida del gobierno nacional que ha fundado V. E.[...]Si adoptamos esas reformas caeríamos al momento en el desprecio de la Europa;[...]No soy

³⁷ O *Correio Mercantil*: n° 97, 07/04/1860, o *Jornal do Commercio*: n° 97, 07/04/1860 e o *Diário do Rio de Janeiro*: n° 14, 7 e 8/04/1860, havia anunciado sobre a provável vitória de Mitre para o cargo de governador da província de Buenos Aires.

³⁸ MAYER, J. M. *Op. Cit.*, p. 611-614.

³⁹ Em uma carta, do dia 8 de Setembro de 1860 para seu amigo Gutierrez faz a mesma proposta de tornar pública suas palavras, caso julgasse necessário para a sua causa política, o que nos revela a urgência nas palavras de Alberdi para seus conterrâneos. *Idem*, p. 620.

opuesto a toda reforma. Yo creo que debemos aceptar algunas en obsequio de la unión. Como la cuestión es de vida o muerte yo creo que V.E. debe asumir en ella la franqueza que conviene en los grandes casos. Por mi parte yo acepto el todo de la responsabilidad de los consejos que tengo el honor de ofrecerle con el mayor respeto[...]La crisis porque pasa el país, en estos momentos es la más grave que haya experimentado desde muchos años.[...] ⁴⁰

O documento em questão, em sua totalidade, aborda de maneira minuciosa os principais pontos que o letrado-estadista considera serem os motivos de um “plano oculto” que culminaria eventualmente no enfraquecimento do governo nacional.⁴¹ Em meio aos protestos e conselhos via correspondência para os seus aliados e apoiadores, a reforma teve continuidade e para Alberdi fora um total desastre para a sua Argentina, a república que havia ajudado a construir havia sido feita em pedaços por unitários e representou um sério golpe político no seu projeto nacional, afinal, foi um ataque direto ao seu legado intelectual que havia produzido ao longo de sua carreira e a sua reputação.⁴²

Em meio a este furacão político, do outro lado do Atlântico, em sua função como Encarregado de Negócios da Confederação, Alberdi com meio século de vida, se encontrava com dificuldades para administrar todas as três legações (Paris, Madri e Londres) simultaneamente. Uma vez que os assuntos internos aparentavam entrar em certa harmonia após os debates e “acordos” da reforma, o deslocamento do letrado entre os Pirineus e o Canal da Mancha anualmente, prejudicava a destreza necessária para exercer uma política de Estado eficiente nas negociações sobre políticas de imigração e comerciais, construção de estradas de ferro e obras públicas. Para agilizar tais processos, outros representantes foram nomeados para o corpo diplomático da Confederação. Entre eles, o portenho

⁴⁰ Carta de Alberdi a Urquiza, Londres 8 de setembro de 1860. In: CÁRCANO, Ramón J., *Urquiza y Alberdi, intimidades de una política*. Buenos Aires: Imprenta J. Belmonte, Primera edición, 1938, p.588-593.

⁴¹ Entre os pontos estratégicos para ambos os lados que continham na reforma estavam acordos sobre o controle alfandegário, de impostos comerciais em Buenos Aires e o intercâmbio comercial entre a província e a Confederação. Em relação ao controle alfandegário e de impostos, envolvia questões logísticas e econômicas devido à localização portuária de Buenos Aires, questões que haviam sido abordadas por Alberdi no *Bases y puntos de partidas* e no *Sistema Económico y Rentístico*. Podemos afirmar que nas duas obras, os portenhos se viam prejudicados com as propostas do letrado.

⁴² MAYER, J. M. *Op. Cit*, p.621.

Mariano Balcarce, que a pedido de Mitre, fora nomeado para ficar em Paris, e dessa vez o antigo estorvo na vida do letrado como diplomata não encontrou protestos ou dificuldades ao ocupar a posição.⁴³

Na Confederação, Mitre agia adotando a estratégia de agregar mais influência entre as demais províncias, passou a ignorar pontos do Pacto de San José de Flores⁴⁴ e da Constituição. Deixou o controle da aduana nas mãos de Buenos Aires e não debandou o exército provincial que tinha sob seu comando. A movimentação feita por Mitre nesse tabuleiro político acarretou em uma nova etapa de negociações com o presidente Derqui, este era percebido pelos portenhos com uma maior maleabilidade que seu antecessor. No decorrer desta estratégia, a província de San Juan fora escolhida, Sarmiento teve peso na escolha, considerava-a o seu “próprio feudo”.⁴⁵

No dia 16 de novembro de 1860, as negociações tiveram um início produtivo com uma reunião entre Mitre, o presidente Derqui e Urquiza, realizada no Palácio San José em 16 de novembro de 1860. O governo da Confederação ordenou a renúncia do governador José Virasoro⁴⁶, esta foi devidamente acatada. Mais tarde no mesmo dia, uma turba armada, atacou-o em sua casa. Virasoro fora assassinado junto com um irmão, um cunhado, alguns oficiais e mais quinze pessoas. Este homicídio fora anunciado de antemão por periódicos portenhos como o *El Nacional* e o *La Tribuna*, revelando uma premeditação e após o ocorrido, o ato foi celebrado em Buenos Aires. Mitre, apostando na inércia de Derqui, acreditava que não haveria intervenção por parte da Confederação e que o próximo governador, Antonio Aberastáin, amigo de Sarmiento, seria um aliado na província. Urquiza por outro lado, entedia a gravidade do assassinato e exigiu a Derqui uma resposta imediata pois havia possibilidade de províncias vizinhas

⁴³ *Idem*, p. 622.

⁴⁴ Foi assinado entre a Confederação Argentina e o Estado de Buenos Aires em 11 de novembro de 1859, após a vitória de Urquiza na Batalha de Cepeda. No pacto foi acordado que a província de Buenos Aires faria parte da Confederação Argentina e prometeu aceitar a Constituição de 1853.

⁴⁵ MAYER, J. M. *Op. Cit*, p.623.

⁴⁶ Virasoro não tinha uma reputação positiva enquanto governador de San Juan, assumira o cargo de maneira interina após o assassinato de Nazario Benavidez até ser nomeado de maneira oficial. Atraiu a hostilidade dos unitários, partido dos autores responsáveis pelo óbito de seu antecessor, de seus próprios partidários federalistas e os san juaninos o consideravam um tirano. Virasoro estabeleceu um gabinete fechado onde se discutia os assuntos de governo em guaraní. Somados a isso, era considerado um forasteiro da província de Corrientes.

seguirem o exemplo de San Juan. Nos meses subsequentes, foi mobilizada uma comitiva do governo com o intuito de remover Aberastaín do cargo.⁴⁷

Ao se aproximar da fronteira de San Juan, a comitiva, que tinha sob seu comando tropas do exército nacional, enviou representantes oficiais para comunicar Aberastaín sobre sua renúncia do cargo. Este, por lealdade a Buenos Aires, fora instruído pela mesma para rejeitar as exigências do governo e preparar um ato de sedição armada, no dia 11 de janeiro de 1861, as forças da Confederação e do governador de San Juan se chocaram em uma escaramuça que resultou na vitória do exército nacional. No dia seguinte Aberastaín foi fuzilado com algum de seus homens, seu fuzilamento não fora o objetivo dessa comitiva organizada pela Confederação, general Urquiza comunicou a Derqui que punisse de imediato os responsáveis.⁴⁸ A probabilidade de alcançar estabilidade com uma série de atos que se pareciam com vendetas partidárias não era o caminho para manter a integridade nacional estabelecida pela Confederação, general Urquiza estava ciente disto, assim como Alberdi, que ao longo de sua trajetória até aqui, sempre buscou meios não violentos para evitar a anarquia em seu país.

Esse ciclo de violência envolvendo os velhos rivais partidários, unitários e federalistas, na província de San Juan revelava um ponto de deterioração na dinâmica da política argentina, empurrando cada vez mais para a exaltação das polarizações. Os projetos nacionais e aqueles que os formulavam ainda estavam em disputa e aparentemente longe de uma adesão.

O usufruto da violência parece incorporar a realidade política, legitimado por princípios mais antigos ou mais novos, que permitiam o direito de rebelião contra o despotismo, bem como pelo costume. Este princípio tornava as armas um instrumento de ação nas disputas políticas que constituíram a primeira e segunda metade do século XIX na Argentina. Embora a Constituição de 1853 sugerisse uma limitação a esse direito pela figura do crime de sedição, ao mesmo tempo imbuía ao cidadão a obrigação de defender a pátria e a própria Constituição. A partir de então, enquanto o governo central mantinha a sua capacidade de mobilizar o exército nacional para esmagar os revoltosos que se levantavam

⁴⁷ *Op. Cit.*, p.624.

⁴⁸ *Ibidem*, p.625.

contra seu mandato ou seus apoiadores, os que eram declarados foras da lei pelo Estado que agiam desta forma enxergavam a legitimidade de suas ações em nome desses princípios e na obrigação constitucional de se defender contra o que se entendia como despotismo. Essa dinâmica conflituosa entre a Confederação e Buenos Aires marcou a década de 1860 logo nos primeiros anos, tanto no que se refere às tentativas de um estabelecimento de uma ordem estatal centralizada quanto às formas de fazer política e constituir um novo centro de poder.⁴⁹

Esses conflitos não eram travados apenas na imprensa e em campos de batalha em solo argentino, no exterior a luta pela influência e conexões perante as potências europeias continuava de maneira acirrada no campo diplomático, onde indivíduos carregavam em seus ombros o peso de representar suas respectivas nações e interesses. Nessa arena se encontrava Alberdi, que pouco a pouco se via cercado por influências portenhas em seu gabinete.

Mirando a proximidade com a França, Mitre pressionava o presidente Derqui para separar a gestão das legações de Paris e Londres, seu homem Balcarce, se encontrava abaixo de Alberdi na hierarquia do corpo diplomático e isso minava de certa maneira a representação dos interesses portenhas. Derqui explicava que o ato de deixar Balcarce como Encarregado de Negócios em Paris e Alberdi como Ministro em Londres seria um deslize diplomático pois a diferença hierárquica entre as posições significaria diminuir a importância da França perante a Inglaterra. Somadas a isso, a crise financeira da Confederação que resultou na retirada de seus agentes em solo estrangeiro relatada pelo *Correio Mercantil* em 1860 impossibilitava a nomeação de dois ministros no exterior. Mitre não tardou em sugerir o rebaixamento de Alberdi para o cargo de Encarregado de Negócios, tais sugestões passaram pelo Senado argentino, mas foram rechaçadas.⁵⁰

Alberdi no exterior, sentia a pressão e mobilização política dos adversários perante o atual presidente, para o letrado-estadista às maquinacões de Buenos Aires não haviam cessado e a Confederação carecia de um líder forte. Apesar do cenário precário em que se encontrava, parecia alimentar uma relativa esperança

⁴⁹ SABATO, Hilda. *Historia de la Argentina, 1852-1890*. Buenos Aires, Siglo XXI, 2012. p. 131.

⁵⁰ MAYER, J. M. *Op. Cit*, p. 626-627.

no ex-presidente, general Urquiza. Para ele, era o único capaz, naquele momento, de estabelecer um governo forte, que não cedesse às exigências de Buenos Aires.

La causa que V.E. defiende desde 1851 y que a los diez años vuelve a entrar en camino de deberle mayores servicios, es la misma que en los Estados Unidos defiende hoy⁵¹[...]Con solo la paz bien establecida veremos acudir los elementos de prosperidad a nuestro suelo. Pero para tener esa paz, necesitamos de una autoridad fuerte y bien constituida. V.E. es el señalado por la providencia para dar a nuestro país esas dos cosas.[...]Nuestro gobierno presente, debilitado por la reforma, dificilmente podría satisfacer las necesidades de nuestra época, por puras que fuesen las intenciones del actual Presidente. Yo creo que él mismo, así como toda la República, se convencerán pronto la necesidad de un gobierno más eficaz y fuerte. Si las circunstancias,[...],trajesen de nuevo a V.E. tendría oportunidades de excederse a sí mismo en servicios nuevos a la Nación.⁵²

Alberdi, como de costume em sua missão na Europa, passou o verão em Londres, e durante esse período o letrado-estadista percebeu um desfalque grave na política externa da Confederação, em uma área que estava mais do que habituado a participar e, de certa maneira, a combater. No campo das ideias, da disseminação de informação pela imprensa, o letrado notou a precariedade na capacidade do governo da Confederação naquela conjuntura de crise produzir conteúdo propagandístico em prol da causa de sua Argentina.

Alberdi, sem confiar muito na capacidade de seu chefe de Estado, escreveu uma carta oficial direcionada para o então vice-presidente, o general Juan E. Pedernera. O documento é uma queixa às sabotagens de Buenos Aires ao serviço diplomático da Confederação, medidas que, novamente, acreditava ser dos interesses portenhos e não da sua nação e principalmente da carência de fundos

⁵¹ Alberdi aqui se refere a Guerra de Secessão dos Estados Unidos que se iniciou em Abril daquele mesmo ano. Na carta em questão ele enaltece a resistência da capital Washington e compara-a com a realidade política argentina, levando em comparação as devidas diferenças. Enquanto a Confederação lidava com uma província “rebelde”, os EUA lidavam com dez províncias dissidentes. Esse cenário, informa o letrado para Urquiza, é favorável para o objetivo de povoamento na Confederação, segundo o mesmo, europeu algum vai para os EUA neste momento e muito menos para o Brasil, seu destino de preferência é a Confederação Argentina.

⁵² Carta de Alberdi a Urquiza, París, 24 de Mayo de 1861. In: CÁRCANO, Ramón J., *Op. Cit.*, p.596-598.

para realizar um ataque, ou defesa na imprensa internacional, algo que segundo ele, Buenos Aires possuía um aparato de disseminação de informação muito mais bem montado.⁵³

En una época de crisis y de dificultades, no extrañará V.E. que le hable de las que nos ocurren por acá, pues la crisis no nos afecta solamente en el interior, sinó tambien en los negocios que nuestro país tiene á distancia.[...]Nuestra posicion aqui (yo no puedo llamarla mia personalmente, porque no me represento á mí mismo) es de una nulidad bochornosa.[...]No tenemos la más pequeña acción en la prensa, no contamos con un solo diario, con una sola voz que se alce en nuestro favor. Si nos atacan, el ataque queda en pié, porque queda sin respuesta.[...]La influencia de Buenos Ayres, tuvo buen cuidado de dejarnos sin órgano alguno en la prensa de Europa y sin los medios de tenerlo.[...]⁵⁴

Nessa conjuntura de “crise” como mesmo classificou o letrado-estadista, fica em evidência o papel da imprensa na projeção de uma nação e sua respectiva agenda internacional em outros países. Da mesma maneira que Alberdi percebia a necessidade de se disseminar narrativas na imprensa favoráveis à sua nação, Buenos Aires, neste campo de batalha, estava vencendo a guerra. Podemos atribuir a maneira pela qual as edições de alguns dos periódicos aqui analisados retratavam as notícias, quase em sua maioria, dando prioridade a eventos ocorridos na província, sobre a província e em prol da província. Grande parte das correspondências internacionais e transcrições traduzidas são de periódicos portenhos, e alguns deles abertamente hostis ao letrado.

Durante sua estadia em Londres e na Europa desde que chegou em missão, nunca abandonou o hábito de escrever e publicar obras que de maneira geral, eram compostas de reflexões e caminhos para o aperfeiçoamento de sua nação. No dia 15 de setembro de 1861, antes do trecho recortado acima chegar nas mãos de seu destinatário, Alberdi concluiu um folheto intitulado *Condiciones de la unión definitiva de la República Argentina* que analisava de maneira histórica a política

⁵³ MAYER, J. M. *Op. Cit.*, p.635.

⁵⁴ Carta de Alberdi a Pedernera, Londres, 7 de Setiembre de 1861. In: ALBERDI, J.B. *Escritos Póstumos, Correspondencia Diplomática*. TOMO XIV, Buenos Aires, Imprenta JUAN BAUTISTA ALBERDI, 1900, p.841-842.

portenha, abordando os governos de Rosas e Mitre.⁵⁵ O letrado afirmava que a importância oriunda da era colonial e a posição estratégica e privilegiada da província de Buenos Aires contribuíam para uma política atual de “egoísmo comercial”, que segundo o mesmo, era um dos principais sintomas da desunião que o seu país enfrentava. Possuindo um discurso de ação, Alberdi propõe no folheto que para combater esse problema a capital do país deveria ser a cidade de Buenos Aires, sendo uma metrópole tradicional, com projeção internacional e tal proposta seria uma maneira de separar a cidade da influência do entorno provinciano, algo que obviamente não agradou os portenhos quando tiveram conhecimento do folheto.⁵⁶

Ironia do destino ou não, dois dias após a conclusão de um escrito que continha a expressão “união definitiva” em seu título, a Confederação e Buenos Aires se encontrariam mais uma vez no campo de batalha, dando início a mais uma nova etapa na vida do letrado-estadista e na construção nacional daquele país. No dia 17 de setembro de 1861, novamente em lados opostos dos exércitos, Bartolomé Mitre e general Urquiza se chocaram na Batalha de Pavón, que resultou na vitória de Mitre em Buenos Aires e eventualmente no efeito dominó que causou o fim da Argentina de Alberdi. O Presidente Derqui se retirou do governo nacional, assumindo de maneira interina o vice Pedernera. Os antigos rivais Mitre e Urquiza chegariam a um acordo, onde o general se retiraria para sua província de origem, Entre Ríos e seria deixado em paz. A batalha, sabia Mitre, não foi uma vitória total sobre as forças de Urquiza, que retirou-se do campo preservando um contingente considerável de seus homens. Nessa situação, Mitre sabia da capacidade do general, e decidiu deixá-lo em paz em seu feudo.⁵⁷

O resultado de Pavón deu início a um novo processo de reorganização nacional no território argentino, obviamente com Buenos Aires agora no palco central. Após a vitória, Mitre articulou a instauração de um novo projeto nacional

⁵⁵ Em suas notas, Mayer afirma que o folheto fora concluído em 15 de setembro quando ainda estava em Londres e publicado de fato somente quando retornou para Paris em Outubro, como demonstra em uma carta de Alberdi para Urquiza do dia 7 daquele mês. O letrado fala a Urquiza que envia o folheto em questão em conjunto com a carta. Em momento algum Alberdi está ciente da Batalha de Pavón, a distância e temporalidade do letrado em relação a sua nação são diferentes.

⁵⁶ MAYER, J. M. *Op. Cit.*, p. 636.

⁵⁷ *Idem*, p. 640-641.

com a dissolução da Confederação Argentina no final de 1861, e aproximadamente um ano após um vácuo nominal de poder, seria eleito presidente da Argentina Mitrista, a República Argentina.

De fato, o ano de 1862 representou grandes mudanças na situação regional do Prata, além da hegemonia portenha sob a liderança de Mitre, de vertente liberal, no Paraguai houve um câmbio de poder dentro das possibilidades daquele regime ditatorial com a morte de Carlos Antonio Lopez, seu filho Francisco Solano López assumia o cargo de chefe de Estado. No Império, o Partido Liberal retornava ao poder desde 1848, e encontrou uma série de desafios pela frente, como a quebra das casas bancárias que prejudicou o comércio da capital imperial, desafios diplomáticos como a Questão Christie⁵⁸, que teve repercussão na imprensa da capital do Império e de certa maneira foi considerada uma humilhação para os brasileiros em seu desenrolar. Os liberais sentiam o peso e a necessidade de se mostrarem competentes em temas internacionais aos olhos da opinião pública fluminense ao mesmo tempo que ficavam à mercê das exigências da elite gaúcha com interesses no Uruguai.⁵⁹

Essas mudanças que ocorriam no seio de cada Estado, pouco a pouco transbordavam para além das fronteiras, demarcadas ou não. Alberdi, do outro lado do Atlântico, não tinha ilusões sobre as consequências para si em relação ao câmbio de poder na política argentina.

Mitre no dia 12 de abril de 1862, emitiu um decreto que cessava todas as missões dos agentes diplomáticos que atuavam em solo estrangeiro representando o governo dissoluto da Confederação. Alberdi ao receber a ordem através de

⁵⁸ Teve o seu clímax em 1863, foi um evento que resultou no rompimento das relações diplomáticas entre o Império do Brasil e a Grã-Bretanha. Iniciou-se em 1861, quando a fragata inglesa *Prince of Wales* estava se dirigindo a Buenos Aires, naufragou no litoral do Rio Grande do Sul e teve sua mercadoria saqueada por vários locais. O embaixador britânico William Dougal Christie exigiu indenização pela carga roubada que o Império se recusou a pagar. Um segundo momento ocorreu em 1862 quando oficiais da Grã-Bretanha foram presos após uma confusão no Rio de Janeiro, Christie novamente fez exigências que foram ignoradas pelo Império e como resposta capturou cinco navios mercantes brasileiros. Esse caso veio à tona na imprensa do Rio de Janeiro que exigiu uma resposta do governo deteriorando ainda mais as relações entre os dois países. Esses fatores compunham uma situação mais complexa envolvendo a pressão dos ingleses em relação ao tráfico de escravos no Império. Uma economia baseada no trabalho escravo não proporcionava a criação de mercados consumidores. Os ingleses tinham interesse em aumentar a importação de seus produtos industrializados para o Brasil e este não tinha interesse em cessar a prática da escravidão vide que a maior parte da elite dirigente dependia da mesma.

⁵⁹ DORATIOTO, Francisco. *Op. Cit.*, p.39-41.

Mariano Balcarce disse que tinha a intenção de permanecer no velho continente enquanto a estabilidade era consolidada e os ânimos abrandados. O letrado gostaria de ter a possibilidade de retornar ao seu país e não se isolar em Estados vizinhos como passou uma parte de sua vida.⁶⁰ Antes de desocupar o cargo formalmente escreve a um amigo que estava ciente de sua destituição que viria em um futuro próximo e de como se comportaria de agora em diante em seu posicionamento político na era da Argentina mitrista.

[...]sigo hasta hoy como Ministro de la República em Londres y París, no porque yo espere ni desee ocuparme em deshacer em servicio de Buenos Aires lo que he hecho em servicio de la Nación; sino esperando a ser retirado com dignidade, y según las formas y conveniencias del derecho de gentes.[...]Aunque Mitre tuviese ideas y miras nacionales, como tiene que contemplar a Buenos Aires por ahora, y no se entiende conmigo, es natural que nombre a otro en mi lugar. No me enojaré por ello; ni me pondré a hacerle oposición[...]Ahora, si no quisiere otra cosa que imitar a Rosas al tiempo que invoca a Rivadavia, yo volvería naturalmente, a mi camino trillado de la oposición.⁶¹

Alberdi permaneceria na Europa, em Paris, não era mais agente ou servidor, o Estado que representava deixou de existir, um novo surgia sob a direção de indivíduos que o atacaram constantemente na imprensa, tendo como alvo sua reputação, sua atuação no exterior como representante diplomático e seus escritos que influenciaram a Constituição de 53.⁶²

Aos 52 anos de idade, neste cenário aparentemente precário em sua trajetória, o letrado iria inaugurar uma nova etapa em seu ciclo de produção intelectual, Alberdi retornaria ao hábito que havia se iniciado quando se opôs a Rosas e amadurecido em Valparaíso, seguindo o que considerava a sua vocação,

⁶⁰ MAYER, J. M. *Op. Cit.*, p.647.

⁶¹ Podemos afirmar que com base em sua trajetória de vida, em seus respectivos contextos, o letrado havia adquirido uma vasta experiência agindo como oposição, como fica em evidência em seu período de exílio. Sua principal ferramenta nessa arena de ideias de projetos, é a disseminação de suas palavras através da linguagem impressa. Carta de Alberdi a Villanueva. París, 15 de abril de 1862. In: ALBERDI, Juan Bautista y VILLANUEVA, Francisco. *Correspondencia epistolar 1855-1881: Selección, Edición crítico-genética*. Estudio preliminar de Lucila Pagliai, 1º edición. San Martín: Universidad Nacional de Gral. San Martín. UNSAM EDITA, 2015, p-109-110.

⁶² A ponto destes ataques alcançarem a imprensa do Rio de Janeiro e de certa maneira os leitores da mesma. Como já visto aqui, o nome Alberdi não era estranho no Brasil.

voltaria a escrever, publicar e a abordar as questões de sua pátria. Seria o seu “vigia e profeta” denunciando e alertando para as dificuldades que a sua nação poderia enfrentar. Isolado na França, seus conselhos e advertências foram ignorados por seus inimigos, porém, seria “vingado sem se vingar”, profecias alberdianas ainda estavam por se concretizar.⁶³

Engajando-se novamente na forma de combate que bem conhecia, pena e papel, Alberdi publica um folheto em agosto de 1862, de natureza reflexiva e analítica que abordava o que ele percebia como as razões, *De la anarquia y sus dos causas principales*. Na obra, como sugere o título, expõe que a primeira causa da instabilidade era a falta de um tesouro único, de um governo centralizado que tivesse uma única capital de onde emanaria o poder e que fosse suficientemente forte e capaz de impor autoridade nas demais províncias. A segunda razão aborda o monopólio portenho do comércio ultramarino, agravado pelo confisco das receitas alfandegárias. A Aduana, que deveria ser de natureza eminentemente nacional, era explorada por uma única província. Nessa configuração, segundo Alberdi, as demais províncias passaram a ser subordinadas de Buenos Aires e por falta de recursos se encontravam inertes no progresso. Essa miséria gerava ignorância que por sua vez gerava o caudilhismo e guerras civis.⁶⁴

Apesar da reputação do letrado entre os periódicos portenhos, esta obra teve uma repercussão positiva entre jornais como o *La Nación Argentina* e o *La Tribuna*, resultando em publicações que continham trechos de artigos antigos sobre a configuração política da época de Rosas que havia produzido para o *El Mercurio* e trechos de *Bases y puntos de partida*, revelando que seus escritos estavam sendo disseminados novamente em um momento de reorganização no país.⁶⁵ Esse momento de “trégua” por parte desses periódicos portenhos revelam o peso intelectual da pena de Alberdi, suas propostas de décadas atrás ainda eram utilizadas como argumento de autoridade no debate público na imprensa sobre questões envolvendo a nação, o cenário internacional e constitucional.

Se na imprensa portenha onde fora “bombardeado” nos últimos anos, era revisitado e até mesmo elogiado, na imprensa fluminense o estigma de sua

⁶³ MAYER, J. M. *Op. Cit*, p.649.

⁶⁴ *Idem*, p-650-651.

⁶⁵ *Ibidem*, p-654-655.

atuação como agente diplomático da Confederação era relatado para o público do Rio de Janeiro. No ano de 1863, com Bartolomé Mitre já oficializado como presidente da República Argentina, o país entrava no período de organização institucional. A imprensa brasileira tinha o costume de informar para os seus leitores os prováveis rumos e situações que os atores do palco internacional poderiam enfrentar. No caso de nações vizinhas como a Argentina, o destaque tinha uma maior notoriedade devido às relações com o Império no período de formação de ambos.

No *Diario do Rio de Janeiro*, na seção Exterior, a carta de um correspondente situado em Buenos Aires informa para leitor do jornal sobre eventos recentes que ali ocorreram no dia 28 de dezembro de 1862 que seriam publicados nove dias depois no periódico brasileiro. A notícia tem quase um formato de relato, o ponto que chama mais a atenção é o fato do correspondente mencionar em tom de receio a possibilidade do general Urquiza constituir um novo Estado composto das províncias de Entre Ríos e Corrientes, segundo o correspondente a presença e prepotência do general nessas regiões são motivos de receios para um novo conflito interno. De maneira abrupta, a notícia muda o tom e inicia um novo parágrafo adentrando no mérito da política externa da Argentina mitrista. Anuncia a nomeação de Mariano Balcarce como ministro extraordinário, de certa maneira sucedendo Alberdi na posição. A notícia prossegue afirmando que o sucessor do letrado deve se dirigir para Espanha pois “os assumptos que há ali a tratar merecem a mais seria atenção”.⁶⁶

O assunto em questão remonta ao antigo tratado que Alberdi realizou com a Espanha em 1859 que causara tanta polêmica e indignação entre os portenhos. Na época em que foi firmado pela mão do letrado, além de reconhecer a independência da extinta Confederação Argentina, outro ponto que foi debatido após ser firmado, foi a questão de filhos de espanhóis nascidos em solo argentino, quando atingissem a maioridade poderiam optar em ser argentinos ou súditos da coroa espanhola.

Mitre não podia permitir que o governo anterior tivesse assinado o tratado do reconhecimento da independência perante a Espanha, considerado um triunfo

⁶⁶ *Diário do Rio de Janeiro*: nº 6, 06/01/1863. p. 2.

peçoal de Alberdi e da administração Urquiza, e dar brecha para os filhos de estrangeiros pegar em armas e participarem de campanhas políticas que poderiam ameaçar o seu projeto nacional.⁶⁷

No jornal brasileiro, essa ação do letrado aparece como um obstáculo para a nova gestão e em outras palavras, a carta que o correspondente envia para o periódico fluminense, procura deslegitimar o tratado usando o argumento de que se Buenos Aires não aceitou e não reconheceu a validade do mesmo, não tem nenhuma vigência nessa nova configuração nacional.

Sabe-se das dificuldades a que deu margem o tratado concluído pelo Sr. Alberdi em Madri, como plenipotenciário da confederação[...]o tratado hespanhol era o único que se achava neste caso, resultando daqui a anomalia da existência de um pacto feito com uma nação estrangeira, vigente em uma parte do território de uma das nações contratantes, e sem validade em outra.⁶⁸

Essa correspondência entre os jornais revela um pouco da fragilidade e do receio do autor em relação a um passado recente que culminou nessa nova configuração política do território argentino. A possibilidade da existência de uma nova dissidência interna sempre à espreita é mostrada para o leitor da capital do Império e o nome de Alberdi, mesmo não mais ocupando cargo de servidor, aparece novamente, de certa maneira, com uma conotação negativa. A república vizinha era retratada como um Estado volátil e os responsáveis por essa volatilidade eram nomeados e banhados de culpa nessa narrativa.

Com seu tratado desfeito, Alberdi produziria imediatamente e publicaria⁶⁹ no anonimato, sua crítica e denúncia em um panfleto intitulado *Diplomacia de Buenos Aires y los intereses americanos y europeos en el Plata, con motivo del reciente tratado entre España y la República Argentina*. Alberdi demonstra em

⁶⁷ MAYER, J. M. *Op. Cit.* p.664.

⁶⁸ Neste mesmo número do *Diário do Rio de Janeiro*, com duas colunas intituladas respectivamente, “A questão inglesa” e a “Questão anglo-brasileira”. A primeira abordando de maneira geral a postura brasileira perante as exigências da Inglaterra nos incidentes diplomáticos entre os dois Estados de 1861 em diante, a segunda anuncia a captura dos navios brasileiros por ordem do “Sr. Christie”, incitando a opinião pública ao descontentamento. *Diário do Rio de Janeiro*: nº 6, 06/01/1863. p. 2.

⁶⁹ O tratado sendo firmado em setembro de 1863 e se tornado público aproximadamente em dezembro, o letrado produziu e publicou seu folheto de 46 páginas em janeiro de 1864.

seu panfleto, de maneira comparativa, que o tratado firmado por Balcarce não passava de uma cópia do seu, apesar de algumas alterações de palavras, permanecia idêntico.⁷⁰ Segundo o letrado, o objetivo de Mitre era apropriar-se do tratado para acrescentar aos seus feitos como chefe de Estado. Alberdi, com o pseudônimo de Beraldi, continuou se manifestando e atacando os pontos “indecisos e confusos” do tratado na imprensa em Madrid publicando para o *La Política*.⁷¹ Alberdi, de maneira indireta, ainda era o autor do conteúdo do tratado, por mais que Mitre tentasse passar a autoria para o seu representante Balcarce.

Mesmo não participando mais de assuntos oficiais de Estado, escrevendo e publicando sobre questões internas da República Argentina, Alberdi nunca perdeu a capacidade de analisar situações geopolíticas de sua época. Durante uma boa parte de sua vida, exilado ou não, o letrado, mesmo iniciando sua trajetória fazendo parte de um movimento intelectual que pensava a questão nacional, o olhar para o contexto internacional, e isso antecede a sua atuação como agente da Confederação e se revelou uma constante em sua maneira de racionalizar situações ou eventos externos que pudesse causar impactos, positivos ou negativos, no desenvolvimento de sua nação.⁷²

Essa capacidade analítica amadureceu, sem dúvidas, enquanto atuou como agente da Confederação representando interesses de um projeto nacional em que acreditava, apesar de alocado do outro lado do Atlântico e lidando com as potências europeias do período, seu olhar nunca desviou a atenção para a região do Prata. Alberdi, que afirmava conhecer os objetivos da política imperial na região, desconfiando e alertado sobre os mesmos durante seus anos como servido⁷³, viu uma nova crise se formando no horizonte e de antemão já advertia a proximidade de Mitre com o Império, no Uruguai, e uma possível reação do Paraguai. Esta nova crise, se é que podemos usar “nova” como adjetivo, seria a

⁷⁰ O *Tratado Alberdi e a Enmienda Balcarce* colocados lado a lado pelo letrado revela que foram trocadas apenas palavras, o conteúdo do tratado permaneceu o mesmo. Ver Mayer, página 664.

⁷¹ MAYER, J. M. *Op. Cit*, p.667-668.

⁷² A sua tese *Memoria sobre la conveniencia y objetos de un Congreso General Americano* publicada pelo *Ostensor Brasileiro* em 1845, reforça essa noção devido às reflexões que pensava a América do Sul como um todo, ao mesmo tempo inserida em um contexto internacional muito mais amplo.

⁷³ Isso fica em evidência em cartas oficiais para o então presidente Urquiza, pessoais para seu amigo Juan Maria Gutierrez e nos periódicos fluminenses que publicaram sobre a “desconfiança” do letrado, como foi demonstrado no capítulo anterior.

continuidade de uma instabilidade regional resultante de fatores históricos e internos e externos, cujo os eventos estavam interligados de certa maneira.

A soma desses fatores, antigos e novos, internos e externos, inevitavelmente geravam projetos contraditórios das forças envolvidas. No âmbito interno temos a antiga disputa entre federalismo/unitarismo das províncias argentinas, blancos/colorados no Uruguai, a autonomia do Paraguai e pelo movimento separatista de algumas províncias brasileiras (principalmente o Rio Grande do Sul que apelavam para o fortalecimento dos regionalismos e para a fragmentação das unidades políticas. Essa dinâmica marcou a primeira metade do século XIX para os Estados aqui mencionados e colaborou com a construção de políticas diversas moldadas de acordo com as características e experiências de cada ator. Em comparação com a situação política da Argentina e do Uruguai, o Império e o Paraguai gozaram de uma maior estabilidade devido à capacidade de centralização de seu poder.

No âmbito externo, conforme as elites dirigentes governavam se adaptando às realidades da época, os projetos de Estado centralistas de Buenos Aires, da elite política do Império, a instabilidade do Uruguai, os novos interesses paraguaios no Prata, sem mencionar as conexões transnacionais entre as facções políticas internas, direcionavam os atores à expansão, com o objetivo de consolidar seus Estados e interesses para projetar seu poder para dentro e para fora de suas fronteiras. O amálgama de todas essas forças causava uma profunda instabilidade regional e gerava pressões sobre alguns pontos estratégicos que já eram abordados por Alberdi em escritos seus desde da década de 1840: o controle da navegação dos rios da bacia platina, a demarcação das fronteiras entre os Estados. Toda essa conjuntura resultaria em um choque envolvendo o ator mais instável no sistema platino, a República Oriental do Uruguai.

Apesar dos Estados na região do Prata ainda se encontrarem em estado embrionário em comparação com as demais potências europeias, conforme as experiências políticas e as tentativas de projetos nacionais vão se constituindo a partir de processos de erros e acertos, é inevitável que as relações, os interesses e as necessidades dos mesmos vão se tornando cada vez mais complexas.

Muito dessa complexidade pode ser atribuída às mudanças internas nos Estados da região platina que contribuíram para o agravamento da integração interestatal que já haviam sido apontados por Alberdi. Os acontecimentos no início da década de 1860 com Solano Francisco Lopez assumindo a direção do Paraguai e adotando uma política mais expansiva em relação ao comércio exterior na região do Prata, resultou em um maior interesse e intervenção nas questões platinas por parte de sua estratégia internacional. No Império, o primeiro gabinete liberal desde 1848 era formado alterando a configuração política do Brasil, e essa alteração resultou em disputas políticas internas que tiveram grande influência na política externa imperial no Prata nesta década.⁷⁴

No território argentino, a extinta Confederação de Urquiza e a cidade de Buenos Aires, por sua vez, desenvolveram seus respectivos amigos e aliados no Uruguai de acordo com seus interesses, cada um buscando afirmar suas relações com o Brasil, isso resultou na aproximação de Urquiza do governo paraguaio para mediar os conflitos com os portenhos. Com a ascensão de Mitre após Pavón, sua política⁷⁵ para garantir a centralidade do poder foi implementada por meio de uma combinação de repressão, negociação e alianças com diferentes grupos em toda a geografia nacional. A imposição dos liberais na maioria das províncias ainda não havia “domado” as disputas entre seus próprios dirigentes ou a presença dos federais marginalizados do poder com a notável exceção da província de Entre Ríos, onde Urquiza ainda exercia influência.⁷⁶

Aliado a esse contexto, a República Oriental do Uruguai entrava mais uma vez em cenário de guerra civil em abril de 1863, com a incursão do colorado Venancio Flores. Vindo de Buenos Aires, iniciou uma campanha para derrocar o governo do presidente blanco Bernardo Berro. Este já havia estabelecido relações amigáveis com Urquiza, que ainda representava uma força considerável em solo

⁷⁴ DORATIOTO, Francisco. *Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 44.

⁷⁵ As maquinações políticas de Mitre no início da década de 1860, passaram a ser vistas por Alberdi como uma continuação falha dos mesmos procedimentos e mecanismo utilizados por Rosas durante o seu governo. Para o letrado Mitre carecia da competência de Rosas, este, pelo menos, era capaz de impor uma ordem relativa. Alberdi chega a prever, com pouca margem de erro, que “su presidência será una campaña de 5 años.”.

⁷⁶ SABATO, Hilda. *Historia de la Argentina, 1852-1890*. Buenos Aires, Siglo XXI, 2012, p.132-146.

argentino e que durante a época da Confederação deixara a aproximação com o governo paraguaio evidente. Nesse novo conflito em solo uruguaio, os blocos que se formaram consistiam em Urquiza, Solano López do Paraguai apoiando os brancos do presidente Berro e a República da Argentina e o Império apoiando os colorados de Flores. O alinhamento ideológico do gabinete liberal no Brasil com a Argentina mitrista aproximou os dois Estados e a pressão da elite gaúcha acabou resultando na intervenção por tropas imperiais, em conjunto com Mitre, em prol dos colorados. Do outro lado, o Paraguai de Solano López percebia a posição de Berro como um aliado que controlava o acesso portuário em Montevideu, ponto de interesse logístico, e alternativo em relação a Buenos Aires, para a expansão do comércio externo paraguaio.⁷⁷

Essa tensão regional obviamente seria narrada pelos órgãos de imprensa de seus respectivos Estados. No Brasil, podemos perceber um estranhamento por parte de alguns jornais fluminense em relação ao posicionamento da postura do Império em certos incidentes internacionais. O tratamento concedido aos súditos brasileiros residentes na República Oriental do Uruguai na gestão do presidente Berro já era “denunciada” logo no início da década de 1860⁷⁸, em sequência vinham a crise diplomática com a Grã-Bretanha e a condução do gabinete imperial perante a mesma. Inevitavelmente as palavras de indignação disseminadas pela imprensa atingiam a população despertando sentimentos, e serviam como uma espécie de termômetro para os dirigentes, tanto apoiadores e opositores de determinados assuntos, causas, etc.

No Rio de Janeiro o ânimo e a opinião popular estavam em ebulição. Como já mencionado, a tensão diplomática com a Grã-Bretanha causou indignação nas páginas da imprensa e atingiu a opinião pública com o mesmo sentimento. A maneira pela qual o Partido Liberal conduziu a situação desagradou a população que se sentiu humilhada, gerando por parte da mesma, uma maior cobrança ao gabinete liberal. Somadas a isso, denúncias chegavam do Rio Grande do Sul sobre maus tratos de súditos do Império na fronteira e no Uruguai, estes pediam apoio armado oficial. Uma inércia na situação poderia reacender

⁷⁷ DORATIOTO, Francisco. *Op. Cit.*, p.42.

⁷⁸ *Diário do Rio de Janeiro*: nº 125, 28/07/1860. p.1.

sentimentos de um passado não muito distante da elite gaúcha contra o governo imperial, uma outra Farroupilha ainda era um receio concreto. Essa pressão doméstica na política do Império, acrescidas ao descontentamento popular em relação à postura do Uruguai, demandavam que uma ação intervencionista fosse tomada. Era de interesse do gabinete imperial essa ação que, além de complementar interesses estratégicos de Estado, demonstraria uma atitude favorável na disputa política no âmbito doméstico levantando o prestígio do gabinete liberal, mal visto pela opinião pública pela postura submissa na Questão Christie. Aliado a esses objetivos, a presença física imperial na República Oriental dificultaria que a possível vitória do Colorado Flores beneficiasse exclusivamente os interesses argentinos.⁷⁹

Em Buenos Aires, se iniciava uma campanha na imprensa sobre a tensão regional que se instaurava, assim como no Brasil, questões internas pressionavam os dirigentes a agir de determinada maneira em situações nas quais o contexto internacional era o foco de atenção nas primeiras páginas dos jornais do período, principalmente no quesito de construção de imagens e percepções. A imprensa servia não só de veículo de informação, servia também para o leitor em potencial, que constituía, um corpo nacional no qual se identificava e a forma como percebia o outro e a si mesmo. Nessa perspectiva, Mitre precisava convencer, não só grupos políticos, mas a sua população de que uma aproximação com o Império seria produtiva.

Por volta de setembro de 1864, o *La Tribuna*, periódico mais vendido, cobriu os conflitos diplomáticos entre Brasil e Inglaterra sobre a questão da escravidão e detalhou o grande poder militar do Império de Pedro II antes do choque com o Paraguai. Praticamente, em uma campanha uníssona, os jornais de Buenos Aires, com algumas exceções como *El Pueblo*, começaram a pressionar Mitre para firmar a aliança que o Brasil havia proposto, alguns sendo mais enfáticos que o próprio jornal mitrista, *La Nación Argentina*. A imprensa da Banda Oriental contra-atacava essa posição dos jornais em relação aos liberais reforçando as mazelas do sistema político e social brasileiro. Foram acusados de serem infames, traidores da democracia americana e servos do imperador do

⁷⁹ DORATIOTO, Francisco. *Op. Cit.*, p. 50-53.

Brasil. A intervenção brasileira no Uruguai foi justificada pela maioria das vozes em Buenos Aires como a libertação de uma tirania, argumento que mais tarde foi bastante utilizado na guerra contra o Paraguai, tanto por apoiadores quanto por opositores. O caráter expansionista do império e os interesses particulares da Argentina que foram denunciados pela imprensa do Partido Blanco foram minimizados e suprimidos. Enquanto isso, o *La Tribuna*, instigava em suas páginas, as tropas de Pedro II a reagir, avançar, continuar com a intervenção, criticando a aparente inércia. Editoriais sobre o mesmo tópico foram publicados repetidas vezes. Indicando uma forte campanha na imprensa argentina alinhada com os interesses do governo mitrista.⁸⁰

A situação de Mitre nesse quesito era delicada, não podia se associar abertamente com o Império devido à reação que tal ato desencadearia no âmbito doméstico entre os liberais que não o apoiavam em Buenos Aires e Entre Ríos e Corrientes, onde se desenvolvera uma aversão ao Império durante a liderança da Confederação. Os habitantes das duas províncias possuíam uma maior afinidade cultural com o Paraguai, inclusive linguística, ambos falavam outro idioma em comum além do espanhol, o guaraní.⁸¹ A conjuntura de dois grupos alinhados pelo liberalismo ocuparem ao mesmo tempo a cadeira de processos decisórios no Império e na República Argentina facilitou a aproximação entre Buenos Aires e o Rio de Janeiro. A simpatia de Mitre com o Império, se dava para além das afinidades ideológicas, o seu projeto nacional argentino naquele momento focava a atenção externa para o Paraguai, não para o Brasil. Em trocas de correspondências com Urquiza chega a afirmar que apesar do Brasil ser considerado o que “pode fazer-nos maior mal, é o que até hoje nos fez mais bens”, e como argumento apontava que o ex-presidente uma vez se beneficiou de uma aliança bélica com o Império. Essa simpatia de Mitre, fora percebida na imprensa fluminense, o jornal liberal *O Correio Mercantil*, elogiou, ainda em

⁸⁰ BARATTA, María Victoria. *¿Aliados o enemigos? Las representaciones de Brasil en el debate público argentino durante la Guerra del Paraguay, 1864-1870*. In: Revista Histórica. (São Paulo), n. 172, p. 47-48.

⁸¹ Como já explicitado anteriormente, o fator linguístico em comum contribui para um maior sentimento de identificação e proximidade. Esse fator é um dos atributos que constituem um maior sentimento de pertencimento, não sendo, de maneira isolada, uma regra definitiva, já que nações de línguas espanholas se confrontaram no século XIX no continente.

setembro, a postura e a boa vontade do presidente argentino em conceder apoio logístico à causa brasileira no Uruguai.⁸²

Enquanto a boa vontade da República Argentina era celebrada na imprensa da capital imperial, ainda no mês de setembro de 1864, os agentes do corpo diplomático brasileiro passaram a relatar para seus superiores a possibilidade do governo paraguaio, de fato, ter intenções de realizar uma ação armada contra o Brasil. Esses agentes informavam sobre discursos proferidos por Solano López para manifestações populares em tons hostis contra a política do Brasil no Uruguai. O ministro alocado no Paraguai, Viana de Lima, resistia na possibilidade desse cenário, guiado pela lógica da diplomacia convencional ao levar em consideração riscos inerentes de uma guerra em larga escala e a desproporção de recursos entre o Império e o Paraguai, acreditava que Solano López iria romper relações com o Brasil e nada mais.⁸³

O Império, assessorado por esses relatórios, levaria adiante a sua missão intervencionista e invadiria o Uruguai mais uma vez no dia 12 de outubro de 1864. A ação militar do Brasil atendeu as expectativas de Solano López, este reagiu rompendo relações diplomáticas com o Império sem aviso formal e capturou o vapor brasileiro *Marquês de Olinda*, que rumava ao Mato Grosso através do rio Paraguai. Em dezembro, as tropas paraguaias marchariam e invadiriam com sucesso o Mato Grosso e quatro meses depois, em abril de 1865, o chefe paraguaio atacou a província argentina de Corrientes.⁸⁴ Com a invasão à província de Mato Grosso pelas tropas paraguaias, a guerra foi oficializada entre o Império do Brasil e Paraguai.

Nos meses entre a invasão na província brasileira e argentina, Mitre não se envolveu oficialmente no conflito armado, tentando manter uma postura de neutralidade, que duraria pouco até a invasão de López ao território nacional argentino em Corrientes.

Com a invasão consumada, Mitre persuadiu seus conterrâneos a irem à guerra e em 1º de maio de 1865, os Ministros Plenipotenciários da Banda

⁸² DORATIOTO, Francisco. *Op. Cit.*, p. 72-73.

⁸³ *Idem*, p.61.

⁸⁴ DORATIOTO, Francisco. *O conflito com o Paraguay: a grande guerra do Brasil*. São Paulo: Editora Ática S.A., 1996. pp.18-19.

Oriental, Argentina e Brasil assinaram o Tratado da Tríplice Aliança contra o Paraguai. O tratado permaneceria como segredo de Estado, embora não pelo tempo que os aliados gostariam. Quando a concretização da aliança se tornou pública foi para o porta-voz de Mitre, o *La Nación Argentina*, e este teve a difícil tarefa de justificar o pacto com o Império, inimigo tradicional, pacto que fora pedido com afínco por quase toda a imprensa de Buenos Aires. O mesmo fora considerado infeliz pelo líder federal Urquiza. Para aqueles que defenderam o tratado, essa aliança se baseava em uma ideia liberal e de civilização cuja a figura antagônica nessa narrativa fora personificada no paraguaio Solano López, retratado como um déspota bárbaro e incivilizado. O Império do Brasil e a República Argentina, com diferentes formas de governo, estavam unidos por um ideal de missão civilizadora e independência.

Esses eventos desencadeados de maneira bastante ligeira gerariam opiniões mistas entre as populações do Brasil e da Argentina. Como todo conflito de grandes proporções, armados ou não, há aqueles que legitimam as causas e aqueles que se opõem. No caso da tensão regional no Prata se degenerar em uma guerra total entre Estados, não foi diferente e para além dos campos de batalha, divergências entre dirigentes, a arena da linguagem impressa nesse cenário foi bastante polêmica.

Para Alberdi, essa nova situação significaria uma nova etapa em sua trajetória de vida e produção intelectual. De certa maneira, desde da sua juventude, o letrado se lançara em um ciclo de lutas onde a linguagem impressa foi a sua principal ferramenta no embate de ideias. Se em Buenos Aires e em Montevideu havia lutado pela liberdade de sua Argentina contra o caudilhismo de Rosas e no Chile amadurecido suas ideias que ajudaram na organização nacional e nas instituições fundamentais de seu país através de um discurso mais pragmático. Na Europa como servidor do corpo diplomático da finada Confederação lutou para manter a integridade do projeto nacional em que acreditava e agora mais uma vez, retornaria as origens de seus tempos de luta e oposição ao que considerava incorreto e tentaria evitar que uma geração inteira sofresse em benefício de atores externos e interesses provincianos que considerava mesquinhos.

Em um momento inicial, após a ação paraguaia, um sentimento de revolta se manifestou no Brasil, esta foi percebida como um ato traiçoeiro e injustificável. Não só no Rio de Janeiro, mas em todo território nacional, em um primeiro momento, houve um grande entusiasmo popular a ponto do contingente militar imperial contar com apoio de voluntários. Na imprensa fluminense, uma narrativa anti-López passava a adquirir forma e em março de 1865, o *Jornal do Commercio* reproduzia na seção “Exterior”, localizada na primeira coluna da primeira página um artigo traduzido do periódico de Montevideú chamado *El Siglo*, datado 09 de março daquele mesmo ano.⁸⁵

O artigo com o solitário título de “Paraguay”, ataca de maneira bastante clara o governo de Solano López, procurando adotar uma linguagem que separasse o povo paraguaio de sua figura, mobilizando conceitos de “liberdade” em contraposição a “dictadura”. O jornal ao se referir ao povo paraguaio afirma que os “homens tão inteligentes e viris, debaixo da dominação dos Lopez, não pensão, vivem a vida animal, e se um pensamento ou algum instinto de dignidade pessoal[...] o desgraçado que assim se atreveu a pensar e sentir póde estar seguro de concluir seus dias nas masmorras do Paraguay.”⁸⁶

A linguagem utilizada nesta publicação parece ter a intenção de construir uma imagem de vitimização do povo paraguaio perante a gestão de López, abrindo margem para o leitor em potencial absorver uma certa empatia e incorporar um pouco da “missão civilizadora” desta luta. Ao utilizar essa forma de discurso, o povo governado por Lopez precisa de uma tutela, de uma espécie de salvação das garras desse “tiranno”. No Paraguai, ninguém “sahe nem entra livremente[...]ninguem commercia, ninguém pensa[...]não se consente imprensa senão a do Estado[...].”⁸⁷

Após descrições que se desenvolvem em um discurso de demonização da personalidade e política de Solano López, o artigo passa a atacar as instituições despóticas, afirmando que é “isto o que realmente se passa no Paraguay” e como argumento para corroborar suas palavras nestas assertivas aparecem palavras de ninguém menos que Alberdi.

⁸⁵ *Jornal do Commercio*: n° 78, 19/03/1865 p.1.

⁸⁶ *Jornal do Commercio*: n° 78, 19/03/1865 p.1.

⁸⁷ *Jornal do Commercio*: n° 78, 19/03/1865 p.1.

[...]Pelo artigo que transcrevemos do Dr. Alberdi se póde julgar até onde são despóticas e absurdas as instituições do Paraguay: A constituição do Paraguay dada na Assumpção a 16 de Março de 1844, é a constituição da dictadura ou presidencia onnipotente arvorada em instituição definitiva e estavel: quer dizer que é uma antithese, um contrassenso constitucional. É certo que a constituição do Paraguay, para ser discreta, não devia ser um fiscal de constituição política. [...] Nada seria da tyrannia presente se ao menos dêsse garantias de liberdade e progresso para tempos porvir.[...]Este regimen é egoísta, escandaloso, bárbaro, de funesto exemplo e nenhum proveito para a causa do progresso e da civilização desta parte da América do Sul. Longe de imitação merece a hostilidade de todos os governos patriotas sul-americanos.⁸⁸

As palavras que foram usadas pelo artigo produzido pelo letrado se tratam do trecho completo sobre a constituição do Paraguai de sua obra *Bases y punto de partidas* com mais de uma década de idade.⁸⁹ Produzida em outro contexto, as palavras da obra de Alberdi parecem se encaixar com o objetivo deste artigo, que ao longo de sua narrativa, atribui a posição atual de López aos governos que o antecederam, elaborando desde da “dictadura inaudita de Dr. Francia”. Uma das principais obras produzidas pelo letrado, senão a principal, aparece em um primeiro momento na imprensa fluminense em uma publicação anti-López.

É quase que uma ironia do destino o nome do letrado aparecer em uma publicação que atacasse de alguma forma Paraguai e Solano López neste contexto, principalmente se levarmos em consideração a data da publicação acima no dia 19/03/1865. No primeiro dia deste mesmo mês, o letrado publicaria na Europa um de seus principais panfletos políticos de oposição à Guerra do Paraguai, o “*Las Disensiones de las Repúblicas del Plata y las maquinaciones del Brasil*”. Alberdi publicou a primeira edição no anonimato para evitar qualquer espécie de associação com a sua reputação e para se precaver de ataques futuros.⁹⁰ Alberdi, que visava alcançar o máximo de leitores possíveis publicou uma edição em

⁸⁸ *Jornal do Commercio*: n° 78, 19/03/1865 p.1.

⁸⁹ ALBERDI, Juan Bautista. *Bases y puntos de partida para la organización política de la República Argentina*. Buenos Aires: Biblioteca del Congreso de la Nación, 2017, p.75-78.

⁹⁰ MAYER, J. M. Alberdi y su tiempo. Buenos Aires: Eudeba, 1963. p. 687.

francês, neste período, o idioma era bastante utilizado no ocidente, não só por influência cultural francesa, mas também por ser conhecida como a língua da diplomacia, ao publicar na “língua franca” o letrado deixa claro que suas críticas e ataques contidos em seu escrito não se restringisse apenas a leitores de língua espanhola.

Com o estopim da Guerra do Paraguai e a Tríplice Aliança trazida ao conhecimento público, inicia-se a etapa em que Alberdi produz seus inúmeros “escritos de combate” condenando o Império e a Argentina de Mitre. Para publicá-los e divulgá-los na Europa na América e principalmente no Prata, Alberdi contou com o apoio da Legação do Paraguai em Paris.⁹¹

O conteúdo deste folheto com 71 páginas em sua primeira edição, foi dividida em quatro partes, Alberdi recorria ao passado para tentar explicar de maneira lógica os objetivos e questões por trás de interesses econômicos e geopolíticos no comportamento de cada um dos atores beligerantes. O Império representava a continuidade da política portuguesa e buscava se expandir para os territórios temperados do Prata e para ter o controle nos portos na região. A política uruguaia da época fora o resultado alternativo da influência argentina e brasileira. Como não podiam anexar a Banda Oriental, os dois países procuraram instalar governos fantoches que servissem aos seus desígnios. E o Paraguai buscava resistir de maneira heroica às pressões dos Estados vizinhos, conservar a sua integridade física e nacional protegendo o direito de navegação dos rios Paraná, Paraguai e Uruguai que estavam sendo ameaçados pela monarquia brasileira.

A obra foi produzida e publicada antes da aliança entre a Argentina de Mitre e o Império ser firmada no Tratado da Tríplice Aliança, e por alguns trechos retirados de seu panfleto, acreditava que a mesma não era possível devido ao estado de vulnerabilidade em que se encontrava Mitre, segundo o letrado.

⁹¹ Conforme esses escritos ganhavam notoriedade entre aqueles que visava criticar, o letrado fora acusado de receber ouro paraguaio, tanto pela imprensa argentina quanto pela imprensa fluminense. Em algumas correspondências para amigos ele nega este fato. ALBERDI, Juan Bautista y VILLANUEVA, Francisco. *Correspondencia epistolar 1855-1881*: Selección, Edición crítico-genética, Estudio preliminar de Lucila Pagliai, 1º edición. San Martín: Universidad Nacional de Gral. San Martín. UNSAM EDITA, 2015, p.121.

[...]el general Mitre no se atreve á dar al Brasil, ni el apoyo de la bandera Argentina, ni su cooperacion moral. Si envia la bandera, tienen que ir tras ella los soldados. Si envia sus soldados, se queda en poder de tres enemigos que tiene en casa: - los indios, las provincias, los crudos⁹². Así la neutralidad del gobierno de la República Argentina es la impotencia convertida en estrategia de guerra[...]”⁹³

Além de buscar uma explanação voltada para aspectos estratégicos, Alberdi se utilizava de argumentos que atacavam de maneira direta alguns aspectos do Império do Brasil e sua realidade social, nem o clima escapou das críticas do letrado. Ao abordar o mesmo, que já havia experimentado em sua passagem pelo Rio de Janeiro no verão de 1844, a imagem conjurada do Império pelo letrado neste folheto era praticamente de um deserto cujo solo tinha muito pouco valor, chegando a comparar com a vastidão do continente africano. Para Alberdi, o território do Império é vazio e com o clima hostil, o que não torna atraente para imigração que considerava ideal, a europeia. A raça branca para ele “*alli no muere, vive muriendo*”. Um dos pontos que encontra explicação do porque o Império ainda praticar a escravidão se refere a este clima, que somente a “raça africana” era capaz de suportar. Em um de seus momentos de “profecias alberdianas”, alerta que esta é uma prática que vai se extinguir, assim como nos EUA fora há pouco tempo. Seguindo a sua lógica de povoamento, se o Brasil quisesse se adaptar a essa nova realidade, teria que expandir para climas fora da “zona tórrida” onde poderia povoar com imigrantes europeus.⁹⁴

Alberdi depois direcionou suas denúncias para a maneira pela qual a população brasileira era tratada por seus dirigentes e instituições, estas só serviam para atender aos interesses da classe dominante, crítica que possuía um fundo de verdade. Por causa dessa realidade, para o letrado, o brasileiro se encontrava em uma constante situação de fome, completamente dependente da produção de

⁹² O Partido Liberal se dividira em dois com Adolfo Alsina liderando os “crudos”, também chamados e autonomistas e Mitre o Partido Nacionalista.

⁹³ ALBERDI, Juan Bautista. *Las disensiones de las Repúblicas del Plata y las maquinaciones del Brasil*. Paris, 1865. In: Alberdi, Juan Bautista. **El Imperio del Brasil ante la Democracia de América**. Colección de los últimos Escritos dados á luz por Don. J. B. ALBÉRTI, Ex-Ministro de la Republica Argentina en Paris y Londres. Paris: Imprenta A.-E. Rochette, 1869, p.34.

⁹⁴ *Idem*, p.4-6.

charque da Banda Oriental, sendo vital o controle da região para a subsistência do Império.

La legislación podría remediar em parte esse inconveniente del Brasil; pero los que hacen las leyes, los ministerios y los parlamentos em esse país, son cabalmente los que mantienen esse estado de cosas por cálculos de interes y de ganancia pecuniária[...]deve esa nueva plaga del hambre á la sed de ganancia de sus grandes propietarios[...]En vez de consagrar una parte al cultivo de cereales y animales para la subsistencia de su poblacion, lo destinan todo á la producción de la azúcar, del tabaco, del café del té que los enriquece á ellos á expensas del pueblo trabajador, que muere de hambre.⁹⁵

A imagem que o letrado tem do regime monárquico brasileiro de maneira geral é projetada em seus escritos como uma aberração, herança de um sistema colonial ultrapassado em que “*no hay nobleza, pero hay ricos fidalgos, especie de señores feudales que hacen de ese país una federación de opresores y oprimidos*”.⁹⁶

Alberdi aponta que a única saída para o Império conseguir se manter vivo e preservar esse regime anômalo em uma conjuntura política onde os Estados vizinhos se constituíam como repúblicas devido a um movimento que considerava ser progressivo na história, seria através da expansão de seu território. Para o letrado, era uma situação de vida ou morte para aquela monarquia tropical, falhar nesse objetivo seria uma forma de “*decir adiós á la existencia del Imperio, no del Brasil*”.⁹⁷ Ironicamente as consequências futuras para o Brasil se desdobraram mais ou menos dentro deste cenário antevisto por Alberdi, o Império seria extinto e o Brasil continuaria existindo.

Se o letrado teve o intuito de alcançar algum leitor brasileiro com suas palavras, de fato foi bem-sucedido. No dia 26 de junho de 1865, uma carta de um correspondente brasileiro do *Jornal do Commercio* que trazia notícias de Buenos Aires na seção do “Exterior”.⁹⁸ Tendo prioridade localizada na primeira coluna, o correspondente atualiza o leitor na capital fluminense sobre os últimos

⁹⁵ *Ibidem*, p.8.

⁹⁶ *Op. Cit*, p.9.

⁹⁷ *Idem*, p.14.

⁹⁸ Em um momento da correspondência ele se refere em primeira pessoa, “Como Brasileiro”.

acontecimentos envolvendo a guerra. Nessa altura, a aliança com a República da Argentina e o Império já fora forjada e feita pública, o tom das notícias possui um otimismo por parte do correspondente e o mesmo aborda as movimentações das tropas dos dois Estados trabalhando em conjunto.

Após seguir uma certa linearidade abordando o teatro de operações da guerra, o correspondente parece interromper abruptamente o ritmo de otimismo em seus relatos com o seguinte parágrafo:

Acaba aqui de apparecer um folheto em francez, intitulado *Dissentions des republiques de la Plata et les machinations du Brésil*, cuja paternidade se attribue ao Argentino Dr. João Baptista Alberdi, residente em Pariz, onde foi impresso o folheto. Como se deprehe de do título é este pamphleto um tecido de diatribes e calumnias contra o Brazil, que se procura pintar como o Deus ex-machina desses incessantes vai-vens políticos que agitam estas Republicas. O Sr. Alberdi desde alguns anos, é conhecido pelo ódio hydrophobico que vota ao Brazil, e por isso não admira que haja podido conceber aquelle aborto; mas na circumstancia em que vem á luz o folheto e o fim manifesto com que foi escripto deixão transparecer o brilho do ouro paraguay. ⁹⁹

O correspondente que produziu esta notícia aparentemente teve contato com as observações do letrado, e foi igualmente duro em reproduzir para o leitor na capital imperial o conteúdo que continha, seu tom é de um nacional que se sentira ofendido pelas palavras do argentino. Alberdi é acusado pelo correspondente de receber alguma forma de compensação financeira do governo de López para produzir os escritos propagandísticos antibrasileiros. O autor da matéria não se sente surpreso que tais palavras tenham saído da pena do letrado que já foi citado com uma certa notoriedade em relação a críticas direcionadas ao Império já manifestadas pela imprensa fluminense anos antes. A matéria continua expondo o que considera ser um *modus-operandi* de López, o recrutamento de

⁹⁹ Faço aqui um breve comentário relacionado a data de publicação do folheto em francês. Nas bibliografias utilizadas nesse trabalho, Alberdi y su tiempo de Mayers e Juan Bautista Alberdi y Francisco Villanueva, Correspondencia epistolar (1855-1881) da Lucilla Pagliai, ambos atribuem a data de publicação do folheto em francês ao dia 1º de julho de 1865, o que contrasta bastante com a data na qual o correspondente produziu esse escrito, 14 de junho de 1865 e data na qual o mesmo foi publicado no *Jornal do Commercio*, 26 de junho de 1865. *Jornal do Commercio*: nº 171, 21/06/1865, p.1.

escritores com o calibre do letrado para servirem em prol da causa paraguaia. Segundo o correspondente do *Jornal do Commercio*, uma pequena soma de dinheiro seria o suficiente para indivíduos como Alberdi defenderem o Paraguai na Europa como campeão da civilização na guerra, ao mesmo tempo que atacam o Império.

É uma manha de Lopez estipendiar escriptores da ordem dos Alberdi e dos Du Graty, que mediante alguns francos, são capazes de o elevarem ao setimo céu, o de jurarem que o Paraguay é um paiz civilizado. É questão de mais ou menos plata. No dia seguinte dirão o contrario se lhes pagarem melhor. Afinal quem perderá no negocio é o pobre Paraguay, que terá suado o fructo de tantos annos de economia de Lopez I para encher as bolsas de meia duzia de espertalhões que se estão rindo do imbecil tyranno, que não conhece o papel ridiculo que está representando.¹⁰⁰

O correspondente retrata Alberdi como um mero mercenário, de opinião volátil e influenciável que agia de acordo com a quantia financeira que recebia, não importando a origem. Esses ataques, que também eram uma forma de defesa na medida que a reputação do letrado é minada, revelam uma tentativa por parte do órgão de imprensa com o peso do *Jornal do Commercio* em desacreditar os *Las disensiones* e retratar a índole do letrado como a de um mero contratado para fazer propaganda de guerra para López no exterior. O tom ofendido utilizado na escrita, revela um certo zelo pela imagem do Império, dos Estados de maneira geral, nesse período, principalmente na maneira pela qual as potências na Europa percebiam ou viriam a perceber a condução dos comportamentos dos beligerantes na guerra. A propaganda interestatal era um importante instrumento de projeção de credibilidade ou de descrédito, principalmente quando se tratava da disseminação na Europa.

As palavras de Alberdi parecem ter ofendido o autor da correspondência e o mesmo se sentiu na necessidade de passar um pouco de seu sentimento para o leitor do Rio de Janeiro, afinal eram todos brasileiros, era mais que justo que seus conterrâneos soubessem que estão difamando o grande Império mundo afora. A

¹⁰⁰ *Jornal do Commercio*: n° 171, 21/06/1865. p.1

ofensa incomodou pelas observações precisas do letrado, afinal o insulto atinge mais quando possui um fundo de verdade. Se afastando um pouco das análises das questões geopolíticas e estratégicas, Alberdi realiza ataques ou denúncias, direcionadas à sociedade imperial como um todo. Ao apontar para a prática da escravidão e a desigualdade do Brasil, ele agride e expõe exatamente a imagem que o Império projetava para fora, de uma monarquia tropical civilizada, avançada e estável.

O Brasil, do ponto de vista interno, tinha uma reputação que foi construída ao longo dos anos de maneira consciente a zelar. A monarquia, a imagem do próprio imperador e a suas instituições representativas ganharam distinção perante as nações europeias e a centralidade da ordem imperial em oposição a instabilidade das repúblicas vizinhas, eram motivos de orgulho nacional no discurso oficial. No ponto de vista externo, o Estado imperial se projetava para fora como o organizador de uma civilização nos moldes europeus no continente sul americano. Essa imagem era um tanto paradoxal, na prática se tratava de uma sociedade escravista e por natureza excludente e o projeto nacional era para poucos. A monarquia dos trópicos, a “flor exótica da América”, sofria de uma exclusão social interna ao mesmo tempo que gozava de uma boa imagem construída pela “respeitabilidade civilizada imperial.”¹⁰¹ Alberdi apontou para esse paradoxo, mostrou o Brasil como um país onde se pregava a civilização com práticas ultrapassadas e consideradas bárbaras, a escravidão era uma delas, e tornou isso público em um momento onde a vaidade e a credibilidade do Império estavam sob os holofotes.

Nos anos que se seguiram após o início da guerra, o letrado monta uma grande operação político-cultural com dois públicos alvos em mente. O primeiro no continente sul americano, principalmente na região do Prata, onde de fato, o conflito ocorria nos campos de batalha e na arena das ideias, e, o segundo, obviamente, a opinião pública europeia onde o Império, o Paraguai e a região do Prata como um todo, estão distantes em um continente exótico e desconhecido,

¹⁰¹ SALLES, Ricardo. *Nostalgia Imperial: escravidão e formação da identidade nacional no Brasil do Segundo Reinado*. Rio de Janeiro. Topbooks, 1996, p.68.

portanto fácil para alguém com o calibre literário de Alberdi construir imagens com simplificações pautadas na lógica binária de amigo/inimigo.¹⁰²

Durante esse combate público de pena e papel, o letrado, agora ciente da invasão de López a Corrientes e da oficialidade da Tríplice Aliança, relata em uma carta pessoal suas opiniões atualizadas sobre essa conjuntura. Alberdi, enquanto atuava como servidor, alertava sobre a possibilidade do Império usar a Confederação como uma espécie de ferramenta para objetivos estratégicos e agora isso parece se confirmar de maneira definitiva para ele quando afirma que Mitre transformou a República Argentina em “*instrumento del Brasil y de una política brasileira aciaga para toda la República*”.¹⁰³ Em relação ao Paraguai ele não defende-o, apenas “*explico los hechos*”, se referindo ao mesmo a “*aliado natural*” e ao Império como “*enemigo histórico*” dos argentinos. Sobre a guerra de informações e propaganda na Europa relata que Buenos Aires e Brasil estão em atividade para construir a própria narrativa.

Nuestros amigos de Buenos Aires, sostenedores de Mitre, pueden decir lo que quieran: en París, hay cien brasileiros de categoría que en todas partes y a toda hora publican las miras del Brasil en el Plata. Ellos ponen en ridículo nuestros esfuerzos para desfigurar las cosas, para consolar nuestro amor propio nacional y humillado.¹⁰⁴

O trecho acima relatado pelo letrado, reflete bastante a maneira pela qual a disputa por narrativas sobre o conflito era realizada no período. Na “frente de batalha” das disputas por fatos e versões na Europa, o combate se dava pelos apoiadores e opositores dos beligerantes. Se no velho continente a panfletagem política estava em andamento, no continente sul americano adquiria uma maior intensidade.

Na Argentina de Mitre, a reação quando esses folhetos chegaram ao continente não foi diferente da do *Jornal do Commercio*, porém com muito mais

¹⁰² PAGLIAI, Lucila. *Alberdi y el Brasil en los escritos del Ciclo de la Guerra del Paraguay: las funciones de una visión en bloque*. Nuevo Mundo Mundos Nuevos [Online], 2009, p. 6.

¹⁰³ Tenebrosa, sombria, sinistra. (tradução livre).

¹⁰⁴ *Alberdi a Villanueva*. París, 15 de julio de 1865. In: ALBERDI, Juan Bautista y VILLANUEVA, Francisco. **Correspondencia epistolar 1855-1881**: Selección, Edición crítico-genética, Estudio preliminar de Lucila Pagliai, 1º edición. San Martín: Universidad Nacional de Gral. San Martín. UNSAM EDITA, 2015. p.123.

intensidade e animosidade devido ao histórico de atritos políticos com Buenos Aires. Seus escritos, ao longo da guerra, foram tão rejeitados quanto reproduzidos. Para os opositores da guerra seus pontos de vista faziam sentido e para os apoiadores, principalmente os portenhos mitristas, foi estigmatizado como traidor, “*aparaiguayado*” por órgãos como *La Nación Argentina*, *La Tribuna*, *El Nacional* e *El Pueblo*. Todos em uma campanha na imprensa contra o tucumano com maior destaque na oposição à Guerra do Paraguai.¹⁰⁵

No ano seguinte da publicação do folheto, em 1866, surgia o periódico *La América*, situado em Buenos Aires e através dele as vozes da dura oposição intelectual em relação à participação Argentina na luta. Entre suas linhas editoriais se encontravam as ideias de Alberdi e outros opositores que compartilhavam das mesmas perspectivas. A aliança com o Brasil serviu de munição para as críticas mais duras realizadas por esses opositores da política mitrista e da guerra. Seguindo um pensamento similar com do letrado, percebiam o Império como um inimigo natural e o Paraguai como nação irmã que estava sendo atacada injustamente. Para eles, o poder do Brasil residia principalmente em manter a instabilidade argentina e nem tanto na derrota de Francisco Solano López. Como um dos colaboradores do jornal *La América*, o letrado continuava produzindo e publicando da Europa. Alberdi agora tinha um veículo que disseminava suas ideias dentro de sua nação e poderia se dedicar com veemência aos ataques ao Império do Brasil, sua obsessão. A alcunha de traidor da pátria não o abalou durante este período.¹⁰⁶

Na imprensa do Rio de Janeiro o descontentamento em relação a guerra foi surgindo por outros motivos, enquanto na Argentina mitrista havia uma disputa por narrativas, identidade argentina e atores intelectuais de peso como Alberdi com projetos nacionais diferentes, no Império ela se manifestava na cobrança da promessa feita pelos dirigentes da nação quando marcharam para guerra, de que ela seria curta.

¹⁰⁵ BARATTA, Victoria. *La Guerra del Paraguay y el proceso de construcción de la identidad nacional argentina (1864-1870)*. Buenos Aires, 2013. 335 páginas. Tesis de doctorado-UBA. pp.215-216.

¹⁰⁶ BARATTA, Victoria. *¿Aliados o enemigos?... Op. Cit*, p 56.

Em 9 de novembro de 1866, o jornal fluminense *Correio Mercantil*, mais simpático à causa liberal, já se manifestava crítico em relação ao envio de um contingente da Guarda Nacional para a frente de batalha, estavam enviando-os para o “açougue do Paraguai”. No ano seguinte, na edição única dos dias 21 e 22 de outubro de 1867 o *Diário do Povo*, também do Rio de Janeiro, denunciava os maus tratos devido a política adotada de recrutamento forçado e as consequências causadas pelo mesmo, manifestada em formas de revoltas e protestos populares. No parlamento a guerra e aqueles que a apoiavam eram acusados de consumir todos os recursos do Império com a real possibilidade de levá-lo à ruína. Em outras palavras, o cenário de indignação da opinião pública no Brasil era pelo fato da guerra ainda se estender causando perdas humanas e um alto custo material para o tesouro nacional.¹⁰⁷

A longa durabilidade da guerra significou para o letrado uma contínua luta através de seus escritos combativos¹⁰⁸, e em consequência dessa continuidade, Alberdi, “o grande inimigo”, surgia novamente na imprensa fluminense em um momento no qual a guerra já estava em um estágio de saturação interna por parte de setores da gestão e da população do Império.

Mesmo com a insatisfação crescente, o artigo no qual o letrado é mencionado ainda defende de alguma forma a causa brasileira. O autor quis expor às redes de informação e propagandas anti-brasileiras sendo realizadas na Europa. A imagem internacional do Brasil mundo afora estava se deteriorando por causa da sua atuação na guerra e da campanha na imprensa internacional contra a mesma. No *Diário do Rio de Janeiro* do dia 17 de janeiro de 1867, na metade da

¹⁰⁷ DORATIOTO, Francisco. *O conflito com o Paraguay: a grande guerra do Brasil*. São Paulo: Editora Ática S.A., 1996, p. 48-49.

¹⁰⁸ “1. *Los intereses argentinos en la guerra del Paraguay con el Brasil. Julio de 1865*. 2. *Crisis permanente de las Republicas del Plata. Febrero de 1866*. 3. *Texto del tratado de alianza contra el Paraguay y comentario del tratado*. Sem data. 4. *Intereses, peligros y garantías de los Estados del Pacifico en las Regiones Orientales de La América del sud. Setiembre de 1866*. 5. *La apertura del Amazonas y la Clausura de sus afluentes. Enero de 1867*. 6. *Las dos guerras del Plata y su filiacion en 1867. Mayo de 1867*. 7. *Dos politicas en candidatura. Febrero de 1868*.” Esses escritos foram reunidos e publicados novamente em conjunto e ordem cronológica na obra de 1869 intitulada *El Imperio del Brasil ante la democracia de America*. Com um prefácio de 72 páginas e datado de junho de 1869, foi produzido pela mão do próprio com explicações do que continha nessa obra e com as devidas atualizações do conflito que ainda não havia terminado. Ver: ALBERDI. *El Imperio del Brasil ante la Democracia de América: Coleccion de los últimos Escritos dados á luz por Don. J. B. ALBÉRDÍ, Ex-Ministro de la Republica Argentina en Paris y Londres*. Paris, Imprenta A.-E. Rochette, 1869.

primeira coluna da segunda página encontra-se o artigo “A Guerra do Brasil perante a Europa”, que se queixa da maneira pela qual a imprensa no velho continente está retratando as atitudes do Império perante ao Paraguai. Pelo tom ferido do artigo, deduzimos que fora produzido por um brasileiro, já que não possui assinatura final com autoria. O autor afirma que causa:

Admiração e lastima a um tempo as injustas apreciações que fazem alguns órgãos da imprensa, tanto na França, como na Allemanha, e ainda na Belgica, acerca da guerra que o Brasil sustenta contra o Paraguay. O cidadão amigo de seu paiz e da verdade não pôde acompanhar este movimento da imprensa sem indignar-se e sentir-se impellido a refutar semelhantes calumnias¹⁰⁹

O artigo já revela que há por parte da imprensa de potências europeias uma distorção na construção da narrativa de guerra, a “verdade” e versão brasileira não estavam sendo relatadas de maneira honesta. A razão de toda essa propaganda contra o Império tem uma explicação segundo o autor, o ouro paraguaio. Para o autor, o metal precioso “será sempre o grande corruptor de certos homens sem princípios, e sem convicções íntimas, que sustentam hoje a causa da civilização, do progresso e da liberdade: e amanhã o despotismo com seu cortejo de iniquidades.” O artigo se queixa da impotência de responder a tantos “contendores” e denuncia em um certo tom de admiração o que ele atribui como propaganda paraguaia na imprensa internacional.

[...]o ouro paraguay tem feito prodígios em parte da imprensa europêa. Em Paris as brochuras sobre a guerra do Paraguay estão em moda. Desnaturar os factos, mostrar o Paraguay victima da tríplice alliança, pintar López como libertador da escravatura alli, como um presidente amigo do progresso e da moderna civilização, em quanto descreve o Brasil como um Imperio que caminha para a sua decadência, como um paiz sem meios de subsistencia para sustentar seus filhos que emigram para a banda oriental[...]enfim como um paiz que sofre a doença dos grandes Imperios, empolgando como victimas mas de sua ambição as margens do Prata[...]¹¹⁰

¹⁰⁹ *Diário do Rio de Janeiro*: n° 15, 17/01/1867. p.2.

¹¹⁰ *Diário do Rio de Janeiro*: n° 15, 17/01/1867. p.2.

O conteúdo da operação realizada por Solano López em movimentar recursos financeiros teve bastante alcance de acordo com o jornal fluminense e o conteúdo que selecionou para exprimir resumidamente as propagandas é curiosamente semelhante a alguns trechos do *Las disensiones* de Alberdi, principalmente nos argumentos da decadência, da ausência da subsistência e das ambições expansionistas. Somados ao sucesso dessa campanha, o artigo afirma o uso de mais de uma mídia para disseminar informações e desinformações que condizem com a narrativa da resistência paraguaia que são publicadas em brochuras, jornais e revistas mensais.

O artigo prossegue com o autor se dirigindo a algumas publicações em periódicos da Europa que tomaram partido do Paraguai, nomeando-os e a seus respectivos autores sempre que possível, indignado com a representação de López como “pharol da civillisação na America do Sul” e o Brasil como um “paiz inimigo do progresso, e das idéas econômicas, que sempre tem levado a agitação às republicas vizinhas”. Após questionar a dignidade desses escritores que supostamente foram comprados pelo ouro para “adulterarem a verdade” ele canaliza suas queixas diretamente para Alberdi, sem pudor ou medição de adjetivos pejorativos, pois aqui para o letrado não resta dúvida de que é um verdadeiro antagonista dos interesses do Império.

Temos tambem em França um grande inimigo que não perde ocasião alguma de nos desconsiderar; é o Sr. Alberdi, cidadão argentino, homem que goza de muita aceitação em Paris, onde por muito anos representou o seu paiz, como ministro: e segundo diz se acha alli desterrado por opiniões politicas. O Sr. Alberdi, foi sempre inimigo do Brasil, trata-o em seus escriptos com desprezo, pouco digno de um homem que se presa. E para lastimar que possuindo tão vasta intelligencia o Sr. Alberdi se deixe dominar por mesquinhos e absurdos preconceitos, tirando assim á suas obras todo o caracter serio.¹¹¹

Esse trecho revela que o alcance de disseminação dos escritos do letrado e a sua notoriedade neste ciclo de produção, o autor para “apresentar” o argentino,

¹¹¹ *Diário do Rio de Janeiro*: nº 15, 17/01/1867. p.2.

retorna brevemente ao seu passado profissional, afirma sua reputação como intelectual e está ciente de seu exílio opcional na França. Para descrever a posição de Alberdi no combate impresso, utiliza expressões como “grande inimigo” e “sempre foi inimigo do Brasil” para acentuar o antagonismo do letrado, não só durante as narrativas da guerra, mas também de um passado recente que indica que sempre atuou contra o Império. Em meio a conotações hostis o autor do artigo deixa transparecer um certo reconhecimento da capacidade do letrado ao afirmar que este é dotado de “vasta inteligência”.

Antes de encerrar sua exposição sobre o letrado, o autor tenta desmerecer suas motivações e reputação, afirmando que aqueles que compartilham e acreditam em suas palavras não levam em consideração que “a paixão e os prejuízos em um velho são males que não se desarreigam.” No parágrafo final sobre Alberdi, menciona a defesa das causas do Império realizada por um francês no debate da arena impressa agradecendo-o por responder com precisão as “accusações erroneas que o Sr. Alberdi fazia correr pela imprensa européa.”¹¹²

A influência do letrado ao usufruir da linguagem impressa para atacar tudo aquilo que se opunha nesse período é indubitável, e podemos afirmar que a rede de comunicação e disseminação de suas ideias teve maior eficiência de quando atuava como ministro e se queixava para os seus superiores da falta da presença de escritos pró Confederação na imprensa europeia. Esse artigo “A Guerra do Brasil Perante a Europa” reforça ainda mais essa afirmação visto que além de tratar Alberdi quase como o principal expoente da propaganda paraguaia, ele denuncia, se queixa da postura de outras mídias que compartilhavam as mesmas ideias do letrado direta e indiretamente. O jornal fluminense procura se defender e atacar “vários artigos que “appareceram na Revista dos Dous Mundos”, muito deles atribuídos ao geógrafo francês Élisée Reclus.¹¹³

O fato do nome de Réclus aparecer logo após os ataques a Alberdi mostra o quanto a campanha contra o Império se mostrou eficiente.¹¹⁴ O argentino e o

¹¹² *Diário do Rio de Janeiro*: n° 15, 17/01/1867. p.2.

¹¹³ Revista com grande projeção internacional, inclusive no Brasil. *Diário do Rio de Janeiro*: n° 15, 17/01/1867. p.2.

¹¹⁴ Réclus ajudou Alberdi e a Legação paraguaia na edição e tradução da primeira edição em francês de *Las Disensiones de las Repúblicas del Plata y las maquinaciones del Brasil*. Ver: BREZZO, Liliana M. (UCA / CONICET). (2007). *Los mecanismos de exaltación de Juan Bautista*

francês compartilhavam das mesmas ideias sobre o conflito e realizavam críticas semelhantes ao Brasil, ambos trocaram correspondências sobre o tópico e transmitiam as mesmas através de suas publicações. Outro argumento da elevada proliferação de um discurso favorável à causa paraguaia e de oposição ao Império.

115

Alberdi neste artigo, é acusado novamente na imprensa fluminense de receber ouro de López para realizar essa campanha e essa acusação sem dúvida faz parte de uma retórica para descreditar o caráter do indivíduo. Porém, tal acusação não foge totalmente da realidade vide que o letrado fora praticamente abandonado por Mitre com pagamentos pendentes por seus serviços e teve apoio da Legação paraguaia na proliferação de seus escritos.

A operação propagandística que o jornal brasileiro está denunciando, na qual Alberdi sem dúvidas participou, teve início quando o governo paraguaio autorizou a sua representação diplomática na Europa, a fazer pagamentos destinados a financiar artigos na imprensa e edições de escritos que apoiassem a causa de López para difundir uma imagem positiva e combater aquela que os escritores recrutados pelos governos da Tríplice Aliança proclamaram nas páginas do velho continente como a “ação civilizadora” na guerra contra a “barbárie” do Paraguai. Acrescidos a essa operação, a Legação passou a estabelecer vínculos com representantes da imprensa francesa e inglesa para garantir a inclusão frequente de artigos e, eventualmente, escritores contratados.¹¹⁶

Alberdi en Paraguay: entre las responsabilidades nacionalistas y el revisionismo histórico. XI Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia. Departamento de Historia. Facultad de Filosofía y Letras. Universidad de Tucumán, San Miguel de Tucumán, p.6.

¹¹⁵ Durante a guerra, Réclus começou uma série de artigos defendendo a causa paraguaia. Naquela época apoiou as repúblicas federais da América Latina e era completamente contra às políticas do Brasil, que considerava ser um império autocrático praticante da barbárie e da escravidão. Réclus apoiava os movimentos autonomistas das províncias argentinas de Entre Ríos e Corrientes. O geógrafo critica a aliança de Brasil, Uruguai e Argentina contra o Paraguai e passou a se corresponder com mais afinco com Alberdi. Ao abordar a questão da Guerra do Paraguai em seu artigo “*La Guerre du Paraguay*”, publicado em 1867 na *Revue des Deux Mondes*, Réclus passa a ser hostilizado pela intelectualidade e imprensa brasileira como exemplificado nesta edição. Acreditamos que o autor da “Guerra do Brasil perante a Europa” está se referindo a esse artigo. Ver: FERRETTI, Federico. *Breve cronologia da vida de Élisée Reclus (1830-1905)*. Terra Brasilis (Nova Série), n. 7, 2016.

¹¹⁶ BREZZO, Liliana M. (UCA / CONICET). (2007). *Los mecanismos de exaltación de Juan Bautista Alberdi en Paraguay: entre las responsabilidades nacionalistas y el revisionismo histórico.* XI Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia. Departamento de Historia. Facultad de Filosofía y Letras. Universidad de Tucumán, San Miguel de Tucumán. p.5.

Até que ponto a retribuição financeira deu motivação para o letrado escrever profissionalmente fazendo campanhas na imprensa europeia e na região do Prata, não podemos afirmar, o que podemos afirmar é que Alberdi durante seus anos como ministro da gestão Urquiza, viu uma maior aproximação na política externa entre o Paraguai e a Confederação, o que provavelmente fez desenvolver uma maior simpatia¹¹⁷. Ele sempre foi consistente em relação às suas suspeitas sobre as maquinações do Império, sempre cauteloso e desconfiado em seus conselhos como agente. Durante esse período, ganhou a hostilidade genuína de Buenos Aires e portenhos como Mitre, que o agredia com frequência nos jornais locais e que se encontrava no momento, ocupando a cadeira de presidente de uma nova Argentina. Em outras palavras, com contribuição paraguaia ou não, o letrado tinha muitos motivos para se lançar nesse ciclo de escritos combativos da maneira como se lançou de corpo e alma, papel e tinta.

Na imprensa do Rio de Janeiro durante os anos da guerra, essa dedicação teve repercussões, o letrado é retratado como um indivíduo de moral questionável que possuía um antigo “ódio hidrophobico” a ponto de ser alcunhado de “grande inimigo”, esses epítetos usados pelos jornais fluminenses, e o conteúdo dos artigos a eles associados, nos mostram o alcance e o impacto que tiveram esses escritos do letrado. Aqueles que tiveram contato com os mesmos, se sentiram na necessidade de informar para a opinião pública na capital brasileira que o argentino estava lutando, na arena dos impressos, contra o Império naquela conjuntura de guerra.

Se na imprensa da capital imperial, era chamado de “inimigo”, em seu próprio país, os insultos adquiriram um novo significado para uma antiga animosidade. Esta não seria a primeira vez que o letrado seria relacionado a uma miríade de adjetivos negativos, mas de traidor da pátria não foram muitas, principalmente no contexto dramático de uma guerra internacional.

¹¹⁷ Alberdi desenvolveu uma amizade próxima com o paraguaio Gregório Benítez, que no decorrer da guerra se tornaria o Encarregado de Negócios na França. Mostrando uma afinidade ainda maior do letrado com a causa paraguaia. In: ALBERDI, Juan Bautista y VILLANUEVA, Francisco. *Correspondencia epistolar 1855-1881: Selección, Edición crítico-genética, Estudio preliminar de Lucila Pagliai*, 1º edición. San Martín: Universidad Nacional de Gral. San Martín. UNSAM EDITA, 2015.

Na República da Argentina, Mitre conseguiu convencer a opinião pública de muitas províncias em seus jornais a advogar a favor da guerra. Em Buenos Aires, por sua vez, nem tudo era mitrismo, e os escritos de Alberdi se espalharam por lá com grande força. A segurança providenciada pela distância do exílio deu ao letrado a oportunidade de ousar defender o Paraguai de forma muito mais contundente que a opinião pública em solo argentino, que, embora tenha criticado o envolvimento no conflito, nunca deixou de justificar a guerra e demonizar a figura de López. Essa postura acarretou consequências para Alberdi que foi acusado de ser o grande traidor da pátria, tão traidor que não era mais argentino, mas paraguaio. Praticamente o mesmo discurso de traição mobilizado pelo letrado quando chamava os mitristas de abasileirados e o próprio Mitre de instrumento do Império. Ser argentino era diferente do outro e as traições foram designadas em termos nacionais.¹¹⁸

Essa batalha pela narrativa de qual a verdadeira causa argentina na guerra, é um dos reflexos dos anos de disputas políticas internas daquele país, nessas disputas os nomes de Alberdi, Mitre e outros que atuavam na cena política ou na imprensa já eram associados a projetos nacionais conflitantes com já explicitado anteriormente.

Na imprensa fluminense, o letrado não aparentava ter partidários, a hostilidade fora declarada abertamente e seu nome não era atribuído a uma situação mais complexa de disputas por identidade nacionais¹¹⁹. Nem tudo era conotação negativa atrelada ao nome Alberdi. Em meio a desconfiças, acusações e declarações de inimizades, o legado intelectual do argentino parecia ecoar pelas páginas do Rio de Janeiro. Semelhante ao ano de 1865, no início da guerra, sua obra *Bases y puntos de partida* tem um trecho completo em que critica a constituição paraguaia em um artigo direcionado contra o governo de López. No Brasil, poucos meses após ser chamado de “inimigo”, o mesmo *Diário do Rio de Janeiro* publica um artigo em uma seção chamada “Imprensa Americana”, com o

¹¹⁸ BARATTA, Victoria. *La Guerra del Paraguay y el proceso de construcción de la identidad nacional argentina (1864-1870)*. Buenos Aires, 2013. 335 páginas. Tesis de doctorado-UBA. p.222.

¹¹⁹ BARATTA, Victoria. *Las fronteras de una alianza*. Guerra del Paraguay e identidad en la obra de Juan Bautista Alberdi. *Ideação*, v. 13, n. 1, p. 123–137, 2011.

artigo “Lei de Nacionalidade”, apenas atribuído a um “interessante artigo da imprensa do Rio da Prata”, que critica a lei de nacionalidade adotada no Uruguai naquele contexto. Considerando-a retrógrada no tocante a questão de ceder nacionalidade uruguaia para estrangeiros que ali queriam povoar o país, como recurso comparativo se utiliza do passado colonial e da imagem negativa construída do Paraguai de López, associado ao atraso e a barbárie pelos propagandistas da Tríplice Aliança.¹²⁰

Como argumento intelectual de autoridade, cita partes da obra do letrado que abordaram o assunto sobre a constituição paraguaia para reforçar a sua posição, trechos que já haviam sido usados em 1865.

Os embaraços que nossa constituição oppõe a aquisição dos direitos de nacionalidade,[...]são o reflexo mais vivo do systema egoísta daquela época[...]O mais frisanete exemplo desta verdade nos apresenta o Paraguay em sua tyrannica situação e torpe fanatismo. “A constituição paraguaya, diz Alberdi em *suas bases da constituição Argentina*, contém os meios de despovoar o Paraguay de seus habitantes estrangeiros chamados para desenvolver seu progresso e bem estar. Esse systema que garante para o Paraguay a conservação de uma população exclusivamente paraguaya; o torna inhabil para industria e para liberdade.”¹²¹

O artigo, mesmo sendo traduzido de um órgão de imprensa internacional, é claramente realizado por opositores do Paraguai. Aqui podemos notar que uma das principais obras intelectuais de Alberdi é utilizada novamente para servir de crítica, ou neste caso, um reforço argumentativo por parte do autor. Isso nos revela que mesmo sendo chamado publicamente por esse mesmo periódico de “inimigo” alguns meses atrás, o legado intelectual era reproduzido e seu nome mencionado sem alguma animosidade, mostrando que também fora mobilizado e mencionado em artigos contra a causa do Paraguai.

Conforme a guerra se prolongava, a natureza do regime republicano na Argentina voltava a se manifestar com novas eleições presidenciais, fato que foi relatado pela imprensa fluminense, que tinha interesse em acompanhar de perto o

¹²⁰ *Diário do Rio de Janeiro*: n° 111, 06/05/1867. p.1.

¹²¹ *Diário do Rio de Janeiro*: n° 111, 06/05/1867. p.1.

câmbio de poder do aliado que já possuía um histórico volátil em sua política. No *Jornal do Commercio* foi anunciado havia um grande “numero dos candidatos ao cargo de presidente da republica. Entre elles apontavão o D. Juan Bautista Alberdi, federal¹²², D. Justo José de Urquiza, D. Rugfino de Elizalde, D. Domingos F. Sarmiento, D. Guilherme Ranson e D. Adolfo Alsina.[...]”¹²³

A vitória desta eleição foi de Domingo Faustino Sarmiento e o letrado aparentemente ficou em terceiro lugar, como fora relatado pela imprensa fluminense.¹²⁴ Essa eleição para o letrado, significava a continuação de seu desterro na Europa, Sarmiento fora de fato, um inimigo declarado abertamente de sua pessoa e de suas ideias.¹²⁵ Alberdi, ao mesmo tempo que ansiava retornar para sua pátria, tinha receios de encontrar uma Argentina hostil a sua pessoa e que o censurasse em uma de suas vocações em vida, que era escrever e publicar suas ideias.

[...]¿qué haría yo en la patria bajo a un Gobierno hostil, ni como abogado? ¿ Cree V. que Sarmiento, si saliere efectivamente electo, me trataria de otro modo a Mitre? Lo que puedo asegurarle, por mi parte, es que estoy resuelto a respetar todo Gobierno, por antipático que me sea, que no me sea hostil, sin que esa disposición importe una abdicación de mi derecho de opinar y obrar en disidencia legal y permitida.¹²⁶

Com o fim do conflito se aproximando, a imprensa no império se encontrava dividida entre críticas e justificativas para um confronto tão desastroso, López continuava sendo o verdadeiro vilão dessa narrativa fluminense, mas a incompetência da elite dirigente e do Imperador passaram a ser alvos na imprensa. Era tão grave a situação no ano de 1868 que o *Jornal do Commercio*, notório apologista das políticas do Império ao longo de sua existência, passou a denunciar em suas páginas o dano causado as finanças do

¹²² A palavra “federal” aparece solitária nesta notícia antes do nome de Urquiza. Em meio aos nomes dos candidatos não aparece nada mais de semelhante ou relacionado a “unitário”.

¹²³ *Jornal do Commercio*: nº 135, 16/05/1867. p.1

¹²⁴ *Correio Mercantil*: nº 141, 22/05/1867. p.1.

¹²⁵ MAYER, J. M. *Op. Cit*, p. 752.

¹²⁶ Carta de Alberdi a Villanueva. Caen, 31 de agosto de 1868. In: ALBERDI, Juan Bautista y VILLANUEVA, Francisco. *Op. Cit*, p.132.

Brasil, exigindo o fim urgente da guerra, em seu desespero, sugeria a contratação de mercenários para dar cabo a luta.¹²⁷

Em meio a pressões por parte da imprensa fluminense para uma maior destreza na conclusão da guerra, o nome do letrado seria mencionado uma última vez nessa década na imprensa do Rio de Janeiro, mais uma vez acompanhado de seu legado intelectual, sem hostilidades ou menções de seus escritos combativos. No *Correio Mercantil* na seção intitulada “Imprensa Oriental” com a tradução do artigo “Sempre o Brasil” do *El Heraldo de Montevideo*.

De linguagem apologética em relação à condução da política externa do Império na região do Prata, o autor afirma que o Brasil é sempre acusado de maneira injusta por seus adversários. Apoiando a Tríplice Aliança, o escrito se inicia fazendo uma breve recapitulação da atuação do Império desde da década de 1850.

Quem foi que salvou em 1851 a independencia, a liberdade das republicas do Prata? O Brasil. Quem foi que salvou em 1865, prestando seu poderoso auxilio á revolução ameaçada pela aliança do partido *blanco*, do *federal* e de Lopez? O Brasil. A quem recorrerão, pedindo apoio[...]? Ao Brasil. O que exigiu este[...]? Nada. Qual é o fundamento histórico para abrigar a menor suspeita de que haja praticado ou pratique com um fim secundário, professando amizade ao povo oriental e fazendo o que bem pôde? Nenhum; Alberdi mesmo o disse em seu livro da *Organizacion*¹²⁸, e por certo sua palavra não pode ser duvidosa.¹²⁹

Em sua menção final na década de 1860 na imprensa do Rio de Janeiro em tempos finais da Guerra com o Paraguai, Alberdi tem uma de suas maiores coletâneas de produção intelectual no quesito de reflexões e discursos pragmáticos para pensar a sua nação na situação internacional do Prata. Nas obras, menciona

¹²⁷ DORATIOTO, Francisco. *Op. Cit.*, p.275

¹²⁸ A obra a qual ele está se referindo é a *Organización política y económica de la Confederación Argentina*. Que era uma reunião das seguintes obras de Alberdi que foram publicadas em 1856 em formato de livro. Continha *Bases y puntos de partida para la organización política de la República Argentina*; *Elementos del Derecho Público provincial argentino*; *Sistema económico y rentístico de la Confederación Argentina*; *De la integridad nacional de la República Argentina, bajo todos sus gobiernos*.

¹²⁹ *Correio Mercantil*: nº 265, 26/09/1868 p.1.

praticamente todos os beligerantes do conflito, e um outro contexto obviamente, mas que ainda era aplicado no contexto de guerra. O curioso é que no ano seguinte da afirmação de que “sua palavra não pode ser duvidosa” aparecer na imprensa fluminense, o letrado realiza um último esforço em seu combate de pena e papel e publicaria um compêndio de seus panfletos produzidos durante a guerra.

Alberdi acrescentaria uma introdução de setenta e duas páginas ao que foi sua última obra a ser publicada, o “*El Imperio del Brasil ante las democracias de América*”. Se não havia conseguido salvar vidas argentinas e o Paraguai na guerra, daria um último suspiro em pelo menos denunciar para as repúblicas fraternas da região do Prata, os perigos de se ter em suas fronteiras uma monarquia decadente com ambições expansionistas. O livro, pelo menos até o final da década de 1860, não foi mencionado nas páginas da imprensa do Rio de Janeiro. Já em Buenos Aires, para sua surpresa, a obra fora elogiada pelo *La República*, afirmando que a obra do tucumano era um importante material de estudo e aprendizado para entender a nação.

A guerra acabaria um ano após a publicação do livro. O letrado, por mera sorte ou por capacidade de analisar diversos fatores que influenciavam na política externa e interna daquele conjunto de nações, havia feito “previsões alberdianas” ao longo desse ciclo de escritos que de certa maneira se realizaram, principalmente em relação ao Império. Mesmo com a vitória, a guerra arruinou as finanças do Brasil o que contribuiu para o descontentamento interno acarretando para a crise do regime monárquico nos trópicos, resultando no avanço da alternativa republicana como possibilidade de experiência política. A abolição da escravidão e a proclamação da república, sendo as análises preditivas mais certas do letrado.

Em setembro de 1879, após vinte quatro anos vivendo no Velho Mundo, Juan Bautista Alberdi retornava à nação que tanto dedicou sua capacidade intelectual para moldá-la de acordo com seus ideais e projetos nacionais. Uma Argentina onde seus velhos amigos não estavam mais ali, encontrando apenas alguns membros da antiga *Generación de 37*.

A estadia do letrado em seu país duraria muito pouco, os fantasmas de sua cruzada contra a Guerra do Paraguai e a Argentina mitrista voltariam para

assombra-lo. Incorporados, principalmente na figura de seu antigo inimigo, Bartolomé Mitre, este iniciou uma nova campanha de ataques a tudo que o letrado representava ou produziu ao longo desses anos, sob o pretexto do “ódio por Buenos Aires que deixava transbordar em suas obras”. Cansado e com pouca saúde para enfrentar o bom combate das palavras, o letrado retornou para França, onde nunca mais veria a sua Argentina novamente, vindo a falecer no ano de 1884.

A triste ironia na trajetória de um indivíduo como Alberdi que dedicou uma boa porção de sua vida devotado a um projeto de construção nacional, foi de padecer longe de seu país de origem. O letrado passou quarenta e três anos distante, mas em momento algum deixou de se sentir responsável por aquilo que acreditava ser o caminho certo para a organização de sua pátria. Talvez seu olhar “de fora” tenha colaborado para ampliar a sua sensibilidade na compreensão das peculiaridades locais e serviram de inspiração para produzir seus escritos.

Nas palavras do próprio: “*La vida de un ausente, que no há salido de su pais.*”¹³⁰

¹³⁰ ALBERDI, E.P. TOMO XV In: TERÁN, Oscar. *Las palabras ausentes*: para leer los Escritos póstumos de Alberdi. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2004, p.121.

Conclusão

As três décadas que se seguiram após o seu exílio em 1838 foram de uma grande intensidade na trajetória de vida de Alberdi e de certa maneira, o mundo o qual fazia parte. No contexto em que estava inserido, o letrado participou ativamente de uma oposição política quando jovem, em uma dimensão regional até ser lançado para um mundo que se adentrava cada vez mais em um mundo cada vez mais interconectado. Um período onde acontecimentos dos mais drásticos, a exemplo de conflitos entre Estados, aos mais simples como a disseminação de um panfleto político com ideias polêmicas e divergentes, poderiam de alguma maneira influenciar, direta ou indiretamente, outras regiões.

Essa propagação de informação no século XIX, possibilitou que suas ideias, escritos e obras circulassem entre os espaços, inseridas nesse complexo contexto de planejamento e concepções de projetos que dariam forma a um Estado nacional. Mesmo produzindo de um lugar o qual o letrado tinha consciência de sua participação com um projeto nacional, em outras palavras, a “causa nacional” sendo uma verdadeira força motriz por trás de suas motivações e inspirações para produzir, debater e de certa maneira, lutar na arena impressa.

Analisando de forma mais ampla seus escritos trazem uma lente valiosa sobre como o letrado percebia o Império com todas suas mazelas e especificidades. Nos revelando impressões a respeito de como Alberdi percebia o Império do Brasil nas diferentes etapas de sua vida. Variando entre uma monarquia com regime estável capaz de auxiliar no câmbio do regime que havia lhe enviando para o exílio, possibilitando um novo projeto nacional. Passando por um império com objetivos ulteriores na condução de sua política externa na região do Prata, capaz de colocar a soberania do Estado que servia em risco. E finalmente culminando na soma de todos os seus medos, um regime com ambições expansionistas que manipulava aliados e esmagava inimigos, que levava a guerra contra a brava resistência do povo paraguaio. Uma anomalia do antigo regime em um continente onde a maioria das nações tinha optado pelas experiências republicanas.

Através desses registros, nos quais o Império faz parte de muitas das produções intelectuais do letrado, em um contexto de crescente circulação de informação, foi inevitável que alguns alcançassem o Rio de Janeiro e que os mesmos fossem expostos para o público através da imprensa local. Neste sentido, a imprensa serviu como mais que um espaço onde escritos foram citados e se desenvolvia ideias sobre o letrado, servia como um mecanismo uma constante leitura política sobre o que este indivíduo produzia sobre o Brasil.

A importância de um trabalho sobre o letrado e sua atuação política se apresenta para a historiografia brasileira, primeiramente, porém também se coloca para a historiografia argentina através do olhar cruzado. A República Argentina nasceu como uma colcha de retalhos, composta por inúmeros projetos, experiências, Constituições, pactos, articulações, disputas entre os atores políticos que atravessaram o século XIX. Das tantas experiências e possibilidades de analisar este processo, fica a busca pela soberania, a liberdade e a construção de uma história legitimamente argentina. No meio do caminho, a figura de Alberdi, suas palavras, a escrita crítica e reflexiva sobre seu tempo e a atuação política na imprensa que incrementou um processo político cheio de nuances e deu forma à esta pesquisa.

6

Bibliografia

ALBERDI, Juan Bautista. El Imperio del Brasil ante la Democracia de América: Colección de los últimos Escritos dados á luz por Don. J. B. ALBÉRTI, Ex-Ministro de la Republica Argentina en Paris y Londres. Paris, Imprenta A.-E. Rochette, 1869.

ALBERDI, Juan Bautista, Obras Completas. Tomo III. Buenos Aires: Imp. Lit. Y Enc. de La Tribuna Nacional, 1886.

ALBERDI, Juan Bautista. Sistema económico y rentístico de la confederación argentina, según su Constitución de 1853. In: Obras Completas de J.B. Alberdi, Tomo IV. Buenos-Aires. IMP, LIT. Y ENC. DE "LA TRIBUNA NACIONAL" Bolívar 38. 1886.

ALBERDI, Juan Bautista. Del gobierno en Sud-América según las miras de su revolución fundamental, en Escritos póstumos, Buenos Aires, "Imprenta Europea" de M. A. Rosas, 1896, t. IV.

ALBERDI, Juan Bautista. Escritos Postumos de Juan Bautista Alberdi, Memorias y Documentos: Tomo XVI. Buenos-Aires: Imprenta Juan Bautista Alberdi, 1901.

ALBERDI, Juan Bautista y VILLANUEVA, Francisco. Correspondencia epistolar 1855-1881: Selección, Edición crítico-genética, Estudio preliminar de Lucila Pagliai, 1º edición. San Martín: Universidad Nacional de Gral. San Martín. UNSAM EDITA, 2015.

ALBERDI, Juan Bautista Bases y puntos de partida para la organización política de la República Argentina / Juan Bautista Alberdi; incluye prólogo de Matías Farías. – Buenos Aires : Biblioteca del Congreso de la Nación, 2017.

ANDERSON, Benedict. Imagined communities: reflections on the origin and spread of nationalism. London: Verso, 2006.

ARAMBURO, M. J. "La República del Río de la Plata": El Estado de Buenos Aires y la nación en 1856. Boletín del Instituto de Historia Argentina y Americana Dr. Emilio Ravignani, n. 49, 8 jul. 2018.

BARATTA, V. LAS FRONTERAS DE UNA ALIANZA. GUERRA DEL PARAGUAY E IDENTIDAD EN LA OBRA DE JUAN BAUTISTA ALBERDI. Ideação, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 123–137, 2011. DOI: 10.48075/ri.v13i1.5612. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/ideacao/article/view/5612>. Acesso em: 09 set. 2021

BARATTA, Victoria. La Guerra del Paraguay y el proceso de construcción de la identidad nacional argentina (1864-1870). Buenos Aires, 2013. 335 páginas. Tesis de doctorado-UBA.

BARATTA, Maria Victoria. ¿Aliados o enemigos? Las representaciones de Brasil en el debate público argentino durante la Guerra del Paraguay, 1864-1870. In: rev. hist. (São Paulo), n. 172, p. 43-75 jan-jun2015 <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9141.rh.2015.89558>

BARROS, Carolina (comp.). Alberdi Periodista en Chile. Buenos Aires: Imprenta Verlap, 1997.

BASILE, Marcelo. O laboratório da nação: a era regencial (1831-1840). In: Grinberg, Keila; Salles, Ricardo (Org.). O Brasil imperial (1831-1870). v.2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

BRASIL, Bruno. Ostensor Brasileiro: Jornal Litterario e Pictoreal. www.bn.gov.br. 06 de Abril de 2015. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/ostensor-brasileiro-jornal-litterario-e-pictoreal/>. Acesso em: 03/12/2020.

BRAUDEL, Fernando. Civilização Material, Economia e Capitalismo-séculos XV-XVIII-O Tempo do Mundo. São Paulo: Martins Fontes, 3º volume, 1996.

BREZZO, Liliana M. (UCA / CONICET). (2007). Los mecanismos de exaltación de Juan Bautista Alberdi en Paraguay: entre las responsabilidades nacionalistas y el revisionismo histórico. XI Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia. Departamento de Historia. Facultad de Filosofía y Letras. Universidad de Tucumán, San Miguel de Tucumán.

CÁRCANO, Ramón J., Urquiza y Alberdi, intimidades de una política, Buenos Aires, Imprenta J. Belmonte, Primera edición, 1938.

CHIGNOLA, Sandro. Global Spaces/Global Times: Reconsidering the History of Political Concepts, Conceptos Históricos, Año 6, Nº. 9, pp. 200-221.

CONRAD, Sebastian. What is Global History? Princeton: Princeton University Press, 2016.

DORATIOTO, Francisco O conflito com o Paraguai: a grande guerra do Brasil. São Paulo: Editora Ática S.A., 1996.

DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

DORATIOTO, Francisco. O Brasil no Rio do Prata (1822-1994). Brasília: FUNAG, 2014.

FARÍAS, Matías. Prólogo. In: Alberdi, Juan Bautista Bases y puntos de partida para la organización política de la República Argentina / Juan Bautista Alberdi; incluye prólogo de Matías Farías. – Buenos Aires : Biblioteca del Congreso de la Nación, 2017.

FERRETTI, Federico, « Breve cronologia da vida de Élisée Reclus (1830-1905) », Terra Brasilis (Nova Série) [Online], 7 | 2016, posto online no dia 09 dezembro 2016, consultado o 14 novembro 2019. URL:<http://journals.openedition.org/terrabrasilis/1764>;

FIGUEIREDO, A. G. DE B.; BRAGA, M. B. Simón Bolívar e o Congresso do Panamá: o primeiro integracionismo latino-americano. Passagens: Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica, v. 9, n. 2, p. 308-329, 31 maio 2017.

GAGLIARDO, V. C. . O papel pedagógico dos jornalistas no Rio de Janeiro oitocentista. Intellèctus (UERJ. Online) , v. 14, p. 127-141, 2015.

GUILHOU, Dardo Pérez. El pensamiento conservador de Alberdi y la Constitución de 1853. Ediciones Depalma. Buenos Aires. 1984.

GOLDGEL, Víctor. *Cuando lo Nuevo Conquistó América. Prensa, Moda y Literatura en el siglo XIX*. Buenos Aires: Siglo, 2014.

MARTINS, Ana Luiza. Imprensa em tempos de Império. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina (Orgs.). História da imprensa no Brasil. São Paulo: Contexto, 2008.

MATTOS, Ilmar Rohloff de. O tempo Saquarema. São Paulo: HUCITEC; Brasília: INL, 1987.

MAYER, J. M. *Alberdi y su tiempo*. Buenos Aires: Eudeba, 1963.

MYERS, Jorge. A Revolução de independência no Rio da Prata e as origens da nacionalidade argentina (1806-1825). PAMPLONA, Marco Antonio, SÁ, Maria Elisa Noronha de (orgs). In: Revoluções de independências e nacionalismos nas Américas. Região do Prata e Chile. SP: Paz e Terra, Coleção Margens, vol. 1, 2007

MYERS, Jorge. Músicas distantes. Algumas notas sobre a história intelectual hoje: horizontes velhos e novos, perspectivas que se abrem. In: SÁ, Maria Elisa Noronha (org.) História intelectual latino-americana: itinerários, debates e perspectivas. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2016.

MOREL, Marco. Os primeiros passos da palavra impressa. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina (Orgs.). História da imprensa no Brasil. São Paulo: Contexto, 2008.

MYERS, Jorge. *La revolución en las ideas: la generación romántica de 1837 en la cultura y en la política argentinas*. In: GOLDMAN, Noemí. *Nueva História Argentina*. Tomo 3. Buenos Aires: Sudamericana, 1998.

MYERS, Jorge. *A Revolução de independência no Rio da Prata e as origens da nacionalidade argentina (1806-1825)*. PAMPLONA, Marco Antonio, SÁ, Maria Elisa Noronha de (orgs). In: *Revoluções de independências e nacionalismos nas Américas. Região do Prata e Chile*. SP: Paz e Terra, Coleção Margens, vol. 1, 2007.

PAGLIAI, Lucila, « Alberdi y el Brasil en los escritos del Ciclo de la Guerra del Paraguay: las funciones de una visión en bloque », Nuevo Mundo Mundos Nuevos [Online], Colóquios, posto online no dia 27, Março, 2009, consultado 07, Dezembro, 2015. URL: <http://nuevomundo.revues.org/55609> ; DOI: 10.4000/nuevomundo.55609

PAGLIAI, L. Alberdi y la Guerra del Paraguay: las cartas del "ilustre finado" en la operación cultural de la <i>Epopéya</i>. Filología, n. 44, p. 165-182, 11.

PLAZA, CF. Imaginário Gótico e intencionalidad política en Amalia, de José Marmól. Itinerários, Araraquara, n. 47, p. 83-99, jul./dez. 2018.

SA, Maria Elisa Noronha de. JUAN BAUTISTA ALBERDI E O IMPÉRIO DO BRASIL OLHARES CRUZADOS SOBRE A CONSTRUÇÃO DAS NAÇÕES NO SÉCULO XIX. Almanack, Guarulhos, n. 25, ea00619, 2020. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-46332020000200505&lng=en&nrm=iso>. access on 04 Jan. 2021. Epub Sep 07, 2020. <https://doi.org/10.1590/2236-463325ea00619>.

SABATO, Hilda. Historia de la Argentina, 1852-1890, Buenos Aires, Siglo XXI, 2012.

SCHULZ-FORBERG, H. (2013). The spatial and temporal layers of global history: a reflection on global conceptual history through expanding Reinhart Koselleck's Zeitschichten into global spaces. Historical Social Research, 38 (3), 40-58. <https://doi.org/10.12759/hsr.38.2013.3.40-58>

SCHWARCZ Lilia Moritz. Brasil: uma biografia / Lilia Moritz Schwarcz e Heloisa Murgel Starling – 1º ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SODRÉ, Nelson Werneck. História da imprensa no Brasil.- Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A., 1966.

TERÁN, Oscar. Las palabras ausentes: para leer los Escritos póstumos de Alberdi. Buenos Aires: Fundo de Cultura Económica, 2004.

TERNAVASIO, Marcela. Historia de la Argentina. 1806-1852. Siglo XXI, Buenos Aires, 2009.

THOMAZ PEREIRA, Affonso Celso. A terceira margem do Prata. Alberdi, Sarmiento e a conformação do discurso republicano na imprensa chilena, 1841-1852. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2015.

WASSERMAN, Fabio. La libertad de imprenta y sus límites: prensa y poder político en el Estado de Buenos Aires durante la década de 1850. Almanack Braziliense. São Paulo, nº10, p. 130-146, nov. 2009.

Fontes primárias

ALBERDI, Juan Bautista. *Las disensiones de las Repúblicas del Plata y las maquinaciones del Brasil*. Paris, 1865. In: Alberdi, Juan Bautista. **El Imperio del Brasil ante la Democracia de América**: Colección de los últimos Escritos dados á luz por Don. J. B. ALBÉRDI, Ex-Ministro de la Republica Argentina en Paris y Londres. Paris, Imprenta A.-E. Rochette, 1869.

ALBERDI, Juan Bautista. *En Rio de Janeiro*; Escritos Postumos de Juan Bautista Alberdi, Memorias y Documentos: Tomo XVI. Buenos Aires: Imprenta Juan Bautista Alberdi, 1901.

O Americano: n° 117, 31/10/1848.

O Americano: n° 194, 01/08/1849.

Correio Mercantil: n° 43, 13/02/1856.

Correio Mercantil: n° 281, 12/10/1856.

Correio Mercantil: n° 281, 16/10/1858.

Correio Mercantil: n° 07, 07/01/1859.

Correio Mercantil: n° 105, 16/04/1859.

Correio Mercantil: n° 82, 23/03/1860.

Correio Mercantil: n° 97, 07/04/1860.

Correio Mercantil: n° 141, 22/05/1867.

Correio Mercantil: n° 290, 21/10/1867.

Correio Mercantil: n° 265, 26/09/1868.

Diário do Rio de Janeiro: n° 281, 15/12/1843.

Diário do Rio de Janeiro: n° 7131, 09/02/1846

Diário do Rio de Janeiro: n° 54, 29/11/1855.

Diário do Rio de Janeiro: n° 289, 30/10/1858.

Diário do Rio de Janeiro: n° 290, 31/10/1858.

Diário do Rio de Janeiro: n° 292, 03/10/1858.

Diário do Rio de Janeiro: n° 294, 05/10/1858

Diário do Rio de Janeiro: n° 14, 7 e 8/04/1860

Diário do Rio de Janeiro: n° 125, 08/07/1860.

Diário do Rio de Janeiro: n° 6, 06/01/1863.

Diário do Rio de Janeiro: n° 15, 17/01/1867.

Diário do Rio de Janeiro: n° 111, 06/05/1867.

Jornal do Commercio: n° 283, 12/10/1856.

Jornal do Commercio: n° 337, 07/12/1859.

Jornal do Commercio: n° 354, 24/12/1859.

Jornal do Commercio: n° 82, 23/03/1860.

Jornal do Commercio: n° 97, 07/04/1860.

Jornal do Commercio: n° 78, 19/03/1865.

Jornal do Commercio: n° 171, 21/06/1865.

Jornal do Commercio: n° 135, 16/05/1867.

La Cronica: n°510, 30/01/1856.

Ostensor Brasileiro: Ano 1845, n° 37.

Ostensor Brasileiro: Ano 1845, n° 38.

Ostensor Brasileiro: Ano 1845, n° 39.

Ostensor Brasileiro: Ano 1845, n° 40.

Ostensor Brasileiro: Ano 1845, n° 41.